J. KRISHNAMURTI

NOVO ACESSO À VIDA

J. KRISHNAMURTI

Novo Acesso à Vida

NOVO ACESSO À VIDA

(Conferências, com perguntas e respostas, realizadas em Bangalore, Índia em 1948).

DO MESMO AUTOR:

A Canção da Vida (Poemas)
A Arte da Libertação
Da Insatisfação à Felicidade
Viver sem Confusão
Nós somos o Problema
Porque não te satisfaz a vida?
A Conquista da Serenidade.
Solução para os nossos conflitos.
O que te fará feliz? (esgotado)
Uma Nova Maneira de Viver.
O Egoísmo e o Problema da Paz.
O Mêdo (Segunda edição, esgotada).
Autoconhecimento, Correto Pensar, Felicidade (Primeira edição, esgotada).
A Luta do Homem. (esgotado)
A Finalidade da Vida.
Que o Entendimento seja Lei.
O Caminho da Vida.
Palestras no Brasil. (esgotado)
Palestras no Chile e México.
Palestras no Uruguai e na Argentina.
Idem em Ommen, 1936. (esgotado)
Idem em Ojai, Califórnia, 1936. (esgotado)
Idem em Nova Iorque, Eddington e Madastra, 1937.
Acampamento em Ommen, 1937/38.
Adyar, Índia, 1933/34. (esgotado)
Auckland, 1934. (esgotado)
Ojai e Sarobia,1940. (esgotado)

NOTA: *Os originais em inglês das obras acima encontram-se à venda, também, na sede da Instituição Cultural Krishnamurti, na Avenida Rio Branco, 117, sala 203, Rio de Janeiro. Tel.: 52-2697.*

J. KRISHNAMURTI

NOVO ACESSO À VIDA

TRADUÇÃO
DE
Hugo Veloso

★

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
AVENIDA RIO BRANCO, 117 — sala 203
Rio de Janeiro — Brasil

I

Em vez de fazer um discurso, vou responder ao maior número possível de perguntas, e antes disso desejo salientar uma coisa com relação ao responder a perguntas. Uma pessoa pode fazer qualquer pergunta, mas para ter uma resposta adequada é preciso que a pergunta seja também adequada. Se é uma pergunta séria, feita por uma pessoa séria, uma pessoa sincera que busca a solução de um problema muito difícil, ter-se-á, então, òbviamente, uma resposta consentânea com a pergunta. Mas em geral o que acontece é serem enviadas perguntas em barda, muitas delas sobremodo absurdas, e exigirem-se respostas a tôdas elas. Parece-me um grande desperdício de tempo fazer perguntas superficiais, e esperar respostas muito sérias. Tenho aqui várias perguntas, e vou tentar respondê-las do ponto de vista que me parece mais judicioso; e se me é permitido sugerí-lo, uma vez que é pequeno o auditório, não haverá inconveniente em que me interrompais, quando a resposta não fôr muito clara, de modo que possamos discutir a questão, conjuntamente.

PERGUNTA: Que pode fazer o homem médio e íntegro, para pôr fim ao nosso problema comunal?

KRISHNAMURTI: É bem evidente que a tendência para o separatismo está-se alastrando pelo mundo inteiro. Cada uma das sucessivas guerras

está criando mais separatismo, mais nacionalismo, mais governos soberanos, etc. Principalmente na Índia, o problema da dissensão comunal está-se avolumando cada vez mais. Por que? Em primeiro lugar, naturalmente, porque as pessoas estão à cata de empregos. Quanto mais governos separados existirem, tanto mais empregos haverá; mas essa é uma política muito míope, não achais? Porque, no final de tudo, a tendência do mundo ir-se-á acentuando no sentido da federação, e não do constante fracionamento. Por certo, qualquer pessoa íntegra que reflita realmente sôbre esta situação — que não é apenas um assunto hindu, porém mundial — deve antes de tudo estar livre do nacionalismo, não sòmente em questões de Estado, mas em pensamento, em ação, em sentimento. Afinal de contas, o comunalismo é mera ratificação do nacionalismo. O pertencer a um determinado país, uma determinada raça ou grupo de indivíduos, ou a uma determinada ideologia, cria uma tendência cada vez maior para separar os indivíduos, para gerar o antagonismo e o ódio entre os homens. Tal não é, evidentemente, a solução para o caso mundial. Nessas condições, o que cada um de nós pode fazer é abandonar o comunalismo: podemos deixar de ser brahmanes, deixar de pertencer a qualquer casta ou a qualquer nação. Mas isso é dificílimo, uma vez que pela tradição, pela ocupação, pela tendência, estamos condicionados por um determinado paradigma de ação; e o desprender-nos do mesmo é extremamente difícil. Podemos desejar desprender-nos, mas a tradição de família, a ortodoxia religiosa, tudo isso no-lo impede. São só os homens de boa vontade que deveras desejam o bom entendimento com outros, que de fato desejam ser amistosos; e só êstes homens se libertarão de tôdas as limitações geradoras do caos.

Assim sendo, parece-me que para se pôr fim ao conflito comunal, precisamos começar por nós mesmos, sem esperar pela ação de outra pessoa, da legislação ou do govêrno. Porque, afinal de contas, nem a compulsão nem a legislação resolvem o problema. O espírito de comunalismo, de separatismo, de pertencer a uma determinada classe ou ideologia, a uma religião, acaba criando conflito e antagonismo entre os seres humanos. A benevolência não se instaura pela compulsão e, por certo, o recurso à compulsão não constitui solução alguma. Nestas condições, a solução consiste em que cada um, em que cada indivíduo, em que vós e eu nos desvencilhemos do espírito comunal, do nacionalismo. Não é esta a única maneira de sairmos dessa dificuldade? Porque, enquanto a mente e o coração não estiverem dispostos a ser francos e benevolentes, a mera compulsão ou legislação não há de resolver o problema. Assim, é bem óbvio que o dever de cada um de nós, que vivemos numa determinada comunidade, numa determinada nação ou grupo de indivíduos, o dever de cada um de nós é o de desvencilhar-nos do estreito espírito de separatismo.

A dificuldade é que a maioria de nós tem tribulações. A maioria de nós concorda com o ideal de nos libertarmos e criarmos um mundo novo, uma nova ordem de idéias, etc., mas assim que voltamos às nossas casas, tão forte é a compulsão das influências ambientes, que recaimos nas velhas rotinas — e aí é que está a maior dificuldade, não é certo? Intelectualmente, estamos de acôrdo quanto ao absurdo da discórdia comunal, mas bem poucos de nós se dão ao trabalho de pensar com profundeza na questão e descobrir as suas causas constitutivas. O pertencer a qualquer grupo determinado, seja de

ação social ou de ação política, faz nascer antagonismo, separatismo; e a revolução real não se opera quando seguimos qualquer ideologia, porque a revolução baseada em ideologia gera antagonismos, em níveis diferentes, e é por conseguinte uma continuação do mesmo estado de coisa. Assim, a dissenção comunal, òbviamente, só poderá terminar quando percebermos todo o absurdo da ação separada, de uma ideologia particular, de uma determinada moral ou religião organizada — seja o cristianismo, o hinduismo, seja qualquer outra religião organizada e limitada.

Comentário do Auditório: Tudo isso parece muito convincente, mas, na prática, é dificílimo; pois, como dizeis, quando voltamos às nossas casas, os mais de nós somos pessoas inteiramente diferentes do que somos aqui. Escutamos o que dizeis e refletimos a seu respeito mas o resultado depende de cada um de nós. Há sempre êsse "mas".

Comentário do Auditório: Êsse movimento no sentido de abolir a religião organizada pode transformar-se numa religião organizada.

KHISNAMURTI: Como assim, senhor?

Comentário do Auditório: Por exemplo, nem Cristo, nem Ramakrishna Paramahamsa desejavam uma religião organizada; mas, esquecendo a verdadeira essência dos seus ensinamentos, os indivíduos construiram em tôrno dêles religiões organizadas.

KRISHNAMURTI: Por que procedemos assim? Não é porque desejamos sentir-nos em segurança?

Comentário do Auditório: Tôdas as instituições são separatistas, no seu carater?

KRISHNAMURTI: São forçadas a isso.

Comentário do Auditório: Fazer parte de uma família é também uma coisa má?

KRISHNAMURTI: Estais introduzindo a palavra "má", que nunca empreguei.

Comentário do Auditório: Estamos repudiando nosso sistema familiar. Nosso sistema familiar é muito antigo.

KRISHNAMURTI: Se dêle se faz mau uso, é claro que deve ser abolido.

Comentário do Auditório: Então, uma instituição, em si mesma, não é necessàriamente separatista?

KRISHNAMURTI: Claro que não. O serviço postal não é separatista, porque tôdas as comunidades dêle fazem uso. É universal. Porque é, então, que os indivíduos acham importante pertencer a alguma coisa — a uma organização religiosa, uma sociedade, um clube, etc. Por que?

Comentário do Auditório: Não há vida sem relação.

KRISHNAMURTI: Evidentemente. Mas, por que se procura o separatismo?

Comentário do Auditório: Há relações naturais e relações não naturais. A família é uma relação natural.

KRISHNAMURTI: Só estou perguntando: por que existe o desejo, o impulso de pertencer a um grupo separado, fechado? Pensemos nisso profundamente, em vez de nos limitarmos a fazer asserções. Por que é que eu pertenço a uma determinada casta ou nação? Por que me chamo hindu? Por que temos êste espírito exclusivista?

Comentário do Auditório: Por motivos egoístas. É o desejo de poder.

KRISHNAMURTI: Dizer uma ou duas palavras não constitui uma resposta. Existe alguma fôrça impulsora, algum motivo, alguma intenção que nos leva a pertencer a um determinado grupo de indivíduos. Por que? Não é importante verificá-lo? Por que é que um indivíduo se chama alemão, inglês, hindu, russo? Não é bem óbvio que existe aí o desejo de nos identificarmos com algo, porque a identificação com uma coisa grande nos faz sentir-nos importante? Esta é a razão fundamental.

Comentário do Auditório: Nem sempre. Um *Harijan*, por exemplo, pertence a uma comunidade muito humilde. Êle não se orgulha disso.

KRISHNAMURTI: Mas nós o mantemos lá. Por que não o chamamos para a nossa casta privativa?

Comentário do Auditório: Estamos tentando chamá-lo.

KRISHNAMURTI: Mas qual é a razão por que os indivíduos se identificam com o que é maior, com a nação, com uma idêia, que está acima dêles?

Comentário do Auditório: Porque, desde o nascimento, certas idéias são instiladas no indivíduo. Estas idéias se desenvolvem, e êle pensa que é escravo. Por outras palavras, fica assim condicionado.

KRISHNAMURTI: Exatamente. Está de tal maneira condicionado que não pode libertar-se da sua servidão. Existe esta identificação com o que é maior porque o indivíduo quer estar seguro, protegido, e acha que o está, pertencendo a um determinado grupo de pensamento ou de ação. Senhores, isso é bem óbvio, não é? Em nós mesmos, somos nada, somos tímidos, temos mêdo de estar sós, e por isso queremos identificar-nos com o que é maior, e nesta indentificação nos tornamos muito exclusivistas. Êsse é um processo mundial. Não é uma opinião minha; é exatamente o que está acontecendo. A identificação se torna exaltação religiosa ou nacionalista, nos momentos de grande crise; e o problema é vasto, pois não está localizado apenas na Índia, mas está por tôda a parte, no mundo inteiro — essa tendência para a identificação com um determinado grupo, o qual gradualmente se torna exclusivista e cria por êsse motivo antagonismo e ódio entre os homens. É por isso que, dando resposta a esta pergunta, temos de considerar o nacionalismo juntamente com o comunalismo, no qual se envolve também a identificação com uma determinada religião organizada.

Comentário do Auditório: Por que razão nos identificamos?

KRISHNAMURTI: Pela razão muito simples de que se não nos identificassemos com alguma coisa, ficaríamos em confusão, ver-nos-íamos perdidos; e por causa dêsse temor, nós nos identificamos, para nos sentirmos em segurança.

Comentário do Auditório: Temor de que? Não é antes ignorância do que temor?

KRISHNAMURTI: Chamai-o como desejardes; temor ou ignorância, tudo vem a dar no mesmo. Assim sendo, a questão é realmente esta: Podemos, vós e eu, ficar livres dêste temor, podemos estar sós e não ser exclusivistas? Estar só não significa ser exclusivista; só o isolamento é exclusivista. Esta, por certo, é a única solução para o problema; porque o indivíduo é um processo mundial, e enquanto os indivíduos se identificarem com um determinado grupo ou uma determinada classe, têm de ser exclusivistas e criar, com isso, inevitàvelmente, antagonismos, ódio, e conflito.

PERGUNTA: Precisamos saber o que é Deus, antes de podermos conhecer a Deus. Como se pode apresentar ao homem a idéia de Deus, sem trazer Deus ao nível do homem?

KRISHNAMURTI: Não é possível, senhor. Ora, que é que nos impele à busca de Deus, e é real esta busca? Para a maioria de nós, ela é uma fuga da realidade. Devemos, pois, fazer a maior clareza, em nós mesmos, sôbre se nossa busca de Deus é uma fuga, ou se é uma busca da verdade em tôdas as

coisas — a verdade nas nossas relações, a verdade no valor das coisas, a verdade nas idéias. Se buscamos Deus apenas porque estamos cansados do mundo e das suas misérias, em tal caso a nossa busca é uma fuga. Criamos, então, Deus, e isso não é Deus. O deus dos templos, o deus dos livros, não é Deus, evidentemente, — é uma esplêndida fuga. Mas se tentamos descobrir a verdade, não num determinado conjunto de ações, mas em tôdas as nossas ações, idéias e relações, se buscamos uma apreciação correta do alimento, da roupa e da morada, então, porque as nossas mentes são capazes de percepção clara e de compreensão, quando buscarmos a realidade, a encontraremos. Isso não será, então, uma fuga. Mas se estamos confusos com relação às coisas do mundo — alimento, vestuário, morada, relações, e idéias — como podemos achar a realidade? Só podemos inventar a "realidade". Assim, Deus, a verdade, ou a realidade, não é cognoscível por uma mente confusa, condicionada, limitada. Como pode a mente em tais condições pensar na realidade ou em Deus? Ela precisa, em primeiro lugar, "descondicionar-se". Precisa libertar-se de suas próprias limitações, e só então lhe será possível saber o que é Deus, e não antes, é óbvio. A realidade é o desconhecido, e o que é conhecido não é o real. Assim, a mente que deseja conhecer a realidade precisa libertar-se do seu próprio condicionamento, e esse condicionamento é impôsto externamente ou internamente; e enquanto a mente criar dissenção, conflito, nas relações, não pode conhecer a realidade. Se, portanto, uma pessoa quer encontrar a realidade, a sua mente precisa estar tranquila; mas se a mente é compelida, disciplinada, para ficar tranquila, essa tranquilidade, em si, é uma limitação, é mera auto-

hipnose. A mente só se torna livre e tranquila ao compreender os valores que a circundam.

Nessas condições, para compreendermos aquilo que representa o mais alto, o supremo, o real, precisamos começar muito de baixo, muito perto de nós; isto é, precisamos averiguar o valor das coisas, das relações, e das idéias, com que nos ocupamos em cada dia. E sem compreendê-las, como pode a mente buscar a realidade? Pode inventar a "realidade", pode copiar, pode imitar; tendo lido muitos livros, pode repetir a experiência alheia. Mas isso, por certo, não é o real. Para experimentar o real, a mente deve deixar de criar; porque tudo o que ela criar, seja o que fôr, estará sempre subordinado ao tempo. O problema não é se há ou se não há Deus, mas, sim, como pode o homem descobrir a Deus; e se, na sua busca, êle conseguir desembaraçar-se de tôdas as coisas, encontrará inevitavelmente aquela realidade. Mas tem de começar com o que está perto e não com o que está longe. É bem evidente que para alcançar o que está longe precisamos começar com o que está perto de nós. Em geral, queremos especular, o que representa uma fuga muito cômoda. E é por isso que as religiões constituem um maravilhoso entorpecente para a maioria das pessoas. Assim, o desembaraçar a mente de todos os valores que ela criou é obra sobremodo difícil, e porque as nossas mentes estão fatigadas, ou porque somos indolentes, preferimos ler livros religiosos e especular acêrca de Deus; isso, positivamente, não é a descoberta da realidade. Alcançar a realidade é experimentar, e não imitar.

PERGUNTA: A mente é diferente do pensante?

KRISHNAMURTI: Ora, o pensante é diferente dos seus pensamentos? Existe o pensante sem pensamento? Existe um pensante separado do pensamento? Suprimi o pensar, e onde fica o pensante? O pensante de um pensamento é diferente do pensante de outro pensamento? O pensante está separado do seu pensamento, ou o pensamento cria o pensante, que se identifica então com o pensamento quando lhe parece conveniente, e se separa dêle quando não lhe convém? Isto é, que é o "eu", o pensante? O pensante, evidentemente, é composto de vários pensamentos que se identificaram com o "eu". Logo, os pensamentos produzem o pensante, e não o inverso disso. Se não tenho pensamentos, não há pensante; não quer dizer que o pensante seja diferente, cada vez, mas que se não há pensamentos, não há pensante. Os pensamentos, portanto, produzem o pensante, assim como as ações produzem o agente. O agente não produz as ações.

Comentário do Auditório: Pareceis sugerir que, se deixamos de pensar, o "eu" estará ausente.

KRISHNAMURTI: O "eu" é constituído de minhas qualidades, minhas idiossincrasias, minhas paixões, minhas posses, minha casa, meu dinheiro, minha esposa, meus livros. Estas coisas criam a idéia do "eu"; eu não as crio. Concordais?

Comentário do Auditório: Achamos difícil concordar.

KRISHNAMURTI: Se cessassem todos os pensamentos, o pensante não existiria. Por conseguinte, os pensamentos criam o pensante.

Comentário do Auditório: Todos os pensamentos e todos os ambientes já existem, mas isso não produz o pensante.

KRISHNAMURTI: Como vem à existência o pensante?

Comentário do Auditório: Êle já existe.

KRISHNAMURTI: O senhor admite como coisa certa que êle já existe. Porque diz isso?

Comentário do Auditório: Isso ignoramos. Compete-vos responder por nós.

KRISHNAMURTI: Eu digo que o pensante não existe. Só existe a ação, o pensamento, e depois, então, vem o pensante.

Comentário do Auditório: Como é que o "eu", o pensante, vem à existência?

KRISHNAMURTI: Vamos devagar, muito devagar. Procuremos estudar o problema com a intenção de descobrir a verdade; então valerá a pena discutí-lo. Estamos procurando descobrir como é que o pensante, o "eu", o "meu", vem à existência. Ora, primeiro há a percepção, depois o contacto, o desejo, e a identificação. Antes disso o "eu" é inexistente.

Comentário do Auditório: Se a minha mente está ausente, não perceberei absolutamente nada. Se não há primeiro o percipiente não há sensação. Um corpo morto não pode perceber, embora tenha olhos e nervos.

KRISHNAMURTI: Admitis como verdade certa a existência de uma entidade superior, e do objeto que ela percebe.

Comentário do Auditório: Assim parece.

KRISHNAMURTI: Vós o dizeis. Vós o tendes como coisa certa. Por que?

Comentário do Auditório: A minha experiência é que sem a cooperação do "eu" não há percepção.

KRISHNAMURTI: Não se pode falar de percepção pura. A percepção está sempre combinada com o percipiente — é um fenômeno conjunto. Se falamos de percepção, introduzimos imediatamente o percipiente. Se falamos de "perceber", falamos de algo que está fora de nossa experiência. Nunca temos essa experiência de "perceber". Podemos cair num sono profundo; no qual o percipiente não percebe a si mesmo; no sono profundo não há nem percepção nem percipiente. Se conheceis um estado no qual o percipiente percebe a si mesmo sem introduzir outros objetos de percepção, então, só nêste caso, podeis legìtimamente, falar de um percipiente. Enquanto fôr desconhecido um tal estado, nenhum direito temos de falar do percipiente como separado da percepção. O percipiente, portanto, e a percepção constituem um fenômeno conjunto, são as duas faces da mesma medalha. Não estão separados um do outro, e não temos o direito de separar duas coisas que não existem separadamente. Teimamos em separar o percipiente da percepção, sem têrmos base válida para isso. Não conhecemos percipiente sem percepção, e não conhecemos percepção sem percipiente. Logo, a única conclusão válida, é que a percepção e

o percipiente, o "eu" e a vontade, são as duas faces da mesma medalha, dois aspectos de um mesmo fenômeno, o qual não é nem percepção nem percipiente; mas um exame rigoroso desta questão exige muita atenção.

Comentário do Auditório: Aonde nos leva êsse exame?

Comentário do Auditório: Precisamos descobrir um estado no qual o percipiente e a percepção não existam separadamente, mas constituam partes essenciais do mesmo fenômeno. O ato de perceber, sentir, pensar, acarreta a divisão em percipiente e percepção, porque êsse é o fenômeno básico da vida. Se pudermos acompanhar êsses rápidos momentos de perceber, de conhecer, de sentir, de agir, e divorciá-los do percebimento, por um lado, e do percipiente, por outro lado...

KRISHNAMURTI: Senhor, esta questão foi suscitada pela pergunta relativa à busca de Deus. Òbviamente, a maioria de nós deseja conhecer a experiência da realidade. Essa experiência, por certo, só pode ser conhecida quando o experimentador deixa de experimentar; porque o experimentador cria a experiência. Se o experimentador cria a experiência, então criará Deus; e isso, portanto, não será Deus. Pode deixar de existir o experimentador? Êsse é que é o nó da questão. Ora, se o experimentador e a experiência constituem um fenômeno conjunto, como é tão óbvio, então o experimentador, o agente, o pensante, tem de parar de pensar. Não é óbvio isso? Mas pode o pensante deixar de pensar? Porque, quando êle pensa, cria, e o que cria não é o real. Por conseguinte, para se descobrir se existe

ou não existe a realidade, Deus, ou o que quiserdes, o processo do pensamento deve terminar, o que significa que o pensante deve findar. Se êle é produzido pelos pensamentos, não vem ao caso, por enquanto, todo o processo do pensamento que inclui o pensante, tem de findar. Só então encontraremos a realidade. Agora, antes de tudo o mais, como se pode fazer terminar êsse processo, e quem deverá faze-lo? Se o pensante o faz, êle é ainda o produto do pensamento. O pensante que põe fim ao pensamento é ainda a continuidade do pensamento. Que cabe, pois, ao pensante fazer? Qualquer esfôrço de sua parte é ainda processo de pensar. Espero que me esteja fazendo claro.

Comentário do Auditório: Isso pode até significar resistência ao pensar.

KRISHNAMURTI: A resistência ao pensar, o reprimir o pensar, é ainda uma forma de pensar; por conseguinte, o pensante continua a existir, e não pode, portanto, achar a verdade. Que fazer então? Isso é muito importante e requer atenção continuada. Todo esfôrço por parte do pensante, projeta o pensante em um nível diferente. Isso é um fato. Se o pensante, o experimentador faz, positiva ou negativamente, um esfôrço para compreender a realidade, êle está ainda mantendo o processo de pensamento. Que deve fazer, então? A única coisa que pode fazer é compreender que qualquer esfôrço da sua parte, positivo ou negativo, é prejudicial. Cabe-lhe perceber a verdade disso e não apenas compreendê-la verbalmente. Cabe-lhe perceber que êle não pode agir, porque tôda ação da sua parte mantém o agente, dá nutrimento ao agente; qualquer esfôrço da sua parte, positivo ou negativo, dá mais fôrça ao "eu",

que pensa, que experimenta. De modo que, a única coisa que lhe compete é não fazer coisa alguma. Até o desejar, positiva ou negativamente, continua a ser uma parte do pensar. Cabe-lhe perceber o fato de que todo esfôrço de sua parte é desfavorável ao descobrimento da verdade. Tal é o primeiro requisito. Se desejo compreender, preciso estar completamente livre de preconceito; e não posso achar-me nesse estado quando faço um esfôrço, negativo ou positivo. Isso é dificílimo. Requer capacidade de percebimento passivo, isento de qualquer esfôrço. É só então que a realidade pode projetar-se.

Comentário do Auditório: Concentração na realidade projetada?

KRISHNAMURTI: A concentração é outra forma de esfôrço, e isso é ainda um ato de pensar. A concentração, por conseguinte, não conduzirá à realidade, é óbvio.

Comentário do Auditório: Dissestes que, positiva ou negativamente, tôda e qualquer ação por parte do pensante é uma projeção do pensante.

KRISHNAMURTI: É um fato, senhor.

Comentário do Auditório: Em outras palavras, fazeis distinção entre percebimento (lucidez) e pensamento.

KRISHNAMURTI: Estou entrando na questão aos poucos. Quando falamos de concentração, a concentração implica compulsão, exclusão, interêsse em algo exclusivo, e portanto escolha. Ela requer esfôrço por parte do pensante, o que dá fôrça ao pensante. Não é um fato isso? Teremos, então, de

examinar o problema do pensamento. Que é pensamento? Pensamento é reação a uma condição, o que significa que o pensamento é a reação da memória; e como pode a memória, que representa o passado, criar o eterno?

Comentário do Auditório: Não dizemos que a memória o cria, porque a memória é uma coisa privada de percebimento (lucidez).

KRISHNAMURTI: Ela é inconsciente, subconsciente, surge por si mesma, involuntàriamente. Estamos agora procurando averiguar o que entendemos por pensamento. Para compreenderdes esta pergunta, não consulteis um dicionário, consultai a vós mesmos, examinai a vós mesmos. Que entendeis por pensar? Quando dizeis que estais pensando, que estais realmente fazendo? Estais reagindo. Estais reagindo através da vossa memória do passado. Ora, que é memória? É experiência, é a acumulação da experiência de ontem, quer coletiva, quer individual. A experiência de ontem é memória. Quando nos lembramos de uma experiência? Por certo, só quando ela não se completou. Tenho uma experiência, e esta experiência fica incompleta, inacabada, e deixa marca. Essa marca eu chamo memória, e a memória reage a um novo estímulo. Essa reação da memória a um estímulo é chamada pensar.

Comentário do Auditório: Mas onde fica impressa a marca?

KRISHNAMURTI: No "eu". Afinal de contas, o "eu", o "meu", é o resíduo de tôdas as lembranças, coletivas, raciais, individuais, etc. Êsse feixe de lembranças é o "eu", e êsse "eu", com sua

memória, reage. Essa reação é chamada pensamento.

Comentário do Auditório: Por que se reunem em feixe essas lembranças?

KRISHNAMURTI: Através da identificação. Reúno tôdas as coisas numa bolsa, consciente ou inconscientemente.

Comentário do Auditório: Há então uma bolsa separada da memória.

KRISHNAMURTI: A memória é a bolsa.

Comentário do Auditório: Porque se mantêm coesas as lembranças?

KRISHNAMURTI: Porque são incompletas.

Comentário do Auditório: Mas as lembranças não têm existência, permanecem em estado de inércia, a não ser que exista alguém que as suscite.

KRISHNAMURTI: Em outras palavras, aquêle que se lembra é diferente da memória? Aquêle que se lembra e a memória são duas faces de uma moeda. Sem memória não existe o que se lembra, e sem o que se lembra não existe memória.

Comentário do Auditório: Por que persistimos em separar o percipiente da percepção, o que se lembra da memória? Não está aí a raiz da nossa dificuldade?

KRISHNAMURTI: Nós o separamos, porque o que se lembra, o experimentador, o pensante, se

torna permanente pela separação. As lembranças são òbviamente transitórias; por isso o que se lembra, o experimentador, a mente se separa, porque deseja a permanência. A mente que faz esfôrço, que luta, que escolhe, que é disciplinada, não pode evidentemente encontrar o real; porque, como dissemos, por êsse mesmo esfôrço ela se projeta e sustenta o pensante. Pois bem, como libertar o pensante dos seus pensamentos? É isso o que estamos discutindo. Porque, o que quer que êle pense, tem de ser resultado do passado e, por conseguinte, êle cria deus, cria a verdade, com a memória, e isso, evidentemente, não é o real. Em outras palavras, a mente se move sem cessar do conhecido para o conhecido. Quando a memória funciona, a mente só pode mover-se dentro do campo do conhecido; e, movendo-se dentro do campo do conhecido, nunca poderá conhecer o desconhecido. Nosso problema, portanto, é de como libertar a mente do conhecido. Todo esfôrço para nos libertarmos do conhecido é prejudicial, porque o esfôrço vem do conhecido. Todo esfôrço, portanto, deve cessar. Já tentastes permanecer sem esfôrço? Se compreendo que todo esfôrço é fútil, que todo esfôrço constitui uma projeção adicional da mente, do "eu", do pensante, se percebo a verdade disso, que acontece? Se percebo muito distintamente o rótulo "veneno", numa garrafa, nela não toco. Não há esfôrço algum para não sermos atraídos por ela. Idênticamente — e aí está a maior dificuldade — se compreendo que todo esfôrço de minha parte é prejudicial, se percebo a verdade disso, fico então livre do esfôrço. Qualquer esfôrço de nossa parte é prejudicial, mas não temos certeza disso, porque queremos um resultado, porque visamos uma realização — e essa é a nossa dificuldade. Por esta razão ficamos a lutar, a lutar, a lutar. Mas Deus, a ver-

dade, não é um resultado, uma recompensa, um fim. Êle deve vir a nós, por certo, pois não podemos ir a êle. Se fazemos um esfôrço por alcançá-lo, isso significa que buscamos um resultado, uma consecução. Mas, para que venha a verdade, precisa um homem estar passivamente cônscio. O percebimento passivo é um estado no qual não existe esfôrço; significa perceber sem julgar, sem escolher, não em algum sentido determinado, mas em todos os sentidos; significa estarmos cônscios de nossas ações, nossos pensamentos, nossas reações relativas, sem escolha, sem condenação, sem identificação ou negação, para que a mente comece a compreender cada pensamento e cada ação, sem julgamento. Isso suscita outra questão: pode haver compreensão sem pensamento?

Comentário do Auditório: Pode, decerto, se somos indiferentes a uma coisa qualquer.

KRISHNAMURTI: Senhor, a indiferença é uma forma de julgamento. Uma mente embotada, uma mente indiferente, não é lúcida. Perceber sem julgamento, saber exatamente o que está sucedendo, é lucidez. É vão, portanto, procurar Deus ou a verdade sem estarmos lúcidos agora, no presente imediato. É muito mais fácil irmos a um templo, mas isso constitui uma fuga para o domínio da especulação. Para compreendermos a realidade, precisamos conhecê-la diretamente, e a realidade, evidentemente, não está no tempo e no espaço; ela está no presente, e o presente é o nosso próprio pensamento, a nossa própria ação.

4 de julho de 1948.

II

NUMA palestra como esta, julgo mais importante experimentarmos o que se diz, do que ficarmos meramente a discutir no nível verbal. Temos a tendência de permanecer no nível verbal, sem experimentarmos profundamente o que se diz; e o experimentar um fato real é muito mais importante do que descobrir se as idéias, em si, são verdadeiras ou não, porque as idéias não hão de transformar o mundo. A revolução não se baseia em meras idéias. Só ocorre revolução quando há uma convicção fundamental, uma real compreensão de que se torna necessária uma transformação interior, e não uma simples transformação exterior, por mais instantes que sejam os reclamos do exterior. O que desejo discutir aqui, durante estas cinco reuniões dominicais, é sôbre como produzir não uma modificação superficial, mas uma transformação radical, que se torna de essencial importância num mundo que está a desintegrar-se rapidamente.

A mais ligeira observação torna evidente à maioria de nós, quer viajemos, quer permaneçamos no mesmo lugar, que é necessária uma transformação ou revolução fundamental. Mas é difícil perceber o significado pleno de tal revolução; porque, embora reconheçamos a necessidade de mudança, transformação, revolução, em geral apelamos para um determinado padrão de ação, um sistema da esquerda ou da direita, ou do centro. Percebemos a confusão, a horrível desordem, a miséria, a fome, a

guerra iminente; e, é claro, os indivíduos sensatos reclamam ação. Mas, infelizmente, queremos ação em conformidade com uma determinada fórmula ou teoria. A esquerda tem um sistema, um padrão de ação, e a mesma coisa tem a direita. Mas pode haver revolução em conformidade com qualquer padrão de ação determinado, segundo um traçado, ou vem a revolução como resultado do despertar do interêsse e do percebimento individuais? Positivamente só quando o indivíduo está desperto e é responsavel, pode haver revolução. Ora é claro que nós em geral desejamos um plano de ação combinado. Percebemos a confusão, não só na Índia e em nossas próprias vidas, mas também no mundo inteiro. Em todos os cantos do mundo há confusão, há miséria, há luta e sofrimentos aterradores. Nunca se tem um momento em que os homens estejam em segurança; porque, com o desenvolvimento cada vez maior das artes da guerra, a destruição se torna também cada vez maior. Sabemos de tudo isso. É um fato evidente, que não necessitamos examinar. Mas não importa descobrirmos qual é a nossa relação com tôda esta confusão, êste caos e esta miséria? Porque, afinal de contas, se podemos descobrir a nossa relação com o mundo, e compreender essa relação, talvez, então, sejamos capazes de alterar a confusão. Assim, devemos em primeiro lugar perceber claramente a relação que existe entre o mundo e nós mesmos, e então, talvez, se modificarmos as nossas vidas, seja possível uma modificação fundamental e radical no mundo em que vivemos.

Qual é, pois, a relação que existe entre nós e o mundo? O mundo é diferente de nós, ou cada um de nós é o resultado de um processo total, que não está separado do mundo, mas faz parte do mundo? Isto é, vós e eu somos o resultado de um processo

mundial, de um processo total, e não de um processo separado, individualista, porque, em última análise, vós sois o resultado do passado, estais condicionados por influências ambientes, políticas, sociais, ecônomicas, geográficas, climáticas etc. Sois o resultado de um processo total; por conseguinte não estais separados do mundo. Vós sois o mundo, e o que sois o mundo é. Por conseguinte, o problema do mundo é o vosso problema; e se resolveis o vosso problema, resolvereis o problema do mundo. Está visto, pois, que o mundo não é separado do indivíduo. O tentardes resolver o problema do mundo, sem resolver o vosso problema individual, é uma coisa fútil, completamente vã, porque vós e eu constituimos o mundo. Sem vós e sem mim o mundo não existe. Logo, o problema do mundo é o vosso problema; eis um fato evidente. Embora nos fôsse agradavel pensar que somos individualistas nas nossas ações, que somos separados, independentes, insulados, a estreita ação individualista de cada ser humano é, afinal de contas, parte de um processo total, a que chamamos o mundo. Assim, para compreendermos o mundo e nele operar uma radical transformação, precisamos começar por nós mesmos, vós e eu, e não por outro qualquer. A mera reforma do mundo nenhuma significação tem sem a transformação de vós mesmos, que criais o mundo. Porque, bem considerado, o mundo não está distanciado de vós; êle está onde viveis, o mundo da vossa família, dos vossos amigos, dos vossos vizinhos; e se vós e eu pudermos transformar-nos fundamentalmente, teremos então a possibilidade de transformar o mundo, e não de outro modo. Esta é a razão por que tôdas as grandes transformações e reformas, no mundo, partiram de uns poucos, de indivíduos, de vós e de mim. A chamada ação em massa é simples

ação coletiva de indivíduos animados de uma convicção, e a ação em massa só tem relevância quando os indivíduos que a compõem estão despertos; mas, se estão hipnotizados por palavras, por uma ideologia, a ação em massa conduzirá então necessàriamente ao desastre.

Assim, percebendo que o mundo se acha numa confusão medonha, com guerras iminentes, fome, o morbo do nacionalismo, sob a influência de corruptas ideologias religiosas — reconhecendo tudo isso, é óbvio que, para produzirmos uma revolução fundamental, radical, precisamos começar por nós mesmos. Podeis dizer: "estou pronto a modificar a mim mesmo, mas levará um número infinito de anos até cada indivíduo se modificar". Mas é um fato isso? Que leve uma porção de anos. Se vós e eu estivermos verdadeiramente convencidos, se percebermos claramente a verdade de que a revolução deve começar em nós mesmos, e não no outro, levará muito tempo para convencermos, para transformarmos o mundo? Porque vós sois o mundo, as vossas ações influirão no mundo em que viveis, que é o mundo das vossas relações. Mas a dificuldade consiste em reconhecer a importância da transformação individual. Exigimos uma transformação mundial, a transformação da sociedade que nos rodeia, mas estamos cegos, relutamos em transformar a nós mesmos. Que é a sociedade? Ela é de certo a relação que existe entre vós e mim. O que vós sois e o que eu sou estabelece relações e cria a sociedade. Logo, para transformar a sociedade, quer ela se chame, a si mesma, hindu, comunista, capitalista, ou o que quiserdes, nossas relações precisam modificar-se, e essas relações não dependem da legislação, nem dos governos, nem de circunstâncias exteriores, mas, sim, inteiramente, de vós e de mim. Embora sejamos

um produto do ambiente exterior, temos sem dúvida o poder de nos transformarmos, o que significa perceber a importância da verdade de que só é possível uma revolução quando vós e eu compreendemos a nós mesmos, e não apenas a estrutura a que chamamos sociedade. Esta é, portanto, a primeira dificuldade que temos de enfrentar em tôdas estas palestras. O alvo não é promover uma reforma por meio de uma nova legislação, porque esta sempre torna necessária mais legislação; mas, sim, perceber a verdade de que vós e eu, qualquer que seja o nível social em que vivamos, precisamos produzir uma revolução radical e duradoura em nós mesmos. E, como disse, uma revolução que não seja estática, uma revolução que seja duradoura, constante, momento por momento, não pode ser promovida de acôrdo com nenhum plano, nem da esquerda, nem da direita. A revolução constante, que se sustenta por si mesma, só pode realizar-se quando vós e eu reconhecemos a importância da transformação individual; e dêsse ponto de vista vou discutir convosco, vou falar e responder a perguntas, nêstes cinco domingos consecutivos.

Se observardes, verificareis que em tôdas as revoluções históricas há revolta segundo um padrão; e quando se extingue a chama dessa revolta, dá-se uma recaída no velho padrão, quer em nível mais baixo, quer em nível mais alto. Revolução assim não é revolução, absolutamente — é apenas mudança, que significa uma continuidade modificada. Uma continuidade sob forma modificada não alivia o sofrimento; nenhuma modificação leva à extinção do sofrimento. O que conduz à extinção do sofrimento é o perceberdes individualmente a vós mesmos, assim como sois, é o estardes cônscios de vossos próprios pensamentos e sentimentos, e o promo-

verdes uma revolução em vossos pensamentos e sentimentos. Assim, como disse, aquêles de vós que estão em busca de um padrão de ação estão sujeitos, creio eu, a ficar decepcionados, durante estas palestras. Porque é muito fácil inventar um padrão, mas é muito difícil pensar a fundo nas questões e perceber o problema com clareza. Se estamos apenas à procura de solução para um problema, seja êle econômico, social, ou humano, não o compreenderemos, porque ficaremos concentrados na solução, e não no próprio problema. Ficaremos procurando a resposta, a solução. Ao passo que, se estudamos a questão, o problema, veremos que a resposta, a solução está no problema, e não fora dêle. Nosso problema, pois, é a transformação do indivíduo, de vós e de mim, porque o problema do indivíduo é o problema do mundo, não sendo separados um do outro. O que vós sois, o mundo é — e isso é bastante òbvio.

Que é a nossa atual sociedade? Nossa sociedade atual, quer ocidental, quer oriental, é o resultado da astúcia, da falácia, da avidez, da malevolência etc. do homem. Vós e eu criamos a estrutura e só vós e eu podemos destruí-la e criar uma nova sociedade. Mas, para criarmos a nova sociedade, a nova civilização, precisamos examinar e compreender a estrutura que se está desintegrando e que vós e eu construimos juntos. E para compreendermos aquilo que construimos precisamos compreender o processo psicológico do nosso ser. Sem autoconhecimento não pode haver revolução, e uma revolução é essencial — não uma revolução cruenta, que é relativamente fácil, mas uma revolução pelo autoconhecimento. Esta é a única revolução duradoura e permanente, porque o autoconhecimento é um movimento constante do pensamento e do sentimento, em que não há refúgio, é um constante fluir da com-

preensão daquilo que somos. Logo, o estudo de si mesmo é muito mais importante do que o estudo sôbre como promover uma reforma no mundo; porque, se compreendermos a nós mesmos e, com essa compreensão, nos modificarmos, haverá naturalmente uma revolução. O recurso a uma panacéia, a um padrão de ação destinado a promover a revolução na vida exterior, poderá produzir uma modificação temporária; mas tôda modificação temporária requer nova modificação e mais derramamento de sangue. Ao passo que, se estudamos com muito cuidado o problema de nós mesmos, que é tão complexo, faremos nascer uma revolução muito mais grandiosa, de natureza muito mais duradoura e valiosa, do que a mera revolução econômica ou social.

Espero, pois, que todos percebamos a verdade e a importância disto: que, com o mundo em tamanha confusão, com tanto sofrimento e penúria, para implantar-se a ordem nêsse caos, cumpre começar por nós mesmos. Mas, no geral, somos indolentes ou inertes demais para encetarmos a transformação de nós mesmos. É muito mais fácil deixar tudo a cargo de outros, esperar uma nova legislação, especular e comparar. Mas o que nos cabe fazer é estudar inteligente e sàbiamente o problema do sofrimento, perceber as suas causas, as quais não residem em circunstâncias exteriores, mas em nós mesmos, e promover uma transformação.

Para o estudo de qualquer problema, é necessária a intenção de compreendê-lo, a intenção de penetrá-lo, de esclarecê-lo, de não evitá-lo. Se o problema é suficientemente importante e imediato, a intenção é também forte; mas se o problema não é importante, ou se não percebemos a sua urgência, a intenção se enfraquece. Se, por outro lado, estamos perfeitamente cônscios do problema e temos uma in-

tenção clara e definida de estudá-lo, não recorreremos a autoridades externas, ao guia, ao *guru*, a um sistema organizado; visto que o problema somos nós mesmos, êle não será resolvido por um sistema, uma fórmula, um *guru*, um guia, ou um govêrno. Desde que a intenção seja bem clara é relativamente fácil a compreensão de nós mesmos. A maior dificuldade, porém, está no firmar essa intenção, pois, ninguém nos pode ajudar a compreender a nós mesmos. Outros podem pintar o quadro, verbalmente; mas o experimentar um fato que está dentro de nós, perceber sem julgamento um determinado pensamento, uma determinada ação ou sentimento, é muito mais importante do que escutar no nível verbal o que outros dizem, ou do que seguir uma determinada norma de conduta, etc.

Assim, a primeira necessidade é compreendermos que o problema do mundo é o problema do indivíduo; é o vosso problema e o meu problema, e o processo mundial não está separado do processo individual. Constituem fenômeno conjunto, e por conseguinte o que fazeis, o que pensais, o que sentis, é muito mais importante do que promulgar leis, ou pertencer a um determinado partido ou grupo de indivíduos. Eis a primeira verdade que cumpre compreender. Uma revolução mundial é de essencial importância. Mas uma revolução de acôrdo com um determinado padrão de ação não é revolução. Só poderá realizar-se uma revolução, quando vós, o indivíduo, compreenderdes a vós mesmo e, consequentemente, criardes um novo processo de ação. Necessitamos, por certo, de uma revolução, porque tudo está ruindo; as estruturas sociais se desintegram, as guerras se sucedem umas às outras. Estamos à beira de um precipício e urge qualquer espécie de transformação, não podemos continuar como estamos. A

esquerda oferece uma revolução de dada espécie, e a direita propõe uma modificação da esquerda. Essas revoluções, porém, não são revolução; não resolvem o problema, porque a entidade humana é complexa demais para ser compreendida mediante uma simples fórmula. E como há necessidade de uma revolução constante, ela só pode começar em vós, com a vossa compreensão de vós mesmos. Isso é um fato, isso é a verdade, e vós não a podeis evitar, de qualquer ponto de vista que o considereis. Cabe-vos, depois de perceber a verdade disso, firmar a intenção de estudar o processo total de vós mesmos; porque o que sois o mundo é. Se vossa mentalidade é burocrática, criareis um mundo burocrático, um mundo estúpido, um mundo de rotinas oficiais; se sois ávidos, invejosos, intolerantes, nacionalistas, criareis um mundo onde reinará o nacionalismo, criareis uma estrutura social baseada na avidez, na divisão, na propriedade, etc. Assim o que sois o mundo é: e sem vossa transformação própria não pode haver transformação do mundo. O estudo de si mesmo requer cuidado extraordinário, uma flexibilidade sobremodo rápida; e uma mente carregada do desejo de um resultado nunca acompanhará o célere movimento do pensamento. Nessas condições, a primeira dificuldade é perceber a verdade de que o indivíduo é responsável, de que sois responsáveis por tôda esta confusão; e, depois de perceberdes a vossa responsabilidade, firmar a intenção de observar a vós mesmos, e produzir, assim, uma radical transformação de vós mesmo.

Pois bem, se a intenção já existe, podemos então continuar, podemos então começar a estudar a nós mesmos. Para estudardes a vós mesmos deveis trazer uma mente livre de tôda carga, não é verdade? Mas, se afirmais que sois *Atman*, que sois *Paramat-*

man, isso ou aquilo, se buscais uma satisfação dessa natureza, então já estais prêso a uma estrutura de pensamento e não estais, por conseguinte, estudando o vosso processo total. Olhais para vós mesmos através de uma cortina de idéias, e isso não é estudo, isso não é observação. Se desejo conhecer-vos, que devo fazer? Tenho de estudar-vos, não é? Não posso condenar-vos pelo fato de serdes brahmane ou pertencerdes a qualquer outra casta altiva. Preciso estudar-vos, preciso observar-vos, notar as vossas tendências, vosso temperamento, vosso falar, vossas palavras, vossos formalismos, etc. Mas se vos observo através de uma cortina de preconceito, de conclusões, não vos compreendo; estou apenas estudando as minhas próprias conclusões, que nenhum valor apresentam quando estou tentando compreender-vos. De modo idêntico, se desejo compreender a mim mesmo, preciso abandonar todo o conjunto de cortinas, as tradições e as crenças fundadas por outras pessoas, seja Buddha, seja Sócrates, seja lá quem fôr; porque o "vós", o "eu", é uma entidade extraordinàriamente complexa, com uma máscara diferente, uma faceta diferente, conforme a hora, a ocasião, as circunstâncias, as influências ambientais, etc. O "eu" não é uma entidade estática; e o conhecer e compreender a nós mesmos é muito mais importante do que estudarmos os ditos de outros ou observarmos a nós mesmos através da cortina da experiência alheia.

Assim, quando há a intenção de estudarmos a nós mesmos, nenhum valor têm, evidentemente, as cortinas, as asserções, o conhecimento e as experiências alheias. Porque, se desejo conhecer a mim mesmo, preciso saber o que sou, e não o que deveria ser. Um "eu" hipotético não tem valor algum. Se desejo saber a verdade a respeito de alguma coisa,

preciso observá-la e não escondê-la atrás de uma porta. Se estudo um automóvel, preciso estudá-lo em si, e não comparar um Packard com um Rolls Royce. Preciso estudar o carro como Rolls Royce, como Packard, como Ford. O indivíduo é da máxima importância, porque em suas relações, cria o mundo. Quando percebermos a verdade disso, começaremos a estudar a nós mesmos independentemente das asserções alheias, por maiores que sejam. Só então estaremos em condições de acompanhar sem condenação ou justificação todo o processo de cada pensamento e cada sentimento em nós existente, e de começar, assim, a compreendê-lo.

Quando existe a intenção, posso então começar a investigar o que sou. Òbviamente, sou o produto do ambiente. Aí está o começo, o primeiro fato a perceber. Para verificar se sou algo mais do que um simples produto de influências ambientais e climáticas, preciso em primeiro lugar libertar-me das influências que existem em tôrno de mim e cujo produto eu sou. Sou o resultado das condições, dos absurdos, das superstições, dos fatôres inumeráveis, bons e maus, que constituem o ambiente que me rodeia; e para verificar se sou algo mais, é claro que preciso estar livre daquelas influências, não achais? Para compreender algo que está além, preciso primeiramente compreender o que *é*. A mera asserção de que sou algo mais não tem significação alguma enquanto eu não estiver livre das influências ambientais da sociedade em que vivo. Liberdade é a descoberta do verdadeiro valor das coisas que me rodeiam, e não a mera negação das mesmas. A liberdade, indubitàvelmente, vem com o descobrimento da verdade em tôdas as coisas que me circundam — a verdade relativa à propriedade, às coisas, à vida de relação, às idéias. Se eu não descobrir a verdade

relativa a essas coisas, não estarei habilitado para descobrir o que se pode chamar a verdade abstrata, ou Deus. Se a mente está envolvida nas coisas que me rodeiam, ela não pode, naturalmente, ir mais longe, não pode ver ou descobrir o que está além. O homem que procura compreender a si mesmo, deve compreender a sua relação com as coisas, com a propriedade, com a nação, as idéias, a gente que o circunda de perto. Êsse descobrimento da verdade relativa à vida de relação não consiste em repetir palavras, em enunciar verbalmente idéias sôbre a vida de relação. O descobrimento da verdade relativa à vida de relação só se dá pela experiência em relação com a propriedade, com as pessoas, com as idéias; e é aquela verdade que liberta, e não o mero esfôrço por libertar-nos da propriedade ou das nossas relações. Só se pode descobrir a verdade relativa à propriedade, à vida de relação, às idéias, quando há a intenção de descobrir a verdade, sem a influência de preconceitos, exigências de uma determinada sociedade ou crença, ou das idéias preconcebidas concernentes a Deus, à verdade, ou como quiserdes chamá-lo — pois o nome, a palavra não é a coisa. A palavra "Deus" não é Deus, é apenas uma palavra; e para se ultrapassar o nível verbal da mente, do conhecimento, precisamos estar livres daqueles valôres que a mente cria e a que se apega. Por conseguinte, compreender êsse processo psicológico de nós mesmos é muito mais importante do que compreender o processo das influências exteriores, ambientais. Importa compreendais em primeiro lugar a vós mesmos, porque com a compreensão de vós mesmos realizareis uma revolução em vossas relações e criareis, assim, um mundo novo.

Deram-me várias perguntas e vou responder a algumas delas.

PERGUNTA: Como podemos resolver o nosso atual caos políticos e a crise mundial? Há alguma coisa que um indivíduo possa fazer para impedir a guerra iminente?

KRISHNAMURTI: A guerra é uma projeção espetacular e sangrenta de nossa vida de cada dia, não é certo? A guerra é simples expressão exterior de nosso estado interior, uma ampliação de nossa ação diária. Ela é mais espetacular, mais sanguinolenta, mais destrutiva, mas é o resultado coletivo de nossas atividades individuais. Assim sendo, vós e eu somos responsáveis pela guerra, e que fazer para impedí-la? Sem dúvida a guerra que nos ameaça não pode ser impedida por vós e por mim, porque já está em marcha; já começou, embora, por enquanto, principalmente no nível psicológico. Já se iniciou no mundo das idéias, mesmo que falte ainda algum tempo para sermos destruidos fìsicamente. Visto que já está em movimento, não podemos mais detêla — as questões são numerosas demais, grandes demais e já foram comprometidas. Todavia, vós e eu, percebendo que a casa está ardendo, podemos sair dela e construir noutro lugar com material diferente, não combustível, que não produza novas guerras. É tudo quanto podemos fazer. Podemos, vós e eu, ver o que gera as guerras, e se temos interêsse em pôr termo a elas, começaremos a transformar a nós mesmos, que somos as causas da guerra.

Mas que é que causa a guerra — religiosa, política, ou econômica? Evidentemente, a crença, a crença no nacionalismo, numa ideologia, ou num determinado dogma. Se em vez de crença tivessemos boa vontade, amor e consideração pelo próximo, não haveria guerras. Nutrimo-nos, porém, de crenças, idéias e dogmas, e por isso geramos o descontenta-

mento. Sem dúvida, a crise atual é de natureza excepcional, e nós, como entes humanos, devemos ou continuar pelo caminho do conflito e da guerra constantes, que são o resultado de nossas ações de cada dia, ou compreender as causas da guerra e afastarnos delas.

Evidentemente, o que causa a guerra é o desejo de poder, de posição, prestígio, dinheiro, e também a enfermidade chamada nacionalismo, o culto de uma bandeira, e a doença da religião organizada, o culto de um dogma. Essas coisas são as causas da guerra; e se vós, como indivíduo, pertenceis a qualquer religião organizada, se tendes ambição de poder, se sois invejoso, não podeis deixar de criar uma sociedade que resultará em destruição. Mais uma vez, portanto, tudo depende de vós e não dos chefes, nem de Stalin, nem de Churchill, nem de ninguém mais. Tudo depende de vós e de mim, mas parece que não o percebemos. Se alguma vez sentíssemos deveras a responsabilidade de nossas próprias ações, como podíamos acabar ràpidamente tôdas estas guerras, tôda esta aterradora miséria! Mas somos indiferentes. Tomamos três refeições por dia, temos os nossos emprêgos, temos nossos depósitos bancários, pequenos ou grandes, e dizemos: "pelo amor de Deus, não venham perturbar-nos, deixem-nos em paz". Quanto mais altamente situados estamos, tanto mais desejamos segurança, permanência, tranquilidade, tanto mais desejamos ficar em sossêgo e manter as coisas como estão; contudo, elas não podem ser mantidas como estão, pois não há nada a manter. Tudo está a desintegrar-se. Não queremos olhar de frente essas coisas, não queremos olhar de frente o fato de que vós e eu somos responsáveis pelas guerras. Vós e eu podemos falar de paz, realizar conferências, sentar-nos ao redor de uma mesa e travar discussões;

todavia, interiormente, psicològicamente, desejamos poder, posição, somos impulsionados pela avidez. Intrigamos, somos nacionalistas, estamos ligados por crenças, por dogmas, pelos quais estamos prontos a morrer e a destruir-nos mùtuamente. Pensais que tais homens, que somos vós e eu, podem ter paz no mundo? Para termos paz, precisamos ser pacíficos; e viver pacificamente significa viver sem criar antagonismo. A paz não é um ideal. Para mim, um ideal não passa de uma fuga, uma evasão do que é, assunto de que trataremos noutra palestra. Para têrmos paz cumpre amar, começar não a viver uma vida ideal, mas a perceber as coisas como são e atuar sôbre elas e transformá-las. Enquanto cada um de nós andar em busca da segurança psicológica, será destruída a segurança fisiológica, que nos é necessária — alimento, roupa e morada. Buscamos a segurança psicológica, que não existe; e buscâmo-la, se possível, pelo poder, pela posição, pelos títulos, nomes — fatores destrutivos da segurança física. Isso é um fato óbvio, para quem quiser ver.

Nessas condições, para se implantar a paz no mundo, acabar tôdas as guerras, torna-se necessária uma revolução no indivíduo, em vós e em mim. A revolução econômica, sem esta revolução interior, é destituida de significação, porque a fome é o resultado do desajuste das condições econômicas produzidas pelos nossos estados psicológicos — avidez, inveja, malevolência, desejo de posse. Discutiremos a paz, projetaremos leis, criaremos novas ligas, as Nações Unidas, etc. etc.; mas não ganharemos a paz, porque não renunciaremos a nossa posição, nossa autoridade, nosso dinheiro, nossas propriedades, nossa vida estúpida. Não adianta contar com os outros, pois não podem trazer-nos a paz. Nenhum chefe nos dará a paz, nenhum govêrno, nenhum exército, ne-

nhum país. O que produzirá a paz é a transformação interior, que conduz à ação exterior. A transformação interior não significa isolamento, não significa retraimento da ação exterior. Pelo contrário, só pode haver ação correta quando há pensar correto, e não há pensar correto sem autoconhecimento. Se não conheceis a vós mesmo, não há paz.

Para pôrdes fim à guerra exterior, precisais pôr fim à guerra que há dentro em vós. Alguns de vós sacudirão a cabeça e dirão: "de acôrdo" — para depois sairem daqui e fazerem exatamente as mesmas coisas que fazem há dez ou vinte anos. Vosso acôrdo é meramente verbal, sem significação, porque as misérias e as guerras do mundo não vão terminar por causa do vosso fortúito assentimento. Elas só acabarão quando compreenderdes o perigo, quando compreenderdes a vossa responsabilidade, quando não passardes a outro êsse encargo. Se perceberdes de fato o sofrimento, se perceberdes a importância da ação imediata, se não adiardes, então transformareis a vós mesmos; e a paz só virá quando fôrdes pacíficos, quando viverdes em paz com o vosso próximo.

PERGUNTA: A família é o arcabouço do nosso amor e nossa avidez, do nosso egoismo e nossa divisão. Que lugar tem ela no vosso esquema das coisas?

KRISHNAMURTI: Senhores, eu não tenho esquema das coisas. Vêde de que maneira absurda pensamos na vida! A vida é uma coisa viva, uma coisa dinâmica, ativa, não podeis encerrá-la num arcabouço. São os intelectuais que põem a vida num molde, que têm um esquema para sistematizá-la. Está visto, pois, que não tenho esquema algum. Va-

mos agora olhar os fatos. Em primeiro lugar, temos o fato de nossas relações com os outros, uma esposa, um marido ou um filho — as relações a que chamamos família. Examinemos o fato que *é*, e não o que gostaríamos que fôsse. Qualquer um pode enunciar idéias precipitadas acêrca da vida familiar; mas se podemos olhar, examinar, compreender o que *é*, então, talvez sejamos capazes de transformá-la. Mas se, pura e simplesmente, cobrimos o que *é*, com uma coleção de palavras bonitas — responsabilidade, dever, amor — fazemos coisa sem significação alguma. O que vamos fazer é examinar aquilo que chamamos família. Porque, Senhores, para compreendermos uma coisa, precisamos examinar o que *é*, e não cobrí-la com frases de som agradável.

Pois bem, que é isso a que chamamos família? Trata-se, òbviamente, de uma relação de intimidade, de comunhão. Ora, em vossa família, em vossas relações com vossa espôsa, vosso marido, há comunhão? Isso é, por certo, o que se entende por relação, não é verdade? Relação significa comunhão sem temor, liberdade de mútua compreensão, de comunhão direta. Relação, òbviamente, significa isto: estar em comunhão com outra pessoa. Vós estais? Estais em comunhão com vossa espôsa? Talvez estejais, fìsicamente, mas isso não é relação. Vós e vossa espôsa viveis dos lados opostos de uma muralha de isolamento, não é verdade? Tendes os vossos alvos e ambições próprios, e ela os seus. Viveis atrás da muralha e de vez em quando olhais por cima dela — a isso chamais estar em relação. Isso é um fato, não? Podeis ampliá-lo, suavisá-lo, introduzir uma nova coleção de palavras para o descrever, mas êsse é o fato real — que vós e alguém viveis no isolamento, e chamais relação essa vida no isolamento.

Ora, se existem relações reais entre duas pessoas, o que significa que existe comunhão entre elas, o que isso implica é de extraordinària significação. Porque então não há isolamento, há amor, e não responsabilidade ou dever. São as pessoas que vivem isoladas atrás de suas muralhas que falam de dever e responsabilidade. Um homem que ama, porém, não fala de responsabilidade — êle ama. Por isso partilha com alguém a sua alegria, a sua tristeza, o seu dinheiro. São assim as nossas famílias? Há comunhão direta com vossa espôsa, com vossos filhos? Evidentemente não há, senhores. Por conseguinte, a família não passa de um pretexto para continuardes o vosso nome e a vossa tradição, para dardes a vós mesmo o que desejais, sexual ou psicològicamente. A família, portanto, se torna um meio de autoperpetuação, transmissão do vosso nome. Isso já é uma espécie de imortalidade, uma espécie de permanência. A família serve também como meio de satisfação. Fora de casa, exploro os outros impiedosamente, no mundo dos negócios, no mundo político ou social, e em casa procuro ser afetuoso e generoso. Que absurdo! Ou, o mundo é insuportavel para mim, desejo paz, e refugio-me no lar. Sôfro no mundo e tento achar confôrto no lar. Dêsse modo, sirvo-me das minhas relações como meio de satisfação, o que significa que não desejo ser perturbado pelas minhas relações.

Então, Senhores, não é isso o que está acontecendo? Em nossas famílias o que há é isolamento, e não comunhão; logo, não há amor. Amor e sexo são duas coisas diferentes, de que trataremos noutra ocasião. Podemos criar, em nosso isolamento, uma espécie de abnegação, de devoção, de bondade, mas isso está sempre atrás da muralha, porque temos maior interêsse em nós mesmos do que noutros. Se

tivésseis interêsse pelo próximo, se estivésseis em real comunhão com vossa espôsa, com vosso marido. e estivésseis, por conseguinte, aberto para o vosso próximo, o mundo não estaria nesta desgraça. Eis porque as famílias que vivem em isolamento se tornam um perigo para a sociedade.

Como, então, quebrar êsse isolamento? Para quebrarmos êsse isolamento, precisamos estar cônscios dêle, não devemos dissociar-nos dêle, ou dizer que êle não existe. Êle *existe*, é um fato evidente. Tomai nota da maneira como tratais a vossa espôsa, vosso marido, vossos filhos, notai a insensibilidade, a brutalidade, as asserções tradicionais, a falsa educação. Quereis dizer, Senhores e Senhoras, que se amásseis vossa espôsa ou vosso marido teríamos êste conflito e esta miséria que vão pelo mundo? E por não saberdes amar vossa êsposa, vosso marido, não sabeis amar a Deus.

Desejais Deus como mais um meio de isolamento, de segurança. Deus, afinal de contas, é a segurança final; mas isso não é uma busca de Deus, é tão sòmente, um refúgio, uma fuga. Para achardes Deus, precisais saber amar não a Deus mas os seres humanos em derredor de vós, as árvores, as flôres, os pássaros. Só quando souberdes amá-los, sabereis deveras o que é amar a Deus. Se não amardes ao próximo, se não souberdes o que significa estar em perfeita comunhão com alguém, não estareis em comunhão com a verdade. Não pensamos no amor, não nos interessa estar em comunhão com alguém. Queremos segurança, na família, na propriedade, ou nas idéias; e a mente que busca segurança, jamais conhecerá o amor. O amor é a coisa mais perigosa que existe, pois quando amamos a alguém somos vulneráveis, estamos abertos; e não queremos estar abertos. Não queremos ser vulneráveis.

Queremos estar fechados, queremos ter mais confôrto dentro de nós.

Mais uma vez, senhores, produzir uma transformação em nossas relações não é um caso de legislação, de compulsão de acôrdo com *Shastras*, etc. Para produzirmos uma transformação radical na vida de relação, cumpre começar por nós mesmos. Observai a vós mesmos, como tratais vossa espôsa e vossos filhos. Vossa espôsa é uma mulher, e tanto basta para servir-vos de capacho! Não olheis para as senhoras, olhai para vós mesmos. Senhores, não me parece que compreendeis o estado catastrófico do mundo no momento presente, pois do contrário não vos mostraríeis tão despreocupados. Estamos à beira de um precipício — moral, social e espiritual. Não vêdes que a casa está ardendo, e vós morais nela. Se soubésseis que a casa está em chamas, se soubésseis que estais na beira do abismo, trataríeis de agir. Mas, por desventura, estais em comodidade, tendes mêdo, tendes confôrto, estais embotados, moles, quereis satisfação imediata. Deixais as coisas ao sabor da corrente, e eis que se aproxima a catástrofe mundial. Não se trata de simples ameaça, é uma realidade. Na Europa, a guerra já está em marcha — guerra, guerra, guerra, desintegração, insegurança. Afinal de contas, tudo o que atinge aos outros atinge a vós mesmos. Sois responsáveis pelos outros, não podeis fechar os olhos e dizer "estou bem seguro aqui em Bangalore". Esta é evidentemente uma idéia muito míope e muito tola.

Vemos, pois, que a família se torna um perigo quando há isolamento entre marido e mulher, entre pais e filhos, porque em tal caso a família induz ao isolamento geral; mas, quando são derrubadas as muralhas de isolamento, na família, estais em comunhão, não só com vossa espôsa e vossos filhos, mas

também com o vosso próximo. Aí, a família já não é uma coisa fechada, limitada, já não é um refúgio. O problema, portanto, não é de outra pessoa mas nosso.

PERGUNTA: Como pretendeis justificar a vossa proclamação de que sois o Instrutor do Mundo?

KRISHNAMURTI: Não tenho interêsse algum em justificá-la. Não é o rótulo que importa, Senhores. O gráu, o título não tem importância alguma: o que tem importância é aquilo que sois. Rasgai o título, pois — jogai-o na cesta de papeis, queimai-o, destruí-o, livrai-vos dêle. Vivemos sob a influência de palavras, não vivemos na realidade do que *é*. Que importa o que eu chame ou não chame a mim mesmo? O que importa é se o que digo é verdade; se é verdade, tratai então de descobrir a verdade, por vós mesmos e vivei dela.

Senhores, os títulos, sejam títulos espirituais, sejam títulos mundanos, são meios de explorar os outros. E nós gostamos de ser explorados. Tanto o explorador como o explorado gostam de exploração. (Risos) Vós rides! É só isso que fazeis; não percebeis que sois, vós mesmos, explorados e que portanto criais o explorador — seja o explorador capitalista, seja o explorador comunista. Vivemos sob a influência de títulos, de palavras, de frases, destituídos de significação; eis porque interiormente estamos vazios, e sofremos. Senhores, examinai o que se está dizendo, ou o que eu digo, e não vivais apenas no nível verbal, porque nêsse nível não pode haver experiência alguma. Podeis ler todos os livros do mundo, todos os livros sagrados e de psicologia, mas o viver, meramente, naquele nível não vos satisfará; e quer-me parecer que é isso que está acontecendo.

Somos vazios, em nós mesmos, e é por isso que nos regulamos pelas idéias alheias, pelas experiências, pelas disposições, pelos lemas de outras pessoas, e nos tornamos por êsse motivo estagnados; e é isso o que está acontecendo no mundo inteiro. Damos atenção à autoridade, ao *guru*, ao instrutor, e tudo isso fica no nível verbal. Para experimentardes, por vós mesmos, a verdade, para terdes compreensão, em vez de vos servirdes da compreensão alheia, deveis abandonar o nível verbal. Para compreenderdes a verdade por vós mesmos, deveis estar livres de tôda autoridade, da adoração por alguém, por maior que êle seja; porque a autoridade é o veneno mais pernicioso que impede a experiência direta. Sem a experiência direta, sem a compreensão, não é possível viver a verdade.

Logo, não estou introduzindo idéias novas, as idéias não podem transformar radicalmente a humanidade. Podem produzir revoluções superficiais, mas o que tentamos realizar é algo inteiramente diverso. Em tôdas estas palestras e discussões, se vos apraz assistir às mesmas, procuramos compreender o que é ver as coisas como realmente são; e no compreender as coisas como realmente são, há transformação. Saber que sou ávido, sem procurar escusá-lo ou condená-lo, sem idealizar o seu oposto e dizer: "Não devo ser ávido" — saber, simplesmente, que sou ávido, já é o comêço da transformação. Mas não desejais saber o que *vós* sois, mas o que o *guru* é, o que o instrutor é. Rendeis culto a outras pessoas, porque isso vos dá satisfação. É muito mais fácil fugirmos, estudando outra pessoa, do que nos vermos assim como somos. Senhores, Deus ou a verdade está no interior, e não em ilusões. Mas compreender aquilo que *é* é dificílimo; porque aquilo que *é* não é estático, está a variar constantemente,

em contínua modificação. Para compreenderdes o que *é* necessitais de uma mente ágil, uma mente que não esteja ancorada numa crença, numa conclusão, ou num partido. E para seguirdes o que *é*, tendes de compreender o papel da autoridade, o porque do vosso apego à autoridade, e não simplesmente repudiá-la. Não podeis repudiar a autoridade se não compreenderdes tôdas as suas tendências, porque, assim, criareis uma nova autoridade para libertar-vos da velha. Esta questão, portanto, não tem significação alguma, se só quereis ver os rótulos, porque a mim não interessam rótulos. Se vos aprouver, porém, podemos empreender juntos uma jornada, para descobrirmos o que *é*, e quando conhecermos a nós mesmos, poderemos criar um mundo novo, um mundo feliz.

11 de julho de 1948.

III

COMO hoje somos poucos, em vez de fazer um discurso introdutório, como da última vez, antes de responder às perguntas, posso sugerir que façamos da presente uma reunião de discussão? Talvez isso venha a ser mais proveitoso do que se eu fizer um discurso na forma habitual. Quereis ter a bondade de chegar-vos mais para perto? Que assunto sugeris, Senhores, para discussão?

Comentário do Auditório: Porque estais fazendo esta *tournée?*

KRISHNAMURTI: Desejais realmente discutir os motivos desta minha *tournée?*

Comentário do Auditório: Vamos discutir a finalidade da vida?

KRISHNAMURTI: Interessa a todos discutir a finalidade da vida, a reincarnação e o karma?

Comentário do Auditório: Sim.

KRISHNAMURTI: Vamos então discorrer sôbre a finalidade da vida, e mais adiante, talvez, introduziremos outros tópicos.

Em primeiro lugar, quando discutimos um assunto desta natureza, devemos de certo fazê-lo com muito empenho, e não com uma mentalidade acadê-

mica, erudita, ou superficial, porque isso não nos levará a parte alguma. Procedamos, pois, com verdadeiro empenho: não podemos apenas aceitar ou rejeitar, devemos investigar para descobrir a verdade contida em qualquer questão. Devemos estar atentos, e não proceder como acadêmicos, como teóricos. Precisamos estar abertos às sugestões, ter portanto um desejo de investigar e não apenas aceitar a autoridade, seja da tribuna ou de um livro, seja do passado morto ou do presente. Assim, ao discutirmos a finalidade da vida, cumpre-nos averiguar o que se entende por "vida" e o que se entende por "finalidade" — não se trata apenas do significado do dicionário, mas do significado que damos a estas palavras. A vida, por certo, implica ação diária, pensamento diário, sentimento diário, não é assim? Implica as lutas, as dôres, as ânsias, os enganos, as tribulações, a rotina do escritório, dos negócios, da burocracia, etc. Tudo isso é vida, não é verdade? Por "vida" entendemos não uma só esfera ou camada da consciência, mas o processo total da existência, que é a nossa relação com as coisas, com as pessoas, com as idéias. É isso o que entendemos por vida — e não uma coisa abstrata.

Se então é isso o que entendemos por "vida", tem a vida uma finalidade? Ou é porque não compreendemos as coisas da vida — as dôres, as ânsias, os temores, a ambição, a avidez de todos os dias — porque não compreendemos as atividades diárias da existência, que desejamos uma finalidade, remota ou próxima? Desejamos uma finalidade, para que possamos guiar a nossa vida para um alvo. É isso evidentemente o que entendemos por finalidade. Mas se compreendo o viver, então o viver, em si, já é suficiente, não achais? Precisamos então de uma finalidade? Se eu vos amo, se amo a alguém, isso já

não é, em si, suficiente? Preciso então de uma finalidade? Positivamente, só precisamos de uma finalidade, quando não compreendemos, ou quando queremos um método de conduta, com um fim em vista. Afinal de contas a maioria de nós está à procura de método, de um método de viver, uma norma de conduta; e, por isso, ou nos volvemos para outras pessoas, para o passado, ou tentamos achar uma norma de conduta de acôrdo com nossa própria experiência. Quando nos voltamos para a nossa própria experiência a fim de têrmos um padrão de conduta, nossa experiência é sempre condicionada. Por mais amplas que tenham sido as nossas experiências, a menos que elas hajam dissolvido o condicionamento do passado, tôda experiência nova só terá o efeito do fortalecer ainda mais o antigo condicionamento. Êsse é um fato que poderemos discutir. E se nos voltamos para alguém, para o passado, para um *guru*, para um ideal, um exemplo, um padrão de conduta, estamos apenas forçando a extraordinária pujança da vida numa fôrma, num determinado molde, e com isso perdendo a celeridade, a intensidade, a riqueza da vida.

Cumpre-nos averiguar muito claramente o que entendemos por finalidade, se há finalidade. Podeis dizer que há uma finalidade: alcançar a realidade, Deus, ou o que quiserdes. Para alcançarmos êsse alvo, porém, precisamos conhecê-lo, precisamos estar cônscios dêle, precisamos conhecer a extensão, a profundidade, a significação do mesmo. Conhecemos a realidade por nós mesmos, ou só a conhecemos através da autoridade alheia? Podeis, então, dizer que a finalidade da vida é achar a realidade, se não sabeis o que é a realidade? Uma vez que a realidade é o desconhecido, a mente que busca o desconhecido deve primeiro libertar-se do conhecido, não deve?

Se a minha mente está obnubilada, pejada do conhecido, só é capaz de medir de acôrdo com a sua própria condição, a sua própria limitação, e por conseguinte nunca será capaz de conhecer o desconhecido, não é verdade?

O que estamos querendo discutir e averiguar é se a vida tem uma finalidade, e se essa finalidade é susceptivel de medir-se. Ela só pode ser medida pela escala do conhecido, do passado; e quando meço a finalidade da vida pela escala do conhecido, minha medida será de acôrdo com meus gostos e aversões. Assim, a finalidade será condicionada pelos meus desejos, e portanto, deixará de ser finalidade. Isso está bem claro, não? Só posso compreender o que é a finalidade da vida através da cortina dos meus próprios preconceitos, necessidades e desejos — do contrário, não posso julgar, posso? A medida, pois, é um condicionamento da minha mente, e de acôrdo com os ditames do meu condicionamento decidirei qual é a finalidade. Mas é essa a finalidade da vida? Ela é criada pelo meu desejo, e, portanto, não é a finalidade da vida, de certo que não. Para descobrir a finalidade da vida, a mente precisa estar livre de medida; só então é ela capaz de descobrir — do contrário, estamos apenas projetando o nosso próprio desejo. Isso não é um mero enunciado intelectual, e se quiserdes penetrá-lo profundamente percebereis o seu significado. Afinal de contas, é de acôrdo com meu preconceito, minha necessidade, meu desejo, minha predileção, que eu decido qual é a finalidade da vida. Que é mais importante: descobrir a finalidade da vida ou libertar a mente do seu próprio condicionamento, para depois investigar? Talvez, quando a mente estiver livre do seu próprio condicionamento, essa liberdade, em si, seja a finalidade.

Porque, afinal de contas, é só em liberdade que podemos descobrir qualquer verdade.

O requisito primordial, portanto, é a liberdade, e não a busca da finalidade da vida. Sem liberdade, é bem óbvio que não podemos encontrá-la; sem estarmos libertados de nossas pequeninas necessidades, desígnios, ambições, de nossa inveja e malevolência, sem estarmos livres dessas coisas, como é possível investigar ou descobrir a finalidade da vida? Não é, pois, importante que aquêle que indaga da finalidade da vida, descubra primeiro se o seu instrumento de pesquisa é capaz de penetrar o processo da vida, as complexidades do seu próprio ser? Porque é só isso que temos: um instrumento psicológico modelado de acôrdo com as nossas próprias necessidades — não é verdade? E visto que o instrumento é modelado pelos nossos pequeninos desejos, visto que é o resultado de nossas próprias experiências, nossas atribulações, ânsias e malevolência, como pode tal instrumento encontrar a realidade? Por conseguinte, não é importante, se desejais investigar a finalidade da vida, averiguar primeiro se o pesquisador tem capacidade para compreender ou descobrir aquela finalidade? Não estou empurrando para vós a dificuldade; é isso o que se subentende, quando indagamos da finalidade da vida. Quando fazemos tal pergunta, precisamos, primeiro saber se o indagador, o pesquisador, é capaz de compreensão.

Ora bem, ao discutir a finalidade da vida, vemos que por "vida" entendemos o extraordinàriamente complexo estado de interrelação, sem o qual não haveria vida. E se não apreendemos o inteiro significado dessa vida, suas variedades, impressões, etc., de que serve indagarmos a finalidade da vida? Se não compreendo a minha relação convosco, minha relação com a propriedade e com as idéias, como

posso ir adiante? Afinal de contas, senhores, para descobrir a verdade, ou Deus, ou o que quiserdes, preciso primeiro compreender a minha existência, preciso compreender a vida em tôrno de mim e em mim, pois, de outro modo, a busca da realidade se transforma em mera fuga da ação de cada dia; e como a maioria de nós não compreende a ação de cada dia, visto que para a maioria de nós a vida é servidão, dôr, sofrimento, angústia, dizemos "Pelo amor de Deus, dizei-nos como fugir disso". É o que queremos, os mais de nós: um narcótico, para não sentirmos as dôres e as penas da vida. Terei respondido à vossa pergunta sôbre a finalidade da vida?

Comentário do Auditório: Pode-se dizer que a finalidade da vida é viver corretamente?

KRISHNAMURTI: Sugerem que a finalidade da vida é viver corretamente. Senhores, não quero sofismar, mas que entendemos por "vida correta"? Temos a idéia de que viver de acôrdo com um padrão estabelecido por Shankaracharya, Buddha, X, Y ou Z, é viver corretamente. Isso é, viver corretamente? Isso, de certo, é sòmente uma conformidade, que a mente busca, para ficar em segurança, para não ser perturbada.

Comentário do Auditório: Há um ditado chinês segundo o qual a finalidade da vida é o prazer, a alegria de viver. Não uma alegria abstrata, mas a alegria de viver, os prazeres de dormir, beber, de nos encontrarmos com pessoas, de conversarmos com elas, de vir, de ir, de trabalhar. A alegria de viver, a alegria dos incidentes de cada dia, é a finalidade da vida.

KRISHNAMURTI: Sem dúvida existe uma alegria. Há uma felicidade real no compreendermos uma coisa, não é verdade? Se compreendo as minhas relações com o próximo, minha espôsa, com a propriedade, por cuja causa lutamos, disputamos e nos destruimos — se compreendemos essas coisas, dessa compreensão resulta, por certo, uma alegria; a vida é, então, alegria, riqueza, e com essa riqueza podemos ir mais longe, penetrar mais fundo. Sem essa base, porém, não se pode construir uma grande estrutura, não achais? A felicidade, afinal de contas, vem naturalmente, fàcilmente, mas só quando não há atrito nem em nós nem em redor de nós; e só deixa de haver atrito, quando temos uma compreensão das coisas em suas verdadeiras proporções, nos seus exatos valores. Para se descobrir o que é correto, precisa o indivíduo em primeiro lugar conhecer o processo, o funcionamento da sua própria mente. Do contrário, se uma pessoa não conhece a sua própria mente, como pode descobrir o exato valor do que quer que seja?

Estamos, pois, confusos; nossas relações, nossas idéias, nossos governos, estão realmente em confusão. Só um insensato não percebe a confusão. O mundo se acha numa desordem medonha, e o mundo é a projeção de nós mesmos. O que nós somos o mundo é. Estamos confusos, num horrível emaranhado de idéias, e não sabemos o que é verdadeiro e o que é falso; e nessa confusão, dizemos: "Por favor, dizei-nos qual é a finalidade da vida, qual a necessidade de tôda esta confusão, tôda esta miséria?".

Ora, alguns vos darão uma explicação verbal sôbre a finalidade da vida; e se vos agradar, vós a aceitareis e moldareis a vossa vida de acôrdo com ela. Mas isso não resolve o problema da confusão,

não é verdade? Vós apenas o adiais, pois não compreendestes o que *é*. Sem dúvida, a compreensão do que *é* — a confusão que existe em mim e portanto ao redor de mim — é mais importante do que perguntar como proceder corretamente. Se eu compreender aquilo que causou essa confusão e, portanto, a maneira de eliminá-la, se compreendo essas coisas surge então, naturalmente, um comportamento verdadeiro, cheio de afeição. Assim, estando em confusão, o meu problema não é o de averiguar qual é a finalidade da vida, nem como sair da confusão, mas, antes, o de compreender a confusão; porque, se a compreender, saberei dissolvê-la. Para pôr fim à confusão, cumpre ter a compreensão do que *é*, num dado momento; e isso requer enorme atenção, imenso interêsse em descobrir o que *é*, e não apenas a dissipação de nossas energias na conduta de nossa vida, dos nossos métodos, das nossas ações, segundo um determinado padrão — tudo isso é muito mais fácil, pois nesse caso não estamos atacando os nossos problemas, porém, fugindo dos mesmos.

Porque estais em confusão, qualquer homem que se torne guia político ou religioso não passa de expressão da vossa própria confusão; e porque seguis o guia, êle se transforma na voz da confusão. Poderá êle tirar-vos de uma determinada confusão, mas não vos ajudará a resolver a causa da confusão, e por conseguinte continuareis confusos; porque, vós criais a confusão, e a confusão está onde vós estais. A questão, pois, não é como sair da confusão, mas compreendê-la; e nessa compreensão encontrareis, talvez, o significado de tôdas estas lutas, estas dôres, estas angústias, esta batalha constante, interior e exterior.

Não é importante descobrir por que estamos confusos? Pode alguém, com exceção de muito pou-

cos, dizer que não está em confusão, política, religiosa ou econômica? Senhores, basta olhardes em tôrno de vós. Todos os jornais gritam em confusão, refletindo as incertezas, as penas, as angústias, as guerras iminentes; e a pessoa equilibrada, sensata, a pessoa sincera, que deseja encontrar a maneira de sair da confusão, deve primeiro estudar a si mesma. Nossa questão, pois, é esta: Qual a causa da confusão? Porque estamos confusos? Um dos fatôres óbvios é têrmos perdido a confiança em nós mesmos, e é por isso que temos tantos guias, tantos *gurus*, tantos livros sagrados a nos dizerem o que fazer e o que não fazer. Perdemos a confiança em nós mesmos. Que se entende por confiança em nós mesmos? Existem naturalmente pessoas — os técnicos — cheias de confiança, porque conseguiram resultados. Dai, por exemplo, a um mecânico exímio uma máquina qualquer, e êle a compreenderá. Quanto mais técnica possuimos, tanto mais capazes somos de lidar com coisas técnicas; mas isso, de certo, não é confiança em si mesmo. Não estamos empregando a palavra "confiança" tal como se aplica em assuntos técnicos. Um professor, ao versar sôbre a sua matéria tem tôda a confiança — pelo menos quando não há outros professores a ouví-lo; ou um burocrata, um alto funcionário, sente-se confiante, porque alcançou o mais alto grau da técnica burocrática e pode sempre fazer valer a sua autoridade. Ainda que não tenha razão, êle é todo confiança — como um mecânico a quem entregamos um motor que êle conhece perfeitamente. De certo, não temos em mente esta espécie de confiança — não é verdade? — pois não somos máquinas técnicas. Não somos meras máquinas que funcionam de acôrdo com um certo rítmo, que giram a uma certa velocidade, executando um dado número de revoluções

por minuto. Nós somos vida, e não máquinas. Gostaríamos de nos converter em máquinas, para conduzir-nos mecânicamente, com movimento repetido, automàticamente — é o que deseja a maioria de nós. Por isso, construimos muralhas de resistência, adotamos disciplinas, contrôles, trilhos sôbre os quais possamos correr. Mesmo depois de nos têrmos condicionado dessa maneira, depois de nos têrmos colocado em tal estado, de nos têrmos tornado tão automáticos e mecanizados, existe ainda uma vitalidade que tem desígnios diferentes e gera contradições. Senhores, nossa dificuldade resulta de que somos flexíveis, somos vivos, não estamos mortos; e porque a vida é tão célere, tão sutil, tão incerta, não sabemos compreendê-la e perdemos a confiança. Os mais de nós somos instruídos tècnicamente, porque temos de ganhar a vida, e a civilização moderna exige técnica cada vez mais aperfeiçoada. Com essa mentalidade técnica, essa capacidade técnica, não podeis acompanhar a vós mesmos, porque sois veloz demais, porque sois mais flexíveis, mais complicados do que a máquina; estais, assim, aprendendo a ter confiaça cada vez maior na máquina e ao mesmo tempo perdendo a confiança em vós mesmos e, por conseguinte, multiplicando os guias. Como disse, uma das causas da confusão é esta falta de confiança em nós mesmos. Quanto mais imitamos, menos confiança temos, e convertemos a vida num caderno de cópia. Desde a mais tenra infância dizem-nos o que fazer; devemos fazer isto, não devemos fazer aquilo. Que esperais, pois? E não deveis ter confiança, para descobrirdes? Não deveis ter aquela extraordinária certeza interior, para conhecerdes a verdade quando a encontrardes?

Tendo, pois, convertido a vida num processo técnico, segundo um determinado padrão de ação, pu-

ramente técnico, perdemos naturalmente a confiança em nós mesmos e estamos aumentando a nossa luta interior, nossa dor e nossa confusão inteiores. A confusão só pode ser dissolvida pela confiança em si mesmo, e essa confiança não pode ser obtida por intermédio de outra pessoa. Tendes de empreender, sòzinhos e por vossos próprios meios, a jornada do descobrimento do processo de vós mesmos, a fim de o compreenderdes. Isso não significa que fiqueis retraídos, à parte. Pelo contrário, Senhores, a confiança vem no momento em que compreendemos, não o que outros dizem, mas os nossos próprios pensamentos e sentimentos, o que se passa em nós e em redor de nós. Sem essa confiança que resulta do conhecermos os nossos próprios pensamentos, sentimentos e experiências — sua verdade, sua falsidade, sua significação, seu absurdo — sem os conhecermos, como podemos clarificar todo o campo da confusão, que somos nós mesmos?

Comentário do Auditório: A confusão pode ser dissipada com estarmos cônscios.

KRISHNAMURTI: Dizeis, senhor, que, estando cônscios da nossa confusão, a confusão pode ser dissipada. É isso?

Comentário do Auditório: Sim, senhor.

KRISHNAMURTI: Não estamos por enquanto discutindo sôbre a maneira de dissipar a confusão. Tendo perdido a confiança em nós mesmos, o nosso problema é como recuperá-la — se alguma vez a tivemos. Porque, evidentemente, sem êsse elemento de confiança seremos desviados do rumo certo por qualquer pessoa que encontremos — e é isso preci-

samente o que está acontecendo. Qual é a finalidade correta, polìticamente, e como podeis conhecê-la? Não deveis conhecê-la? Não deveis saber o que há de verdadeiro nela? Do mesmo modo, não deveis saber o que há de verdadeiro na babel da religião? E como podeis descobrir o que é verdadeiro no meio das inumeráveis sentenças cristãs, hindus, muçulmanas, etc.? No meio dessa horrível confusão, como podeis descobrí-lo? Para êsse descobrimento, deveis estar em grande aflição, deveis estar ardendo por saber o que sois em vós mesmo. Estais em tal situação? Estais ardendo por conhecer a verdade de qualquer coisa, seja do comunismo, do fascismo, ou do capitalismo? Para se descobrir o que há de verdadeiro nos vários movimentos políticos, nas asserções e experiências religiosas, que tão fàcilmente aceitais — para descobrirdes a verdade de tôdas essas coisas, não deveis estar ardendo no desejo de conhecer a verdade? Por isso, não aceiteis autoridade alguma. Senhor, afinal de contas, a aceitação da autoridade indica que a mente deseja confôrto, segurança. Uma mente que busca a segurança, seja num *guru*, seja num partido político ou qualquer outro, uma mente que busca a segurança, o confôrto, nunca pode achar a verdade, nem nas mínimas coisas da existência. Assim, um homem que deseja ter essa criadora confiança em si mesmo, deve estar ardendo do desejo de conhecer a verdade de tôdas as coisas, não acerca de impérios ou da bomba atômica, — questão meramente técnica — mas em nossas relações humanas, nossas relações com os outros, e nossas relações com a propriedade e com as idéias. Se desejo conhecer a verdade, começo a investigar; e antes que eu possa conhecer a verdade de qualquer coisa, preciso ter confiança. Para ter confiança devo examinar a mim mesmo e

afastar as causas que impedem cada experiência de dar o seu significado pleno.

Comentário do Auditório: Nossas mentes estão limitadas. Qual a maneira de sairmos dêsse impasse?

KRISHNAMURTI: Um momento. Antes de indagarmos como libertar a mente do seu próprio condicionamento, que cria confusão, procuremos descobrir a maneira de acharmos a verdade de qualquer coisa — não de coisas técnicas, mas a verdade de nós mesmos em relação com uma coisa qualquer, até mesmo em relação com a bomba atômica. Compreendeis o problema, senhor? Não somos confiantes em nós mesmos, não há confiança em nós, essa coisa criadora que dá sustento, vida, vitalidade, compreensão. Perdemo-la, ou nunca a tivemos; e porque não sabemos a maneira de julgar qualquer coisa, temos sido puxados para cá, empurrados para lá, agitados, impelidos, política, religiosa, e socialmente. Não sabemos nada — mas é difícil dizer que não sabemos. Pensamos, em geral, que sabemos, mas em verdade sabemos muito pouco, com exceção de coisas técnicas — conduzir um govêrno, uma máquina, dar pontapés no servo, na mulher, ou nos filhos... Mas não conhecemos a nós mesmos, perdemos essa capacidade. Estou empregando a palavra "perdemos", mas é provàvelmente inadequada, porque nunca possuímos tal capacidade. Visto que não conhecemos a nós mesmos e entretanto desejamos descobrir o que é a verdade, como iremos descobrí-la? Compreendeis a questão, senhor? Receio que não.

Alguém queria discutir a reincarnação. Pois bem, eu desejo saber a verdade da reincarnação, não o que disse o *Bhagavad Gita,* o Cristo, ou meu *guru* favorito. Quero saber a verdade dessa questão. Que

devo então fazer para conhecer a verdade da mesma? Qual é o primeiro requisito? Não devo aceitar, a reincarnação, sôfregamente, não achais? Não devo deixar-me persuadir pelos hábeis argumentos ou pela personalidade de outra pessoa, o que significa que não me deixo satisfazer fàcilmente pelo agradável confôrto que a reincarnação proporciona. Não deve ser esta a minha posição? Isto é, não estou procurando confôrto e, sim, o que é verdadeiro. Estais nesta posição? De certo, quando procurais confôrto, podeis ser persuadido por qualquer um e por isso perdeis a confiança em vós mesmos; mas quando não buscais confôrto mas desejais conhecer a verdade, quando estais completamente livre do desejo de abrigar-vos num refúgio, então experimentareis a verdade, e essa experiência vos dará confiança. Êste é pois o primeiro requisito, não? Para conhecerdes a verdade de qualquer coisa, psicològicamente, não podeis buscar confôrto; porque no momento em que desejais confôrto, segurança, um porto em que estejais protegido, tereis o que desejais, mas o que tereis não será a verdade. Por isso, sereis persuadido por outra pessoa que vos ofereça um confôrto maior, uma segurança maior, um refúgio melhor; e sois levado assim de refúgio em refúgio, e é por isso que perdestes a confiança. Não tendes confiança porque tendes sido impelido de um refúgio para outro pelo vosso próprio desejo de estar em confôrto, em segurança. Assim, um homem que deseja procurar a verdade na vida de relação deve estar livre do destrutivo e limitante desejo de estar em confôrto e segurança. Êsse medo de nos perdermos, psicològicamente, deve extinguir-se. Só então se pode descobrir a verdade da reincarnação ou de qualquer coisa, porque então buscamos a verdade e não a segurança. A verdade nos revelará então o que é

correto, e por isso teremos confiança. Senhor, não achais que é mais importante descobrir a verdade do que crer que há ou não há continuidade? Esta é a questão, não achais? Quando quero conhecer a verdade, estou numa posição em que não posso ser persuadido facilmente.

Comentário do Auditório: Quando fizemos a pergunta sôbre a reincarnação queríamos a certeza de que há a reincarnação, — não queríamos informações sôbre a verdade e coisas semelhantes.

KRISHNAMURTI: Desejais naturalmente saber se há reincarnação, se a reincarnação é um fato, mas não desejais saber a verdade a ela relativa; pois eu desejo conhecer a verdade relativa à reincarnação, e não o fato. Não sei se é clara a distinção.

Comentário do Auditório: Não é clara.

KRISHNAMURTI: Muito bem, senhor; vamos examinar o assunto.

Comentário do Auditório: Quando fazemos a pergunta sôbre a reincarnação, é porque queremos ter a certeza de que há a reincarnação. Por outras palavras, fazemos esta pergunta num estado de ansiedade, porque nos interessa que haja a reincarnação, e porque estamos ansiosos ouvimos a resposta com a mente inclinada em certa direção. Não desejamos realmente descobrir a verdade a seu respeito; queremos apenas que nos assegurem que existe uma coisa que é a reincarnação.

Comentário do Auditório: Quereis saber se há a reincarnação, ou desejais conhecer a verdade?

Tendes muito interêsse em que haja a reincarnação, ou o vosso empenho é descobrir a verdade, seja ela qual fôr?

Comentário do Auditório: As duas coisas.

Comentário do Auditório: Não se pode conciliar as duas coisas. Ou desejamos conhecer a verdade sôbre à reincarnação, ou desejamos adquirir a certeza de que há a reincarnação. Qual é o vosso caso?

KRISHNAMURTI: Esclareçamos bem êste ponto. Se eu desejo ansiosamente saber se há ou não há reincarnação, qual é o motivo dêsse desejo?

Comentário do Auditóório: O motivo é bem evidente, creio eu.

KRISHNAMURTI: Qual é êle, senhor?

Comentário do Auditório: O motivo é que a vida começa em certo ponto e termina em certo ponto.

KRISHNAMURTI: E isso significa o que?

Comentário do Auditório: Que a finalidade está entendida, o que o alvo é atingido ou deixa de ser atingido.

Comentário do Auditório: Quando dizeis que a vida é limitada, sentis angústia?

Comentário do Auditório: Eu não disse que a vida é limitada.

Comentário do Auditório: Dissestes que ela começa em certo ponto e termina em certo ponto.

Comentário do Auditório: Quero referir-me ao nascimento e à morte.

Comentário do Auditório: A vida está compreendida entre o nascimento e a morte. É limitada.

Comentário do Auditório: É.

Comentário do Auditório: Quando perguntais se há a reincarnação, estais num estado de espírito que a deseja?

Comentário do Auditório: Estou em estado de indagação.

Comentário do Auditório: Sois crente?

Comentário do Auditório: Investigo, busco.

KRISHNAMURTI: Se busco, qual é o estado da minha mente? Que me faz empreender a busca?

Comentário do Auditório: Não compreendo, senhor.

KRISHNAMURTI: Que é que me impele a procurar?

Comentário do Auditório: O desejo de conhecer a verdade.

KRISHNAMURTI: Nêsse caso não sentis angústia.

Comentário do Auditório: Não há motivo algum, só há angústia.

KRISHNAMURTI: Dizeis, pois, que sentis angústia.

Comentário do Auditório: Todos a sentem.

KRISHNAMURTI: Então não estais procurando a verdade, porque não estais passivo.

Comentário do Auditório: Em virtude da minha angústia, procuro conhecer a verdade.

KRISHNAMURTI: De fato, senhor?

Comentário do Auditório: A respeito de que sentis angústia?

Comentário do Auditório: Não sinto angústia alguma. Estou considerando a questão apenas de um ponto de vista acadêmico.

KRISHNAMURTI: Ou bem estamos discutindo acadêmicamente, superficialmente, ou bem estamos discutindo a sério.

Comentário do Auditório: Está visto.

KRISHNAMURTI: Não estou dizendo que sois superficial; mas, por certo, precisamos saber se estamos discutindo por simples curiosidade. Caso afirmativo, isso nos levará numa direção; e se estamos discutindo para descobrir a verdade, isso nos levará noutra direção. Qual é o caso? Como eu disse logo de início, esta noite, se estamos apenas discutindo como se fôssemos uma agremiação de entretenimento intelectual, então creio que não posso

fazer parte da mesma, pois minha intenção não é essa; mas se estamos empenhados em descobrir a verdade relativa a alguma coisa, isto é, a verdade da relação existente entre nós, nêsse caso, vamos discutir.

Ora bem, se faço uma pergunta concernente à reincarnação porque sinto angústia, essa naturalmente provém do medo à morte, do medo de terminar, de não me preencher, de não ver os meus amigos, de não concluir o meu livro, etc. Isto é, minha busca está baseada no temor; o temor, por conseguinte, ditará a resposta, determinará o que será a verdade. Mas se nada temo e estou em busca da verdade do que *é*, a reincarnação passa a ter um significado diferente. Assim, interiormente, psicològicamente, precisamos estar bem esclarecidos sôbre o que procuramos. Estamos em busca da verdade relativa à reincarnação, ou estamos em busca da reincarnação, por causa da nossa angústia.

Comentário do Auditório: Acho que não há muita diferença entre as duas coisas. Estou empenhado numa busca.

Comentário do Auditório: Parece-me que êle empregou a palavra angústia com o sentido de "empenho".

Comentário do Auditório: É óbvio que se uma pessoa procura alguma coisa movida pela angústia, leva consigo uma propensão em favor de uma determinada resposta que a liberte da angústia, e portanto não pode achar a verdade.

Comentário do Auditório: Posso dizer com sinceridade que não sou a favor disso nem daquilo.

Quero conhecer a verdade. A pergunta me ocorreu quando discutíamos a questão.

Comentário do Auditório: Como surgiu ela?

Comentário do Auditório: Não sei explicar. Cabe-vos explicá-lo.

Comentário do Auditório: Em geral as pessoas fazem perguntas sôbre a reincarnação, para terem a certeza de que existe a reincarnação.

Comentário do Auditório: Nem tôdas.

Comentário do Auditório: É muito raro alguém fazer uma pergunta a respeito da reincarnação, só para conhecer a verdade.

Comentário do Auditório: Podeis muito naturalmente compreender que tenho sumo interêsse na questão.

KRISHNAMURTI: Muito bem. Não respondo, por enquanto, à vossa pergunta. Estamos discutindo a questão de modo geral. A maneira como empreendemos o nosso exame é ditada pela angústia, pelo temor; ou, nada temendo, desejamos saber? Porque os resultados de nossa investigação serão diferentes em cada caso. Conforme ponderou um de vós, ou estou ansioso por saber, e minha ansiedade, por isso, há de colorir o que *é*, ou desejo conhecer a verdade, sem temor, desejo conhecer a verdade com relação à continuidade, independentemente de meus gostos e aversões, temores e angústias. Desejo conhecer o que *é*. Ora, a maioria de nós somos um misto das duas coisas, não é certo? Quando morre

o meu filho, fico ansioso, consumindo-me de dôr, de solidão, e desejo saber. Em tal caso, minhas indagações baseiam-se na angústia. Mas, sentados como estamos, nesta sala, a discutir, e dizendo despreocupadamente "Eu gostaria de conhecer", quando não há crise alguma — pode a nossa mente, em tais condições, conhecer? Por certo, só é possível achar a verdade numa crise e não na ausência de crise. É então que deveis indagar, e não quando casualmente dizeis: "Vamos discutir se há a verdade, ou não". Não é assim? Quando morre o meu filho, eu desejo saber não se êle vive, mas a verdade acêrca da continuidade, o que significa que estou interessado em compreender a questão. Não é isso o que se infere? Perdi o meu filho, e desejo saber o que me faz sofrer, e se há fim ao sofrimento. Logo, é só nesse momento de crise, quando há premência, que encontrarei a verdade, se de fato desejo conhecer a verdade. Todavia no momento da crise, no momento da premência, queremos confôrto, queremos alívio, queremos repousar a cabeça no regaço de alguém; em momentos de angústia queremos que nos acalentem e nos façam dormir. Eu, pelo contrário, digo que o momento da angústia é o momento justo para se investigar e descobrir a verdade. Quando busco confôrto no momento da crise, não estou investigando. Por conseguinte, preciso conhecer o estado do meu próprio ser, do meu ser psicológico ou espiritual, preciso conhecer o estado em que me encontro, antes de poder investigar e descobrir o que é a verdade.

Senhor, a maioria de nós se acha numa crise — por causa da guerra, por causa de um emprêgo, por causa da fuga de nossa espôsa com outro homem... Temos crises ao redor de nós e dentro em nós, a todos os momentos, quer o admitamos, quer não; e

não é êste o momento de investigar, em vez de ficarmos à espera do momento derradeiro, em que seja lançada a bomba? Porque, embora o neguemos, estamos sempre em crise, momento por momento, pollticamente, psicològicamente, econômicamente. Há intensa pressão a tôdas as horas; e não será êste o momento de investigar? Não estaremos num momento dêsses? Se dizeis "Não estou em crise, estou apenas observando a vida tranqüilamente" isso é simples maneira de evitar o problema, não achais? Haverá alguém de nós nesta situação? Ninguém, por certo. Temos crises sucessivas, mas estamos insensíveis, em segurança, indiferentes; e o nosso obstáculo consiste em que não sabemos enfrentar as crises, não é verdade? Devemos enfrentá-las cheios de angústia, ou devemos investigar e descobrir a verdade contida no problema? A maioria de nós enfrenta uma crise com angústia; cansamo-nos e dizemos: "Quereis ter a bondade de resolver êste problema?" Quando falamos, procuramos uma solução e não a compreensão do problema. De modo idêntico quando tratamos da questão da reincarnação, do problema se há ou não há continuidade, do que entendemos por continuidade, do que entendemos por morte: para compreendermos tal problema, o problema da continuidade ou não continuidade, não devemos buscar uma solução fora do problema. Precisamos compreender o próprio problema — e trataremos disso noutra reunião, porque a nossa hora está quase esgotada.

Minha tese é que há necessidade de confiança em nós mesmos — e já expliquei suficientemente o que entendo por confiança em nós mesmos. Não é a confiança decorrente da capacidade técnica, do conhecimento técnico, do preparo técnico. A confiança que nasce do autoconhecimento é inteiramente di-

ferente da confiança da agressividade e da capacidade técnica; e aquela confiança nascida do autoconhecimento é essencial para dissiparmos a confusão em que vivemos. É bem óbvio que não podeis obter êsse autoconhecimento por intermédio de outra pessoa, porque o que vos é dado por outro é mera técnica. Aquela confiança criadora em que há a alegria de descobrir, o êxtase de compreender, só pode nascer quando eu compreendo a mim mesmo, o processo total de mim mesmo; e o compreender a nós mesmos não constitui emprêsa tão complexa, podemos começar em qualquer nível da consciência. Mas, como eu disse no último domingo, para têrmos essa confiança é necessária a intenção de conhecermos a nós mesmos. Nêsse caso, não me deixo fàcilmente persuadir: desejo conhecer tudo o que há em mim e, assim, estou aberto para tôda informação relativa a mim mesmo, quer provenha de outra pessoa, quer provenha do meu próprio interior. Estou aberto para o consciente e para o inconsciente, no meu interior, aberto para todo pensamento e todo sentimento, em constante movimento dentro em mim, urgindo, surgindo e desaparecendo. Certamente, essa é a maneira de possuirmos aquela confiança: conhecer a nós mesmos, exatamente como somos, e não visarmos a um ideal daquilo que deveríamos ser, ou presumir que somos isso ou aquilo, o que é de fato absurdo. É absurdo porque, em tal caso, estamos apenas aceitando uma idéia preconcebida, quer nossa, quer de outrem, do que somos ou do que gostaríamos de ser. Para compreenderdes a vós mesmos, assim como sois, precisais estar voluntàriamente abertos, espontâneamente acessíveis a tôdas as suas próprias solicitações, a todos os impulsos do vosso ego. E começando a compreender o fluxo, o movimento, a rapidez da vossa própria mente, vereis como

dessa compreensão nasce a confiança. Não é a confiança agressiva, brutal, assertiva, mas a confiança do saber o que se passa em nós mesmos. Sem essa confiança, por certo, não podemos dissipar a confusão; e sem dissiparmos a confusão que existe em nós e ao redor de nós, como poderemos achar a verdade concernente a qualquer relação?

Nessas condições, para descobrir o que é verdadeiro, ou qual é a finalidade da vida, ou para achar a verdade relativa à reincarnação ou a qualquer problema humano, aquêle que investiga, que busca a verdade, que deseja conhecer a verdade, precisa estar absolutamente certo de suas intenções. Se estas consistem em procurar a segurança, o confôrto, então é bem evidente que êle não deseja a verdade; porque a verdade pode ser uma das coisas mais devastadoras e desconfortáveis. O homem que busca o confôrto, não deseja a verdade: deseja apenas segurança, proteção, um refúgio onde não seja perturbado. Já o homem que busca a verdade, tem de abrir a porta às perturbações, às tribulações; porque só nos momentos de crise há o estado de alerta, há vigilância, ação. Só então aquilo que *é* pode ser descoberto e compreendido.

18 de julho de 1948.

IV

Como eu dizia, da última vez em que estivemos reunidos, os problemas do mundo são tão ingentes, de tal sorte complexos, que para os compreendermos e resolvermos temos que nos abeirar dêles de maneira muito simples e direta; e a simplicidade e a ação direta não dependem de circunstâncias exteriores nem de nossos próprios preconceitos e estados de espírito. Como assinalei, a solução não pode ser encontrada por meio de conferências, planos, substituições de velhos chefes por novos, etc. A solução, òbviamente, se encontra no criador do problema, no criador dos malefícios, do ódio e da discórdia existente entre os seres humanos. O criador dêsse malefício, o criador dêsses problemas, é o indivíduo, vós e eu, e não o mundo, tal como o concebemos. O mundo são as vossas relações com os outros. O mundo não é uma coisa separada de vós e de mim; o mundo, a sociedade, são as relações que estabelecemos ou procuramos estabelecer uns com os outros.

Vós e eu somos o problema, e não o mundo; porque o mundo é a projeção de nós mesmos, e para compreendermos o mundo, precisamos compreender a nós mesmos. O mundo não está separado de nós; somos o mundo, e os nossos problemas são os problemas do mundo. Isso nunca pode ser repetido em demasia: somos de mentalidade tão indolente que pensamos que os problemas do mundo não são da nossa competência, que têm de ser resolvidos pelas Nações Unidas, ou mediante a substituição dos velhos che-

fes por novos. É uma mentalidade pobre a de quem pensa assim; porque somos responsáveis por essa horrível desgraça e essa confusão que reinam no mundo, por essa guerra iminente. Para transformarmos o mundo, devemos começar por nós mesmos; e, como eu dizia, o que mais importa, nêsse começo, é a intenção. A intenção deve ser a de compreendermos a nós mesmos, e não de esperarmos que outros se transformem a si mesmos ou promovam uma modificação, por meio de revolução, da esquerda ou da direita. Releva pois compreendermos que a responsabilidade é nossa, vossa e minha; porque, por menor que seja o mundo em que vivamos, se somos capazes de transformar a nós mesmos, de criar em nossa existência diária um ponto de vista radicalmente diferente, talvez então sejamos capazes de influir no mundo em geral, nas relações gerais de uns com outros.

Vamos examinar e descobrir o processo da compreensão de nós mesmos, que não é um processo de isolamento. Não é um processo de retraimento do mundo, porque não podemos viver em isolamento. Ser é estar em relação, e não existe uma coisa tal como o viver no isolamento. É a falta de relações adequadas que produz conflitos, desgraça e luta; e por menor que seja o nosso mundo, se somos capazes de transformar nossas relações nêsse mundo estreito, isso será como uma onda que se expande para o exterior, sempre e sempre. Julgo importante que se perceba êste ponto, isto é, que o mundo são as nossas relações, por mais limitadas que sejam; e se pudermos efetuar uma transformação aí, não uma transformação superficial, porém radical, começaremos então a transformar ativamente o mundo. A verdadeira revolução não se ajusta a nenhum padrão, seja da esquerda, seja da direita; é uma revolução de

valores, uma transição dos valores sensoriais para os valores que não são sensoriais ou criados por influências ambientais. Para descobrirmos êsses verdadeiros valores, que provocarão uma revolução radical, uma transformação ou regeneração, é essencial compreendermos a nós mesmos. O autoconhecimento é o comêço da sabedoria, e por conseguinte o comêço de transformação, da regeneração. Para um indivíduo compreender a si mesmo, é necessária a intenção de compreender — e aí é que surge a nossa dificuldade. Porque, embora a maioria de nós esteja descontente, queremos realizar uma modificação súbita e canalizamos o nosso descontentamento para um determinado resultado, quando estamos descontentes, procuramos outro emprêgo ou, simplesmente, sucumbimos ao ambiente. Nessas condições, o descontentamento, em vez de nos acender o entusiasmo, levando-nos a sondar a vida, faz-nos canalizar todo o processo da existência: tornamo-nos medíocres, perdendo aquêle ímpeto, aquela intensidade que poderiam levar-nos a descobrir o significado integral da existência. Assim, muito importa descubramos por nós mesmos essas coisas, porque o autoconhecimento não nos pode ser dado por outro, não pode ser encontrado em livro algum. Temos de descobrir, e para tanto há de haver a intenção, a busca, a indagação. Enquanto fôr fraca ou inexistente essa intenção de averiguar, de investigar profundamente, pouca valia tem a mera asserção ou o desejo casual de descobrir o que há em nós mesmos.

Vemos, pois, que a transformação do mundo decorre da transformação de nós mesmos; porque o indivíduo é ao mesmo tempo e produto e parcela do processo total da existência humana. Para transformarmos a nós mesmos é essencial o autoconhecimento; porque, se não sabeis o que sois, não tendes

base para pensar corretamente, e sem conhecerdes a vós mesmos, não é possível a transformação. Cada um precisa conhecer a si mesmo, tal como é, e não como deseja ser, pois isso é um mero ideal e portanto uma coisa fictícia, irreal; só aquilo que *é* pode ser transformado, e não aquilo que desejais ser. Assim, para conhecermos a nós mesmos, tais como somos, requer-se extraordinária atenção da mente; porque o que *é* sofre constante transformação, modificação, e para o acompanhar velozmente, não pode a mente estar prêsa a nenhum dogma ou crença, a nenhum padrão de ação. Se desejamos seguir uma coisa, é desvantajoso estarmos amarrados. Assim, para conhecerdes a vós mesmo, torna-se necessária lucidez, vigilância, por parte da mente, com completa isenção de crenças e idealizações de qualquer espécie; pois as crenças e os ideais são óculos de côres que perturbam a nítida percepção. Se desejais saber o que sois, não podeis imaginar ou crer alguma coisa que não sois. Se eu sou ganancioso, invejoso, violento, de pouco me serve ter um ideal de não violência, de não avidez. Já saber que somos gananciosos ou violentos, sabê-lo e compreendê-lo, requer uma percepção extraordinária, não é verdade? Requer sinceridade, lucidez de pensamento. Ao passo que o perseguirmos um ideal, longe do que *é*, constitui uma fuga; impede-nos de descobrir o que de fato somos, e de atuar diretamente sôbre nós mesmos.

A compreensão do que somos, como quer que sejamos — feios ou belos, iníquos ou perversos — a compreensão de nós mesmos, sem nenhuma desfiguração, é o comêço da virtude. A virtude é essencial, pois dá liberdade. É só na virtude que podemos descobrir, que podemos viver — não no cultivo de uma virtude, pois isso só tem o efeito de nos tornar respeitáveis, não nos dá compreensão e li-

berdade. Há diferença entre ser virtuoso e tornar-se virtuoso. Ser virtuoso é um estado que advém da compreensão do que *é*, enquanto o tornar-se virtuoso é um adiamento, é cobrir o que *é* com aquilo que desejamos ser. Por conseguinte, no esfôrço para nos tornarmos virtuosos evitamos ação direta sôbre o que *é*. Êsse processo de evitar o que *é*, pelo cultivo de um ideal, é considerado virtuoso; todavia, se o examinardes de perto e diretamente, vereis que não o é, de todo. É simples adiamento do nos pormos em presença do que é. A virtude não consiste em nos tornarmos aquilo que *não é*, virtude é compreensão do que *é*, a qual nos liberta do que *é*. E a virtude é essencial numa sociedade que está a desintegrar-se. Para criarmos um mundo novo, uma nova estrutura apartada da velha, necessita-se liberdade para descobrir; e para sermos livres, precisamos da virtude, porque sem virtude não há liberdade. Pode o homem sem moral, que se esforça por tornar-se virtuoso, chegar a conhecer a virtude? O homem sem moral nunca será livre, e por conseguinte não pode descobrir o que é a realidade. A realidade só pode ser encontrada na compreensão do que *é*; e para compreendermos o que *é* necessitamos liberdade, precisamos estar livres do medo do que *é*.

Será a virtude, pois, uma coisa dependente do tempo? A compreensão do que *é*, a qual é virtude, porque nos dá liberdade, imediato livramento — isso é coisa dependente do tempo? Sois benevolente, generoso, afetuoso, graças ao processo do tempo? Isto é, sereis benevolente depois de amanhã? Pode a benevolência ser pensada em têrmos de tempo? Bem considerado, a afeição, a piedade, a generosidade, são coisas necessárias à vida, representam a única solução para todos os nossos problemas. A boa vontade é essencial, e nós não a temos, não é exato?

Nem os políticos, nem os guias, nem os adeptos têm verdadeira boa vontade, que não é ideal; e sem boa vontade, sem aquela extraordinária doçura do ser, que produz a afeição, não é possível resolver os nossos problemas mediante simples conferências. Tal como os políticos e a vasta maioria dos seres humanos, no mundo inteiro, não sois bondosos, não possuís aquela boa vontade que constitui a única solução; e visto que a não possuís, é ela uma coisa dependente do tempo? Tereis boa vontade amanhã ou daqui a dez anos? Não é um raciocínio falso pensar em têrmos de tempo, em nos tornarmos generosos no futuro? Se não sois generoso agora, nunca sereis generoso. Podeis pensar que pela longa prática, pela disciplina, e tudo o mais, sereis um homem generoso amanhã, ou daqui a dez anos; enquanto isso, permaneceis maldosos. E a bondade, a boa vontade, a afeição, constituem a única solução para os problemas imediatos da existência; constituem o único antídoto para o veneno do nacionalismo, do comunalismo, o único cimento que nos pode unir.

Ora, se a bondade, a piedade, independem do tempo, então por que motivo vós e eu não somos bondosos logo, imediatamente? Por que motivo não somos benevolentes agora? Se formos capazes de compreender por que não somos bondosos, uma vez que a compreensão é imediata, nos tormaremos bondosos imediatamente; esqueceremos então qual é a nossa casta, esqueceremos as nossas diferenças comunais, religiosas e nacionalistas, e seremos imediatamente generosos, bondosos. Por conseguinte, precisamos compreender por que não somos bondosos, em vez de nos entregarmos a pacientes exercícios de bondade ou a meditações sôbre a generosidade — o que é absurdo. Se eu sei porque sou maldoso e desejo ser bondoso, então, porque minha intenção é

ser bom, bom me tornarei. Mais uma vez, a intenção é de enorme importância; mas a intenção é fútil, se desconheço a causa da maldade. Por conseguinte, preciso conhecer todo o processo do meu pensar, todo o processo de minha atitude perante a vida. Assim, o estudo de si mesmo assume extraordinária importância; mas o autoconhecimento não é um fim. Precisamos estudar a nós mesmos, mais e mais, não com um objetivo em mira, não para alcançarmos um resultado; porque, se queremos alcançar um objetivo, um resultado, pomos fim à investigação, ao descobrimento, à liberdade. O autoconhecimento é a compreensão do processo de nós mesmos, do processo de nossa mente, é o estarmos cônscios de tôdas as complexidades das paixões e seus movimentos; e, à medida que nos conhecemos cada vez mais profundamente, mais amplamente, vem-nos uma liberdade, uma libertação das malhas do temor, do temor que produz as crenças, os dogmas, o nacionalismo, as castas, e tôdas as detestáveis coisas que a mente inventa, para se conservar isolada, no temor. E quando gozamos de liberdade, fazemos o descobrimento daquilo que é eterno. Sem essa liberdade, o mero indagar o que é o eterno, nenhum valor tem, absolutamente. Isso é proceder como as crianças, divertindo-se com seus brinquedos. A eternidade, Deus, a realidade, ou o que quiserdes, só pode ser descoberto por vós mesmos. Só pode vir à existência quando a mente é livre, desembaraçada das crenças, desafogada de preconceitos, quando não está prêsa na rede da paixão, da malevolência, e da mundanidade. Já a mente enredada no nacionalismo, ou em crenças e rituais, está cativa dos seus próprios desejos, ambições e empreendimento; é bem óbvio que a mente em tais condições é incapaz de compreender, não está preparada para receber.

Só o descobrimento da verdade trará a felicidade, e para a descobrirmos, é indispensável a compreensão de nós mesmos. Para compreendermos a nós mesmos, cumpre haver a intenção de compreender e com a intenção é-nos dada uma mente inquiridora, uma mente atenta e lúcida, que observa sem condenação, nem identificação, nem justificação; e essa lucidez livra-nos logo do problema. Nossa busca, por conseguinte, não visa à solução de um problema, mas, sim, à compreensão do próprio problema. E o problema não está fora de nós: o problema *somos nós*. Para compreendermos o problema, compreendermos o criador do problema, que somos nós, temos de descobrir espontâneamente a nós mesmos, assim como somos, dia por dia: porque só no momento em que ocorrem as nossas reações, é que podemos compreendê-las. Mas se disciplinamos as nossas reações segundo um padrão, da esquerda ou da direita, ou se observamos uma determinada norma de conduta, não podemos descobrir as nossas próprias reações. Experimentai-o, e vereis como descobrireis as vossas reações se estiverdes cônscios de cada reação no momento em que ela surge, se a observardes sem condenação, nem justificação, e procurando apreender todo o conteúdo da reação. A liberdade resulta de nos livrarmos da reação, e não de a disciplinarmos.

Nossa investigação da finalidade da existência, nosso desejo de saber se existe ou não a realidade, tem muito pouca significação sem a compreensão da mente, que somos nós mesmos. O problema, que é tão vasto, tão complexo, tão imediato, está em nós mesmos, e ninguém o pode resolver, senão nós mesmos; nenhum *guru*, nenhum instrutor, nenhum salvador, nenhuma compulsão organizada pode resolvê-lo. A organização exterior está sempre sujeita a

ser derribada, pois o interior é muito forte do que a estrutura exterior da existência humana. Sem compreensão do interior, de pouco adianta modificar o padrão do exterior. Para realizar uma reorganização duradoura das coisas exteriores, cada um de nós deve começar em si mesmo; e, quando se realiza essa transformação interior, o exterior pode então ser transformado com inteligência, com compaixão e desvê-lo.

Há varias perguntas, e tentarei responder ao maior número possível, nesta tarde.

PERGUNTA: Tendes uma mensagem especial para a juventude?

KRISHNAMURTI: Senhores, há muita diferença entre os jovens e os velhos? A juventude, os moços, se têm qualquer grau de vitalidade, estão cheios de idéias revolucionárias, cheios de descontentamento, não é verdade? Têm de ser assim: pois do contrário seriam já velhos. Senhores, isso é muito sério, portanto não concordeis nem discordeis. Estamos apreciando a vida — não estou fazendo um discurso, para ser agradável a vós ou a mim mesmo.

Como dizia, se os jovens não têm aquêle descontentamento revolucionário, são já velhos; e os velhos são aquêles que estiveram descontentes outrora, mas se estabilizaram. Querem segurança, querem permanência, seja em seus empregos, seja em suas almas. Querem certeza, nas idéias, nas relações, ou na propriedade. Se em vós, que sois jovens, existe um espírito de indagação que vos faz desejar a verdade relativa a qualquer coisa, a qualquer movimento político da esquerda ou da direita, e se não estais presos pela tradição, sereis então os regeneradores do mundo, os criadores de uma nova civilização, de

uma nova cultura. Mas, à semelhança de nós outros, à semelhança da velha geração, os jovens também desejam segurança, certeza. Querem empregos, querem alimento, vestuário e teto, não desejam discordar dos pais, porque isso significa opor-se à sociedade. Por conseguinte, submetem-se e aceitam a autoridade dos mais velhos. E, assim, que acontece? O descontentamento, que é a própria chama da indagação, da busca, da compreensão — êsse descontentamento baixa ao nível da mediocridade, tornando-se apenas desejo de um emprêgo melhor, de um casamento rico, de um diploma. Nestas condições o descontentamento é destruído, transformando-se em mero desejo de mais segurança. Sem dúvida, o que é essencial para os velhos e para os novos é que vivam integralmente, completamente. Mas há muito pouca gente nêste mundo que deseja viver integralmente. Para se viver integral e completamente, é necessária a liberdade, e não que se aceite qualquer autoridade; e só pode haver liberdade, quando há virtude. A virtude não é imitação; a virtude é o viver criador. Isto é, a possibilidade de criar nos é dada pela liberdade que a virtude traz consigo; e a virtude não é coisa que se cultive, ela não vem a poder de exercícios, ou no fim da nossa vida. Ou somos virtuosos e livres agora, ou não somos. E para poderdes verificar porque não sois livres, necessitais de descontentamento, necessitais da intenção, do impulso, da energia para indagar; mas vós dissipais essa energia, sexualmente, ou vociferando *slogans* (1) políticos, agitando bandeiras, ou meramente imitando, prestando exames para terdes acesso a melhores empregos.

(1) Palavra ou frase associada pelo uso a um determinado partido, grupo, etc. (divisa). (N. do T.)

Assim, o mundo se encontra em tamanha desgraça porque não existe aquela capacidade de criar. Para vivermos criadoramente, não podemos ficar na mera imitação, seguir Marx, ou a Bíblia, ou o *Bhagavad Gita.* A atividade criadora é gerada pela liberdade, e só pode haver liberdade quando há virtude, e a virtude não é um resultado do processo do tempo. A virtude vem quando começamos a compreender o que *é*, em nossa existência de cada dia. Logo, para mim a divisão entre velhos e moços é um tanto absurda. Senhores, a maturidade não é uma questão de idade. Embora, na maioria, sejamos mais velhos, nós somos infantis, temos medo do que pensa a sociedade, temos medo do passado. Os que são velhos buscam a permanência, pedem garantias confortadoras, e os moços querem também a segurança. Não há pois uma diferença essencial entre velhos e moços. Como disse, a maturidade não reside na idade: vem com a compreensão, não existe compreensão quando fugimos do conflito, do sofrimento; e fugimos do conflito, quando buscamos confôrto, quando demandamos um ideal. É quando somos jovens que podemos investigar verdadeiramente, ardorosamente, resolutamente. Em ficando mais velhos, a vida se nos torna demasiado pesada, e nós nos tornamos mais e mais embotados. Gastamos as nossas energias tão inùtilmente. A preservação dessa energia para a investigação, para descobrir a realidade, requer muita educação — educação que não seja mera conformidade a um padrão, porque isso não é educação. Prestar exames não é educação. Um tolo pode passar num exame; isso só requer um certo tipo de mente. Já para se investigar profundamente o que é a vida, para se compreender tôda a base da existência, para isso requer-se uma mente muito vigilante e penetrante, uma mente fle-

xível. Mas a mente se torna inflexível quando forçada a adaptar-se, e tôda a estrutura da nossa sociedade está baseada na compulsão. Por mais sutil que seja, a compulsão nunca produzirá a compreensão.

PERGUNTA: A vossa confiança em vós mesmo é oriunda da vossa própria libertação do temor, ou resulta ela da convicção de que estais firmemente escorado em grandes entidades, tais como o Buddha e o Cristo?

KRISHNAMURTI: Senhores, antes de tudo, como nasce a confiança? A confiança é de duas espécies. Há a confiança que nasce da aquisição de conhecimentos técnicos. Um mecânico, um engenheiro, um físico, um homem que domina o violino, tem confiança, porque estudou ou se exercitou durante um certo número de anos, adquirindo assim uma técnica. Isso nos dá uma espécie de confiança: a confiança meramente superficial, técnica. Mas há outro tipo de confiança, a qual nasce do autoconhecimento, de nos conhecermos inteiramente, tanto a nossa mente consciente como a inconsciente, tanto a oculta como a patente. Digo que é possível vos conhecerdes completamente, e que daí provém uma confiança que não é agressiva, nem arrogante, que não é astuciosa, que não é aquela confiança nascida da realização de um feito qualquer; mas, sim, a confiança de ver as coisas como elas são, a todos os momentos, sem desfiguração. Essa confiança vem à existência de maneira natural, quando o pensamento não está baseado nas realizações pessoais, no engrandecimento pessoal, ou na salvação pessoal, e quando cada coisa revela o seu verdadeiro significado. Estais então escorado na sabedoria, seja do Buda, seja do

Cristo. Essa sabedoria, essa confiança, essa extraordináriamente rápida flexibilidade mental, não é para uns poucos privilegiados. Não há hierarquia de compreensão. Quando compreendeis um problema de relação, seja com objetos físicos, seja com idéias, seja com vosso vizinho, essa compreensão vos liberta completamente do senso de tempo, de posição, de autoridade. Por conseguinte, não há o Mestre e o discípulo, não há o *guru* sentado numa tribuna, e vós sentados abaixo dêle. Senhores, essa confiança se chama amor, afeição; e quando amais alguém, não há diferenças, não há alto nem baixo. Quando há amor, essa chama extraordinária, então êle é a sua própria eternidade.

PERGUNTA: Podemos alcançar o real através da beleza, ou a beleza é estéril no que concerne à verdade?

KRISHNAMURTI: Ora, que se entende por beleza, e que se entende por verdade? A beleza, de certo, não é um ornamento; a mera decoração do corpo não é beleza. Todos queremos ser belos, queremos todos ser apresentáveis — mas não é isso o que entendemos por beleza. Vestir-se com gôsto e alinho, ser asseado, cortês, atencioso, etc., faz parte do belo, não é verdade? Mas essas coisas são simples expressões da libertação interior da fealdade. Ora, que é que está acontecendo no mundo? Todos os dias, e cada vez mais, cuidamos de decorar o exterior. Os astros cinematográficos, e vós que os copiais, cuidais de ser belos exteriormente; mas se nada tendes interiormente, a decoração externa, a ornamentação, não é beleza. Senhores, não conheceis aquele "estado de ser" íntimo, aquela interior tranquilidade, em que floresce o amor, a bondade a

generosidade, a piedade? Aquêle estado de ser, òbviamente, é a essência mesma da beleza, e sem êle, o simples decorar de nós mesmos significa dar realce aos valores sensoriais, os valores dos sentidos; e o cultivo dos valores dos sentidos, como fazemos agora, há de levar inevitàvelmente ao conflito, à guerra, à destruição.

A decoração do exterior é a própria natureza da presente civilização, a qual está baseada na industrialização. Não significa isso que eu seja contrário à industrialização — seria absurdo destruir as indústrias. Mas o mero cultivar do exterior sem compreender o interior há de, fatalmente, criar aqueles valores que levam os homens a se entredestruirem; e é isso mesmo o que está acontecendo no mundo. A beleza é considerada como um ornamento que se compra e se vende, que se pinta, etc. Positivamente isso não é beleza. A beleza é um "estado de ser", e êsse estado de ser surge com a riqueza interior — não a acumulação interior de riquezas, que chamamos virtude, ideais. Isso não é beleza. A riqueza, a beleza interior com os seus imperecíveis tesouros, começa a existir logo que a mente é livre; e a mente só pode ser livre, quando não existe temor. A compreensão do temor nasce com o autoconhecimento, e não da resistência ao temor. Se resistimos ao temor, isto é, ao feio sob qualquer aspecto, não fazemos mais do que lhe opor uma muralha protetora. Atrás dessa muralha não existe liberdade, só existe isolamento, e quem vive no isolamento jamais pode ser rico, jamais pode ser completo. Nessas condições, a beleza só tem relação com a realidade, quando a realidade se manifesta através daquelas virtudes que são essenciais.

Agora, que se entende por verdade, ou Deus, ou como quiserdes chamá-lo? Isso, naturalmente, não

é passível de formular-se; pois o que se formula não é o real, é criação da mente, resultado de um processo de pensamento; e o pensamento é reação da memória. A memória é o resíduo de experiências incompletas; a verdade, portanto, ou Deus, ou como quiserdes, é o desconhecido, impossível de formular-se. Para o desconhecido *ser*, a mente deve desligar-se do conhecido, e então existe relação entre a beleza e a realidade, então a beleza e a realidade não são diferentes; então, a verdade é beleza, quer se manifeste num sorriso, no vôo de uma ave, no chôro de uma criança, ou na cólera de vossa espôsa ou vosso marido. Saber a verdade do que *é*, tem muito valor; mas para conhecer a beleza dessa verdade, deve a mente ser capaz de compreensão, e nenhuma mente é capaz de compreensão quando está amarrada, quando cheia de temor, quando está evitando alguma coisa. Essa evasão assume a forma de decoração, ornamentação do exterior: sendo pobres e insuficientes, interiormente, procuramos tornar-nos belos, exteriormente. Construimos casas bonitas, adquirimos grande quantidade de joias, acumulamos posses. Tudo isso são sinais de pobreza interior. Não quero dizer que nos privemos de belas vestes e boas casas; mas, se não possuímos riquezas interiores, essas coisas não têm valor algum. Porque interiormente não somos ricos, cultivamos o exterior, e por essa razão o cultivo do exterior nos está levando à destruição. Isto é, quando cultivamos os valores sensoriais, há necessidade de expansão, necessidade de mercados; temos de expandir-nos pela indústria, e a expansão competitória da indústria torna necessário um contrôle cada vez mais forte, seja por parte da direita, seja por parte da esquerda, o qual conduz inevitàvelmente à guerra; e queremos

resolver os problemas da guerra tomando por base os valores dos sentidos.

Quem procura a verdade, procura a beleza — não há diferença entre uma e outra. A beleza não é mera ornamentação do exterior, mas, sim, aquela riqueza oriunda da liberdade que é dada pela compreensão interior, pelo conhecimento real do que *é*.

PERGUNTA: Porque condenais a religião, a qual òbviamente contém grãos da verdade? Porque lançar fora a criança juntamente com a água do banho? Não deve a verdade ser reconhecida, onde quer que se encontre?

KRISHNAMURTI: Senhores, que entendeis por religião? O dogma organizado, a crença, os rituais, a adoração de qualquer pessoa, por maior que seja ou tenha sido, a recitação de orações, a repetição de *Shastras*, a citação de palavras da Biblia — isso é religião? Ou religião é a busca da verdade ou Deus? Pode-se encontrar Deus por intermédio da crença organizada? Se vos dizeis hinduista e observais os ritos do hinduismo, ou de outro *ismo* qualquer, pensais que com isso achareis Deus ou a verdade? Ora, o que eu condeno não é a religião, não é a busca da realidade, mas, sim, a crença organizada, com os seus dogmas e suas influências e fôrças separativas. Não buscamos a realidade, estamos presos na rede das crenças organizadas, de rituais que se repetem — vós sabeis como é a coisa — que considero absurdos, porque entorpecem, porque desviam a mente da busca; são vias de fuga, e por isso insensibilizam a mente, inutilizam-na.

Visto que nossas mentes estão enleadas na rede das crenças organizadas, com todo o seu sistema de autoridades, sacerdotes e *gurus*, todos engendrados

pelo temor e pelo desejo de certeza, visto que estamos presos nessa rede, é evidente que não devemos limitar-nos a aceitar o que se nos oferece; precisamos investigar, olhar diretamente, experimentar diretamente, e ver o que é isso em que estamos presos, e porque estamos presos. Porque meu bisavó praticava um determinado rito, ou porque minha mãe choraria se eu não o praticasse, devo, por isso, praticá-lo também. Positivamente, o homem que se acha em tais condições, que está psicològicamente na dependência de outros e por isso é timorato, o homem em tais condições é incapaz de descobrir o que é a verdade. Pode falar sôbre a verdade, pode repetir o nome de Deus dezenas de vêzes, mas não está em parte alguma, não tem realidade. A realidade não o procurará, porque está enclausurado em seus próprios preconceitos e temores. E vós sois responsáveis por essa religião organizada, seja ela do Oriente ou do Ocidente, seja da esquerda ou da direita, a qual, baseada que está na autoridade, sempre dividiu os homens. Porque precisais de autoridade, seja do passado, seja do presente? Vós precisais da autoridade porque estais confusos, em dificuldades, angustiados, rodeados de solidão, sofrendo. Eis porque necessitais de ajuda de fora; criais então a autoridade, política ou religiosa, e tendo-a criado, seguis suas instruções, esperando dessa maneira afastar a confusão, a angústia, a dor de coração. Pode outra pessoa afastar as vossas penas, os vossos pesares? Outros poderão ajudar-vos a fugir do sofrimento, mas êle continua a existir.

Sois vós, pois, que criais a autoridade; e tendo criado a autoridade, vos tornais seus escravos. A crença é um produto da autoridade; e porque desejais fugir da confusão, ficais presos à crença, e continuais por isso em confusão. Vossos guias ou che-

fes são o produto de vossa confusão, e por conseguinte êles devem estar confusos. Não seguirieis outra pessoa se fôsseis lúcidos, livres de confusão, e capazes de experimentar diretamente. É porque estais confusos, que não há experiência direta. Em virtude da vossa confusão, criais o guia ou chefe, a religião organizada, os cultos separados, que estão gerando tanta luta no mundo de hoje. Na Índia isso está assumindo a feição de conflitos comunais entre muçulmanos e hinduistas, — na Europa são os comunistas contra os direitistas, e assim por tôda a parte. Se examinardes com muito cuidado, se analisardes, vereis que tudo isso está baseado na autoridade — uma pessoa diz isso e outra pessoa diz aquilo; e a autoridade é criada por vós e por mim, porque estamos confusos. Isso poderá parecer uma simplificação exagerada, no nível verbal, mas se o examinardes, vereis que não é nada simples, que é extremamente complexo. Porque estais confusos, desejais ser levados para fora da confusão — o que significa que não estais compreendendo o problema da confusão, e estais apenas procurando uma via de fuga. Para compreenderdes a confusão, precisais compreender a pessoa que está criando a confusão, que é a vossa própria pessoa; e sem compreenderdes a vós mesmos, que valor tem seguir outro qualquer? Confusos como estais, por acaso encontrareis a verdade praticando qualquer coisa ou seguindo qualquer religião organizada? Podeis estudar o *Upanishads*, o *Gita*, a Bíblia, ou outro livro qualquer; pensais que sois capazes de ler a verdade, se estais cheios de confusão? Vós interpretareis o que lerdes de acôrdo com a vossa confusão, com vossas simpatias e antipatias, vossos preconceitos, vosso condicionamento. O vosso caminho, portanto, não conduz à realidade. Descobrir a verdade, senhor, sig-

nifica compreender a si mesmo. Pois, aí, a verdade vem a nós, e não temos de sair à sua procura — e nisso consiste a sua beleza. Se ides procurar a verdade, o que encontrais é uma projeção de vós mesmos, e por conseguinte não é a verdade. Ela se torna então mero processo de auto-hipnose, que é a religião organizada. Para acharmos a verdade, para que a verdade venha ao nosso encontro, precisamos perceber claramente os nossos próprios preconceitos, opiniões, idéias e conclusões; e essa lucidez nasce da liberdade, que é virtude. Para a mente virtuosa, a verdade se encontra em tôda parte. Não pertencemos então a nenhuma religião organizada, somos então livres.

Assim, a verdade se manifesta quando a mente está preparada para recebê-la, quando o coração está vazio das coisas da mente. Nossos corações estão agora cheios das criações da mente; e quando o coração se liberta da mente, êle se torna então receptivo, sensível à realidade.

PERGUNTA: Alguns de nós, que vos ouvimos há muitos anos, concordamos, talvez apenas verbalmente, com tudo o que dizeis. Mas na vida real, na vida de todos os dias, somos apáticos, e não há êsse viver de momento em momento, de que costumais falar. Por que existe um tão grande abismo entre o pensamento, ou, melhor, entre as palavras e a ação?

KRISHNAMURTI: Parece-me que confundimos a percepção verbal com a compreensão real. Verbalmente, compreendemo-nos uns aos outros, compreendemos as palavras. Comunico-vos verbalmente certos pensamentos meus, e vós permaneceis no nível verbal e dêsse nível achais que podereis agir. Nessas condições, cumpre descobrir se a per-

cepção verbal produz a compreensão, a ação. Por exemplo, quando digo que a boa vontade, a afeição, o amor, constituem a única solução, a única maneira de sairmos de tôda esta confusão, vós o compreendeis, verbalmente; e, se sois ponderados provàvelmente concordareis. Mas, porque não agis? Pela razão muito simples de que a reação verbal está identificada com a reação intelectual. Isto é, intelectualmente pensais ter apreendido a idéia, e por isso há divisão entre a idéia e a ação. É por isso que o cultivo de idéias não gera a compreensão, mas, sim, ùnicamente, oposição, idéias contrárias; e embora tal oposição possa ocasionar uma revolução, não consistirá ela numa verdadeira transformação do indivíduo e, portanto, da sociedade.

Não sei se me estou fazendo claro a êste respeito. Se permanecemos no nível verbal, ficamos apenas a produzir idéias, porque as palavras são coisas da mente. As palavras são de natureza sensorial, e se ficamos no nível verbal, as palavras hão de criar apenas idéias e valores sensoriais. Isto é, um grupo de idéias cria idéias contrárias, e essas idéias contrárias provocam uma ação; mas essa ação é simples reação, a reação a uma idéia. Os mais de nós vivemos exclusivamente no nível verbal, alimentamo-nos de palavras; o *Bhagavad Gita* diz isso, o *Puranas* diz aquilo; ou Marx diz isso e Einstein diz aquilo. As idéias só podem produzir idéias, mas não ação — e eis porque existe esse abismo entre a compreensão verbal e a ação.

Pois bem, o interrogante deseja saber como se constroi a ponte entre a palavra e a ação. Digo que não se pode construir, que não se pode lançar uma ponte sôbre o abismo entre a palavra e a ação. Vêde, por favor, a importância que isso tem. Palavras não podem produzir ação, em tempo algum. Só po-

dem provocar uma resposta, uma ação contrária ou reação, e portanto outra reação, e mais outra, tal como uma onda; e nós somos levados por essa vaga. Entretanto, a ação é coisa de todo diferente, ela não é reação. Por isso não se pode transpor o abismo entre a palavra e a ação. Tendes de abandonar a palavra — e então havereis de agir. Nossa dificuldade, agora, é como abandonar a palavra. Isto é, como agir sem reação? Estais entendendo? Porque, enquanto vos alimentais de palavras, estais condenado a reagir; por conseguinte, precisais alijar de vós tôdas as palavras, o que significa eliminar a imitação. Palavras são imitação, viver no nível verbal é viver imitando; e visto que todo o nosso viver está baseado na imitação, no copiar, fizemo-nos, naturalmente, incapazes da ação. Por conseguinte, cumpre-vos investigar os vários padrões que vos fazem copiar, imitar, viver no nível verbal; e logo que começardes a compreender os vários padrões que vos impelem à imitação, vereis que podeis agir sem reação.

Senhor, o amor não é uma palavra; a palavra não é a coisa, é? Deus não é a palavra "deus", o amor não é a palavra "amor". Mas vós vos contentais com a palavra, porque a palavra vos dá uma sensação. Quando alguém pronuncia a palavra "Deus", sentis uma emoção psicológica ou nervosa, e a essa reação chamais a compreensão de Deus. A palavra, pois, vos impressiona nervosa e sensualmente, provocando uma certa ação. Mas a palavra não é a coisa, a palavra "deus" não é Deus; tendes sido nutridos ùnicamente de palavras, de reações nervosas, sensoriais. Vêde, por favor, quanto isso significa. Como podeis agir, se sempre fostes nutrido de palavras vãs? Porque as palavras são vãs,

não é verdade? Elas só podem provocar uma reação nervosa, que não é ação. Só se pode dar a ação, quando não há reação imitativa, o que significa que a mente precisa investigar todo o processo da vida verbal. Por exemplo, um chefe qualquer, político ou religioso, faz uma asserção, e, sem pensardes, vós dizeis que estais de acôrdo; e vos pondes então a agitar uma bandeira, e ides lutar pela Índia ou pela Alemanha. Mas não examinastes o que se disse; e visto que o não examinastes, o que fazeis é pura reação, e entre reação e ação não pode haver relação alguma. Os mais de nós estamos condicionados para a reação, e precisamos descobrir as causas desse condicionamento; e vereis como, logo que a mente começa a libertar-se desse condicionamento, há ação. Essa ação não é reação, ela tem sua própria vitalidade, sua própria eternidade.

Nessas condições, para a maioria de nós a dificuldade resulta de querermos transpor o intransponível, de querermos servir a Deus e a mamon; queremos viver no plano verbal, e agir. As duas coisas são incompatíveis. Todos conhecemos a reação, mas muito poucos conhecem a ação, pois a ação só pode ocorrer quando compreendemos que a palavra não é a coisa. Compreendendo isso, podemos então penetrar muito mais fundo, podemos começar a desvendar todos os temores que em nós existem, tôda as imitações, fugas e autoridades; mas isso implica que temos de viver muito perigosamente, e pouquíssimos desejam viver em estado de perpétua revolução. O que todos queremos é um remanso tranquilo, um refúgio, no qual possamos estabilizar-nos e viver em confôrto emocional, fisico, ou psicológico. Assim como não há relação entre um homem preguiçoso e um homem muito ativo, assim também não há relação

entre a palavra e a ação; mas uma vez compreendamos isso e percebamos todo o seu alcance, dar-se-á a ação. Essa ação, indubitàvelmente, conduz à realidade; ela é o campo em que a realidade pode operar. Não precisamos, então, sair em busca da realidade: ela nos vem diretamente, misteriosamente, silenciosa, furtiva. E abençoada é a mente que se tornou capaz de receber a realidade.

25 de julho de 1948.

V

Nas duas últimas palestras, estivemos apreciando a importância da ação individual, que não é oposta à ação coletiva. O indivíduo é o mundo, êle é tanto a raiz como o produto do processo total, e sem a transformação do indivíduo não pode haver uma transformação radical no mundo. O que importa pois, não é a ação individual em oposição à ação coletiva, mas compreender que a verdadeira ação coletiva só pode produzir-se mediante a regeneração individual. Releva compreender a ação individual que não é oposta à coletiva. Porque, afinal de contas, o indivíduo, vós e o vosso próximo, sois parte de um processo total; o indivíduo não é um processo separado, isolado. Vós sois, afinal de contas, o produto de tôda a humanidade, embora condicionados climática, religiosa e psicològicamente. Vós sois o processo total do homem, e por conseguinte, se compreendeis a vós mesmos como um processo total — não como um processo separado, oposto ao da massa ou da coletividade — pode haver, em virtude dessa compreensão de vós mesmos, uma transformação radical. Foi sôbre isso que estivemos falando, na última vez em que nos reunimos.

Ora, que entendemos por ação? A ação, òbviamente, implica conduta em relação com alguma coisa. A ação, por si só, é inexistente; ela só pode existir em relação com uma idéia, uma pessoa, ou uma coisa. E nós temos de compreender a ação, porque o mundo na época atual está clamando por ação de alguma

espécie. Todos desejamos agir, desejamos todos saber o que fazer, sobretudo quando o mundo se acha em tamanha confusão, tamanha desgraça e caos, sob constante ameaça de guerras, quando as ideologias se defrontam com tamanho poder destrutivo e as religiões organizadas estão acirrando os homens uns contra os outros. Assim, precisamos saber o que entendemos por ação; e ao compreendermos o que se entende por ação, talvez, fiquemos em condições de agir de verdade.

Para compreendermos o que se entende por ação — que é boa conduta, e boa conduta é retidão — precisamos examiná-la de maneira negativa. Isto é, para examinarmos um problema de maneira positiva, têmos necessàriamente de fazê-lo segundo um determinado padrão; e a ação moldada a um padrão deixa de ser ação — é puro conformismo; não é, portanto, ação. Para compreendermos a ação, isto é, a boa conduta, que é virtude, precisamos verificar como a devemos examinar. Devemos primeiro compreender que todo exame positivo, que significa procurar ajustar a ação a um padrão, uma conclusão, uma idéia, já não é ação; é simples continuação do padrão, do molde, e portanto não é ação, absolutamente. Logo, para se compreender a ação, precisamos chegar-nos a ela negativamente, isto é, precisamos compreender o falso processo da ação positiva. Porque, quando conheço o falso como falso, e o verdadeiro como verdadeiro, o falso, então, cairá, e eu saberei como agir. Isto é, se eu sei o que é ação falsa, ação errada, a ação que é mera continuação conformista, então percebendo a falsidade dessa ação, saberei a maneira de agir corretamente.

É bem evidente que necessitamos, na existência de cada dia, em nossa estrutura social, em nossa

vida política e religiosa, uma radical transformação dos valores, uma revolução completa. Sem entrar em particularidades a êste respeito, creio que é óbvia a necessidade de uma modificação, ou, por outra, não uma modificação, que implica continuidade modificada, mas uma transformação. Há necessidade de uma transformação, há necessidade de uma revolução completa, política, social, econômica, em nossas relações uns com os outros, em todos os setores da vida. Porque as coisas não podem continuar nas condições atuais — isso é bem evidente para qualquer pessoa que reflita e observe os acontecimentos mundiais. Ora, como promover essa revolução na ação? — é isso o que estamos discutindo. Como pode haver ação transformadora, não no correr do tempo, mas já? Não é isso o que nos interessa? Porque há tanta miséria, aqui em Bangalore e por tôdas as partes, no mundo; há crises econômicas, há falta de higiene, pobreza, desemprêgo, lutas comunais, etc. etc., e a constante ameaça de guerra na Europa. Está visto, pois, que há necessidade de uma completa transformação de valores, não achais? Não teòricamente, porque se ficamos só a discutir no nível verbal, isso é fútil, não tem significação alguma. É o mesmo que dissertar sôbre alimentação na frente de um homem faminto. Assim, não vamos discutir apenas no nível verbal, e peço-vos que não fiqueis como os espectadores de um jogo esportivo. Vamos experimentar o que dizemos; porque se houver êsse experimentar, então, talvez venhamos a compreender como devemos agir, e isso influirá em nossas vidas e produzirá, por conseguinte, uma transformação radical. Por isso, não sejais como os assistentes de um jogo de futebol. Vamos empreender juntos uma jornada para alcançarmos a compreensão dessa coisa que se chama ação, porque isso é o que tem

interêsse para nós na vida diária. Se podemos compreender a ação, no sentido fundamental da palavra, essa compreensão fundamental influirá também em nossas atividades superficiais; mas primeiro precisamos compreender a natureza fundamental da ação.

Pois bem: é a ação produzida por uma idéia? Tendes primeiro uma idéia, e depois agis? Ou, vem a ação por primeiro e, depois, porque a ação gera conflito, construis uma idéia em tôrno dela? Isto é, a ação cria o agente, ou o agente vem primeiro? Não se trata de uma especulação filosófica baseada no *Shastras*, no *Bhagavad Gita*, nem em livro algum; os livros não têm significação. Não vamos citar o que outras pessoas dizem, porquanto como nunca li nenhum desses livros, vós naturalmente levareis a melhor. Estamos procurando verificar diretamente se a ação vem em primeiro lugar, e a idéia depois; ou se a idéia vem primeiro, seguindo-se a ação. É de suma importância descobrirmos o que vem em primeiro lugar. Se a idéia vem em primeiro lugar, a ação se ajusta a uma idéia, e por conseguinte já não é ação, porém imitação, compulsão em conformidade com uma idéia. É muito importante que compreendamos isso; porque, visto como a nossa sociedade está pela maior parte construída sôbre o nível intelectual ou verbal, a idéia vem sempre em primeiro lugar, no caso de todos nós, seguindo-se a ação. A ação, portanto, é a serva da idéia, e a mera elaboração de idéias é evidentemente prejudicial à ação. Isto é, idéias geram novas idéias, e quando há simplesmente geração de idéias, há antagonismo, e a sociedade se desequilibra, com o processo intelectual da ideação. Nossa estrutura social é muito intelectual, estamos cultivando o intelecto em detrimento de todos os outros fatôres de nosso ser, e por isso estamos sufocados pelas idéias.

Tudo isso poderá parecer um tanto abstrato, acadêmico, professoral, mas não é tal. Pessoalmente, tenho horror a discussões acadêmicas, a especulações teóricas, porque de nada adiantam. Contudo é de grande importância descobrirmos o que entendemos por idéia, pois o mundo se está dividindo por causa das idéias antagônicas da esquerda e da direita, das idéias dos comunistas, opostas às idéias dos capitalistas; e sem se compreender o processo total da ideação, o limitar-nos a tomar partido é infantil, não tem valor algum. Um homem amadurecido não toma partido; procura resolver diretamente os problemas do sofrimento humano, da fome, da guerra, etc. Só tomamos partido quando somos moldados pelo intelecto, cuja função é fabricar idéias. É pois de grande importância descobrirmos por nós mesmos, e não de acôrdo com o que diz Marx, o *Shastras*, o *Bhagavad Gita*, ou outro qualquer. Vós e eu temos de descobrir, porque o problema é nosso; é nosso problema diário, êsse de descobrir a solução correta para nossa civilização enferma.

Ora, podem as idéias produzir ação, ou as idéias só têm o efeito de moldar o pensamento e por conseguinte limitar a ação? Quando a ação é ditada por uma idéia, nunca pode libertar o homem. É sumamente importante compreender bem êste ponto. Se uma idéia molda a ação, a ação nunca trará solução para as nossas misérias; porque, antes que seja traduzida em ação, devemos primeiro descobrir como a idéia se origina. O investigar da ideação, da formação das idéias, sejam as dos socialistas, dos capitalistas, dos comunistas, sejam as das várias religiões, é da mais alta importância, mòrmente quando a nossa sociedade se acha à beira do precipício, aproximando-se de uma nova catástrofe, de uma nova excisão; e aquêles que são deveras sinceros em sua

intenção de descobrir a solução humana para os nossos numerosos problemas devem antes de tudo compreender êsse processo de ideação. Como disse, isso não é acadêmico, é a maneira mais prática de se considerar a vida humana. Não é filosófico nem especulativo, pois isso é pura perda de tempo. Deixemos aos estudantes universitários o discutir sôbre questões teóricas, nas suas uniões e grêmios.

Assim, que entendemos por uma idéia? Como nasce uma idéia? E podem a ação e a idéia ser ligadas uma à outra? Isto é; tenho uma idéia, desejo pô-la em prática e procuro um método para pôr em prática tal idéia; e começamos a especular, desperdiçando tempo e energias a discutir sôbre como deve ser posta em prática a idéia. É portanto de grande importância descobrir como as idéias surgem; e depois de descobrirmos a verdade a êsse respeito, poderemos examinar a questão da ação. Sem primeiro examinarmos a idéia, o querermos simplesmente descobrir um método de agir, não tem valor algum.

Pois bem. Como temos uma idéia? — qualquer idéia muito simples, não precisa ser uma idéia filosófica, religiosa ou econômica. Trata-se òbviamente de um processo de pensamento, não é verdade? A idéia é o produto de um processo de pensamento. Sem um processo de pensamento, não pode haver idéia alguma. É, portanto, necessário que eu compreenda o processo do pensamento, antes que possa compreender o seu produto, a idéia. Que se entende por pensamento? Quando pensamos? O pensamento, sem dúvida resulta de uma reação neurológica ou psicológica, não é verdade? É a imediata reação dos sentidos a uma sensação, ou é de natureza psicológica, — a reação das lembranças armazenadas na memória. Há a reação imediata dos nervos

a uma sensação, e há a reação psicológica da memória acumulada, as influências da raça, do grupo, *guru*, da família, da tradição, etc. etc. — e a tudo isso chamamos pensamento. O processo do pensamento é, portanto, reação da memória, não é? Não teríamos pensamentos, se não tivéssemos memória; e a reação da memória a uma dada experiência põe em funcionamento o processo do pensamento. Tenho, por exemplo, as memórias acumuladas do nacionalismo, e me digo hindu. Êsse reservatório de lembranças, de passadas ações, reações, inferências, tradições, costumes, responde ao estímulo de um muçulmano, um budista, ou um cristão, e a reação da memória ao estímulo ocasiona inevitàvelmente um processo de pensamento. Observai o processo do pensamento operando em vós e podereis tirar diretamente a prova dessa verdade. Fôstes insultados por alguém e isso fica em vossa memória, constituindo parte do vosso fundo mental (background) ; e quando vos encontrais com a pessoa, que é o estímulo, a reação é a lembrança daquele insulto. Dessa maneira, a reação da memória, que é o processo do pensamento, cria uma idéia; por conseguinte, a idéia é sempre condicionada — e é importante compreender isso. Isto é, a idéia é resultado do processo do pensamento, o processo do pensamento é reação da memória, e a memória é sempre condicionada. A memória está sempre no passado, e essa memória é vivificada no presente por um estímulo. A memória, em si não tem vida; torna-se viva no presente quando se defronta com um estímulo. E tôda lembrança, quer latente, quer ativa, é condicionada, não é verdade?

Mas, que é a memória? Se observardes a vossa própria memória e a maneira como acumulais lembranças, notareis que ela ou é fatual, técnica, rela-

cionada com conhecimentos adquiridos — engenharia, matemática, física, etc.; ou é o resíduo de uma experiência não acabada, incompleta, não é verdade? Observai nossa própria memória, e vereis. Quando terminais uma experiência, quando a completais, não há memória dessa experiência, no sentido de resíduo psicológico. Só há êsse resíduo quando a experiência não é compreendida perfeitamente; e não há compreensão de uma experiência, porque olhamos cada experiência através de lembranças passadas, e por conseguinte nunca nos encontramos com o novo como novo, mas sempre através da cortina do velho. Fica, portanto, claro, que a nossa reação à experiência é condicionada, é sempre limitada.

Estamos vendo, pois, que as experiências que não são completamente compreendidas deixam um resíduo, a que chamamos memória. Essa memória, quando estimulada, produz pensamento. Êsse pensamento gera a idéia, e a idéia molda a ação. Por conseguinte, a ação baseada numa idéia nunca pode ser livre; e portanto não há libertação para nenhum de nós, através de uma idéia. Por favor, é muito importante compreender isso. Não estou formulando um argumento contra as idéias, estou expondo como as idéias nunca podem produzir uma revolução. As idéias podem modificar ou substituir o estado moderno, mas isso não é revolução. Uma substituição, ou uma continuidade modificada, não é revolução. Quando sou explorado, pouco importa se o sou por capitalistas particulares ou pelo Estado; mas consideramos a exploração pelo Estado melhor do que a exploração por parte de uns poucos. É melhor? Não estou perguntando se o é para os que estão de cima, mas se é melhor para o homem que é explorado. Vemos, pois, que a mera modificação não é revolução, é simples reação a uma condição. Isto é, o

fundo capitalista pode produzir uma reação sob a forma de comunismo, mas tudo fica no mesmo nível. É uma continuidade modificada do capitalismo, sob forma diferente. Não estou advogando nem o capitalismo nem o comunismo. Estamos procurando averiguar o que se entende por modificação, o que se entende por revolução. Uma idéia, pois, nunca produzirá revolução no sentido mais profundo da palavra, no sentido da completa transformação. Uma idéia pode produzir uma continuidade modificada do que *é*, mas isso evidentemente não é revolução. E nós necessitamos de uma revolução, e não de continuidade modificada; não necessitamos de substituição, mas sim de uma transformação completa.

Está visto que, para promover revolução, transformação completa, preciso primeiro compreender as idéias e como elas surgem; e se as compreendo, se percebo o falso como falso, posso então passar a inquirir o que se entende por ação, se o pensamento cria a idéia — ou se o pensamento, verbalmente formulado, é o que se chama idéia — e, se êsse pensamento é sempre condicionado, por ser uma reação da memória a um estímulo que é sempre novo, uma idéia não pode, jamais, produzir uma revolução, no sentido mais profundo da palavra; todavia, é isso o que desejamos fazer. Estamos interessados numa idéia que produza uma transformação. Espero que me esteja fazendo claro.

Nosso problema, portanto, é: Se não posso valer-me de uma idéia, que é um processo de pensamento, como posso agir? Prestais atenção: antes que eu possa verificar como devo agir, devo estar perfeitamente certo de que tôda ação baseada numa idéia é de todo falsa; preciso perceber que as idéias moldam a ação, e que a ação moldada por idéias será

sempre limitada. Não há, por conseguinte, libertação por meio da ação baseada numa idéia, numa ideologia, ou numa crença, porque tal ação é o produto de um processo de pensamento, que é uma simples reação da memória. Êsse processo de pensamento deve criar, inevitàvelmente, uma idéia condicionada, limitada, e uma ação baseada numa limitação nunca pode libertar o homem. Ação baseada em idéia é ação limitada, é ação condicionada, e se vejo essa ação como meio de libertação, é claro que só posso continuar num estado condicionado. Por conseguinte, não posso contar com uma idéia, como guia para a ação. Todavia, é o que estamos fazendo, porque somos extraordinàriamente afeiçoados às idéias, sejam idéias alheias, sejam nossas próprias.

Assim, o que nos cumpre fazer agora é descobrir a maneira de agir sem processo de pensamento — o que pode parecer coisa bastante maluca; mas será? Vêde bem, o nosso problema é muito interessante. Quando eu vivo e atúo dentro do processo do pensamento, o qual faz surgir a idéia, que por sua vez molda a ação, não há libertação. Ora, posso eu agir sem o processo do pensamento, que é memória? Mas não nos confundamos: falando de memória, não me refiro à memória de fatos. Seria absurdo lançar fora todo o saber técnico — como se constroi uma casa, um dínamo, um avião a jato, como dividir o átomo, etc. etc. — adquirido pelo homem através de séculos e gerações. Mas posso eu viver, posso eu agir, posso estar em relação com outra pessoa, sem a reação psicológica da memória que produz a ideação, a qual por sua vez controla a ação? Para a maioria de nós isso parecerá muito estranho, porque estamos acostumados a ter primeiro uma idéia, e a moldar depois a ação por essa idéia. Tôdas as nossas disciplinas, tôdas as nossas atividades, baseiam-

se nisso — primeiro a idéia, e depois o ajustamento à idéia. Quando vos faço a pergunta acima, não sabeis dar resposta, porque nunca pensaste em tal direção. Como digo, isso parecerá loucura a muitos de vós; mas se de fato examinardes o processo total da vida, muito atenta e sèriamente, porque o vosso desejo é compreender e não atirar palavras uns aos outros, em tal caso a questão relativa ao que se entende por ação há de apresentar-se forçosamente.

Ora, a ação se baseia realmente na idéia, ou vem a ação primeiro e a idéia depois? Se observardes mais de perto ainda, vereis que a ação sempre vem primeiro, e não a idéia. O macaco, no alto da árvore, sente fome, e vem depois o impulso para colher um fruto ou uma castanha. Primeiro vem a ação, e depois a idéia de que será melhor guardar o fruto. Expressando-o em outros têrmos: Que vem primeiro, a ação ou o agente? Existe agente sem ação? Estais entendendo? É isto o que estamos sempre a perguntar a nós mesmos: *Quem* é que vê? *Quem* é que observa? O pensante está separado dos seus pensamentos, o observador do objeto observado, o experimentador da experiência, o agente da ação? Existe uma entidade dominante, que superintente e observa a ação? — chamada *Parabrahman* ou qualquer outra coisa? Quando dais um nome, ficais enredado na idéia, e essa idéia dirige os vossos pensamentos; e por isso dizeis que o agente vem em primeiro lugar, e depois a ação. Mas se realmente examinardes o processo, com todo o cuidado, atenção e inteligência, vereis que há sempre primeiro a ação, e essa ação dirigida para um objetivo cria o agente. Estais compreendendo? Se a ação tem um objetivo, o impulso para alcançar êsse objetivo gera o agente. Quando pensamos com muita clareza e sem preconceito, sem preocupação de ajustamento, sem procurar

convencer a outro qualquer, sem um fim em vista, nêsse pensar não há pensante — há só pensar. É só quando buscamos um fim, no nosso pensar, que nossas pessoas se tornam importantes, e não o pensamento. Talvez alguns de vós já tenhais observado isso. Essa é uma coisa que realmente muito importa verificar, porquanto, depois disso, saberemos como agir. Se o pensante vem em primeiro lugar, então o pensante é mais importante que o pensamento, — e tôdas as filosofias, costumes e atividades da civilização atual se baseiam nêsse pressuposto; mas se o pensamento vem primeiro, então o pensamento é mais importante do que o pensante. Naturalmente os dois estão relacionados um com o outro — não há pensamento sem pensante, e não há pensante sem pensamento. Mas não desejo discorrer a êste respeito, porque isso nos afastaria do assunto que estamos examinando.

Continuemos: Pode haver ação sem memória? Isto é, pode haver uma ação que seja constantemente revolucionária? A única coisa que é constantemente revolucionária é a ação isenta da cortina da memória. Uma idéia não pode produzir uma revolução constante, porque ela sempre modifica a ação de acôrdo com o fundo do seu condicionamento. Nossa questão, pois, é se pode haver ação livre do processo do pensamento, o qual cria a idéia, que, por sua vez, controla a ação. Eu digo que pode, e que ela pode realizar-se imediatamente, tão logo percebamos que a idéia não é uma libertação, porém, um obstáculo à mesma. Se percebo isso, minha ação não será baseada em idéia alguma, e por isso fico em estado de completa revolução; logo dá-se a possibilidade de uma sociedade que nunca será estática, que nunca precisará ser derribada e reconstruída. Eu vos digo que podeis viver com vossa espôsa, com vosso

marido, com vosso próximo em estado de ação não moldada por uma idéia; e tal só é possível quando compreendemos o significado da idéia, como a idéia se origina e como molda a ação. A idéia que molda a ação é prejudicial à ação, e está iludido o homem que julga poder servir-se de uma idéia como meio de produzir uma revolução, quer na massa, quer no indivíduo. A revolução é constante, nunca é estática. As idéias não produzem revolução, porém, tão sòmente, uma continuidade modificada. Só a ação não baseada numa idéia pode produzir uma revolução constante e, portanto, sempre renovadora.

Há muitas perguntas para responder, e responderei ao maior número possível.

PERGUNTA: Que função tem o poder em vosso esquema das coisas? Pensais que os negócios humanos podem ser governados sem compulsão?

KRISHNAMURTI: Mas que quereis dizer com "vosso esquema das coisas"? Evidentemente, vós pensais que eu tenho um padrão no qual estou encaixando a vida. (Risos). Por favor, isso é muito importante, não riais. Os mais de nós temos um esquema, um plano de como a vida deveria ser, de acôrdo com Marx, com Buda, Cristo, ou Sankara, ou de acôrdo com as Nações Unidas, e forçamos a vida nêste molde. Dizemos: "É um plano maravilhoso, ajustemo-nos a êle" — o que é um absurdo. Cuidado com o homem que tem um esquema de vida! — quem o segue, está seguindo a confusão e o sofrimento. A vida é muito mais vasta do que qualquer plano que qualquer ser humano seja capaz de inventar. Portanto, não falemos mais nisso.

"Qual a função do poder...? Pensais que os negócios humanos podem ser governados sem compulsão?". Ora, que entendeis por "poder"? Há o poder que nos dão as riquezas, o poder que a ciência nos trás, o poder de uma idéia, o poder do técnico. Qual é o poder que temos em mente? É óbvio que é o poder de controlar, de dominar. Isso é o que entendemos por poder, não é verdade? O poder que cada um deseja é o poder que exercemos em casa sôbre nossa mulher ou nosso marido — mas queremos um poder maior, para controlar, para dominar os outros. Há também o poder que colocamos nas mãos do chefe. Porque estamos confusos, entregamos aos chefes as rédeas da autoridade, e êle começa a guiar-nos e a controlar-nos; ou talvez vós mesmo desejais ser o chefe, etc. etc. E há o poder do amor, da compreensão, da bondade, da piedade, o poder da realidade. Pois bem, precisamos esclarecer qual o poder a que nos referimos. Há o poder de um exército, êsse poder monstruoso, que destroi, que mutila, que trás horrores à humanidade; e há o poder de um govêrno forte, de uma personalidade forte. Ter poder é relativamente fácil. O poder implica domínio; e quanto mais poder temos, piores ficamos — o que se tem provado repetidamente, na história. O poder de dominar, de moldar, de afeiçoar, de controlar, de forçar outros a pensarem o que as autoridades desejam que pensem — êste, positivamente, é um poder absolutamente maléfico, um poder sinistro e estúpido. Assim também é o poder do homem rico que blasona em sua fábrica, e o poder do homem ambicioso, nos negócios do Estado. Tudo isso, evidentemente, é poder na forma mais estúpida, porque domina, controla, molda, desfigura seres humanos.

E há o chamado poder do amor, poder da compreensão. O amor é um poder? O amor domina, contorce, molda o coração humano? Se o faz, não é amor. O amor, a compreensão, a verdade, tem sua qualidade própria; não constrangendo, não se acha no mesmo nível que o poder. O amor, a verdade, ou a compreensão, surge depois de cessarem tôdas essas idéias de compulsão, autoridade, dogmatismo. A humildade não é o oposto da autoridade ou do poder. O cultivo da humildade não é mais do que um desejo disfarçado de autoridade e de poder.

Bem, que é que está acontecendo no mundo? O poder dos governos, dos estados, o poder dos chefes, dos oradores e escritores talentosos, está sendo usado cada vez mais para moldar o homem, para constranger o homem a pensar numa determinada direção, ensinar-lhe, não a pensar, mas o que pensar. Esta se tornou a função dos governos, com seu enorme poder de propaganda — que é a incessante repetição de uma idéia; e tôda repetição de uma idéia ou de uma verdade, se transforma em mentira. Porque existe confusão e sofrimento em nossas mentes e corações, criamos chefes para nos controlarem, para nos moldarem, e é isso o que fazem os nossos governos. Pelo mundo todo há conformidade aos ditames dos militares, e o ambiente social nos induz ao conformismo; e pensais que a compreensão ou o amor nasce da compulsão? Pode haver boa vontade por meio de compulsão? Se eu fôsse um ditador, poderia compelir-vos, à compulsão? Assim, a compulsão que resulta do pormos imensos poderes nas mãos daqueles que são capazes de manejá-los, não une os homens.

Como eu estava explicando, a compulsão é o resultado de uma idéia. Não há dúvida de que o homem que está ébrio de uma ideologia, é intole-

rante, e cria a tortura da compulsão. É bem evidente que nunca pode haver compreensão, amor, comunhão, quando há compulsão; e não se pode construir sociedade alguma na base da compulsão. Tal sociedade poderá florescer tècnicamente, superficialmente, durante um certo tempo; mas, interiormente, haverá a angústia da compulsão, e, por conseguinte, tal como um prisioneiro encerrado em quatro paredes, haverá sempre a busca de um meio de libertação, de fuga, a procura de uma saída. Assim, um govêrno ou uma sociedade que constrange, que molda, que força o indivíduo, exteriormente, acabará criando desordem, caos e violência. É isso exatamente o que está acontecendo no mundo.

Outrossim, nós nos obrigamos a moldar-nos a um padrão, chamando isso disciplina, que significa repressão, e a repressão nos confere um certo poder. Mas em qualquer dos dois extremos, em qualquer dos dois opostos, não existe estabilidade: a mente humana oscila entre um e outro, fugindo à serena estabilidade da compreensão. A mente que é compelida, a mente cativa do poder, nunca poderá conhecer o amor; e sem o amor, não há solução para os nossos problemas. Podeis adiar a compreensão, intelectualmente podeis evitá-la, podeis construir pontes, com muita habilidade, mas tudo isso será temporário; sem a boa vontade, sem a generosidade, sem a benevolência, haverá, necessàriamente, miséria e destruição em escala cada vez maior, porquanto a compulsão não é o cimento que une os seres humanos. A compulsão sob qualquer forma, interior ou exterior, só pode gerar mais confusão e mais sofrimento. O que se torna necessário nos negócios mundiais atualmente não são mais idéias, mais planos, chefes maiores e melhores, mas, sim, boa vontade, afeição, amor, bondade. Por conseguinte necessária é a pessoa que

ama, que é bondosa; e essa pessoa sois vós, e nenhuma outra. O amor não é a adoração de Deus; podeis adorar uma imagem de pedra, ou vossa concepção de Deus, e isso representa uma fuga maravilhosa do vosso marido brutal ou da vossa implicante espôsa, mas não resolve nossa dificuldade. O amor constitui a única solução, e amor é benignidade para com vossa espôsa, para com vosso filho, para com vosso próximo.

PERGUNTA: Porque somos tão insensíveis uns com os outros, apesar de todo o sofrimento que isso implica?

KRISHNAMURTI: Porque sou eu ou porque sois vós tão insensíveis ao sofrimento de outro homem? Porque somos indiferentes para com o carregador que transporta uma pesada carga, para com a mulher que tem nos braços o seu filho? Porque somos tão insensíveis? Para compreendermos isso, temos de compreender porque o sofrimento nos torna insensíveis. Não há dúvida de que é o sofrimento que nos torna insensíveis; porque não compreendemos o sofrimento, tornamo-nos indiferentes a êle. Se compreendo o sofrimento, torno-me sensível a êle, atento para tôdas as coisas, não só para mim mesmo, mas também para as pessoas que me rodeiam, para minha espôsa, meus filhos, para um animal, um mendigo. Mas não queremos compreender o sofrimento, o que desejamos é fugir do sofrimento; e a fuga ao sofrimento nos torna insensíveis. Senhor, o que devemos considerar é que o sofrimento, quando incompreendido, embota a mente e o coração, e não compreendemos o sofrimento porque desejamos fugir dêle, valendo-nos do *guru*, do salvador, dos *mantrams*, da reincarnação, das idéias, da bebida ou

outro vício qualquer — tudo, para fugirmos ao que *é*. Assim, nossos templos, nossas igrejas, nossa política, nossas reformas sociais, são meras fugas do fato do sofrimento. Não temos interêsse pelo sofrimento, o que nos interessa é a idéia de como nos livrarmos do sofrimento. Estamos interessados em idéias, e não no sofrimento; vivemos sempre à procura de uma idéia melhor e de um meio de a pôr em prática — o que é tão pueril. Quando temos fome, não vamos conversar sôbre a maneira de comer; dizemos "Dai-nos de comer", pouco importando quem nos traga o alimento, se a esquerda, se a direita, pouco importando qual seja a ideologia melhor de tôdas. Mas quando desejamos evitar a compreensão do que *é*, que é o sofrimento, fugimos então para as ideologias; e eis por que as nossas mentes, ainda que superficialmente muito vivas, se tornaram, essencialmente embotadas, rudes, insensíveis, brutais. Para compreender o sofrimento, cumpre-nos ver a falsidade de tôdas as fugas, seja para Deus, seja para o álcool. Tôdas as fugas são idênticas, embora socialmente cada uma delas possa ter uma significação diferente. Se fujo do sofrimento, tôdas as vias se encontram no mesmo nível — não há uma via de fuga melhor do que outra.

Ora bem, a compreensão do sofrimento não depende da descoberta de sua causa. Qualquer um pode saber a causa do sofrimento: sua própria irreflexão, sua estupidez, sua estreiteza, sua brutalidade, etc. Mas, se considero o sofrimento em si, sem desejar uma resposta, que acontece? Então, porque não estou fugindo, começo a compreender o sofrimento; minha mente está atentamente vigilante, desperta, o que significa que me torno sensível, e tornando-me sensível, fico cônscio do sofrimento alheio. Deixo, assim, de ser indiferente, torno-me

bondoso, não apenas para com os meus amigos — bondoso para com todos, pois me tornei sensível ao sofrimento. Somos indiferentes, porque nos tornamos insensíveis ao sofrimento, porque endurecemos as nossas mentes com as nossas fugas. O fugir proporciona uma grande soma de poder, e gostamos do poder, gostamos de ter um rádio, um automóvel, um aeroplano, gostamos de ter dinheiro e de ter nas mãos um poder imenso. Mas quando compreendemos o sofrimento, não há mais poder, não há mais fuga pela via do poder. Quando compreendemos o sofrimento, há bondade, há afeição. A afeição, o amor, requer inteligência no mais alto grau, e sem sensibilidade não há grande inteligência.

PERGUNTA: Não podeis constituir um grupo de seguidores, e vos servirdes dêle corretamente? Deveis ficar pregando no deserto?

KRISHNAMURTI: Ora, que entendeis por seguidores, e que entendeis por "uma guia"? Porque seguimos, e porque criamos um guia? Se estais interessado, tende a bondade de examinar isso atentamente. Quando é que seguis? Só seguis quando estais confuso; quando sois infeliz, quando vos sentis desesperado, desejais alguém — um guia político, religioso, militar — para vos ajudar, para vos tirar da vossa aflição. Quando sois lúcido, quando compreendeis, não desejais ser guiado. Só desejais ser guiado quando estais em confusão, com tudo o que ela implica. Que acontece, então? Se estais em confusão, como podeis enxergar claramente? E visto que não podeis ver claramente, escolhereis um chefe que estará também confuso. (Risos). Não riais. É isso que está acontecendo no mundo, e é uma coisa desastrosa. Essa asserção poderá pare-

cer muito espirituosa, mas não é. Como pode um cego escolhar um guia? Só pode escolher os que estão à sua roda. Do mesmo modo, um homem confuso só pode escolher um chefe confuso como êle. E que acontece? Como está confuso, o chefe naturalmente o levará a maior confusão, maior desgraça, maior aflição. É o que está acontecendo no mundo inteiro. Pelo amor de Deus, senhores, considerais bem isso — trata-se da *vossa* aflição. Estais sendo conduzidos ao matadouro, porque não quereis ver e afastar a causa de vossa própria confusão. E porque não a quereis ver, estais criando, com a vossa confusão, os chefes espertos e astuciosos que vos exploram; porque o chefe, tal como vós, está à procura de preenchimento pessoal. Por conseguinte, vós vos tornais uma necessidade para o chefe, e o chefe se torna uma necessidade para vós — a exploração é mútua.

Mas, porque desejais um guia? E pode em algum tempo existir alguém capaz de guiar corretamente? Vós e eu podemos ajudar-nos mùtuamente a esclarecer nossa própria confusão — o que não significa que eu me torne vosso guia e vós vos torneis o meu seguidor, ou que eu seja o vosso *guru* e vós o meu discípulo. Nós nos ajudamos, simplesmente, uns aos outros, a compreender a confusão que existe em nossos corações e nossas mentes. É só quando não desejamos compreender a confusão, que fugimos dela, e recorremos então a alguém, a um guia, ou a um *guru*. Mas se desejamos compreendê-la, devemos então considerar o nosso sofrimento comum, nossas dôres, nossas atribulações, nossa solidão; e só podemos considerá-los quando não queremos achar uma solução, uma saída da nossa confusão. Olhai para a confusão, porque ela conduz ao sofrimento, e por isso precisais compreendê-la; e quando a com-

preenderdes e dissipardes, ficareis livres como o ar, sabereis amar, não seguireis ninguém; e surgirá então a sociedade da verdadeira igualdade, sem classes nem castas.

Senhores, vós não estais à procura da verdade, estais apenas procurando uma saída de alguma dificuldade; essa a vossa aflição. Desejais chefes para vos dirigirem, vos levarem, vos forçarem, vos moldarem, e isso, inevitàvelmente, conduz à destruição, a sofrimentos maiores. Sofrimento é o que se passa bem diante dos nossos olhos, e entretanto não o queremos enxergar, e pedimos chefes "justos" — o que denota falta de maturidade. Para mim, a existência de guias ou chefes é sempre um sintoma de deterioração da sociedade. Um guia, numa sociedade, é um elemento destrutivo. (Risos). Não riais, não façais pouco caso disso: olhai para o fato. A coisa é muito séria, sobretudo agora. O mundo está na iminência de uma catástrofe, está-se desintegrando ràpidamente; e se queremos apenas achar um novo Churchill, um Stalin maior, um Deus diferente, isso é muito fútil; porque o homem que está confuso só pode escolher de acôrdo com os ditames de sua mente, que é confusão. Por conseguinte, não há vantagem em procurar um chefe, justo ou injusto. Não há chefe "justo" — todos os chefes são injustos. O que tendes de fazer é afastar a vossa própria confusão. E a confusão só pode ser afastada quando compreendemos a nós mesmos; com o comêço do autoconhecimento vem a clareza. Sem autoconhecimento, não há possibilidade de nos libertarmos da confusão; sem autoconhecimento, a confusão se assemelha a uma vaga que nos arrasta perenemente. Muito importa, pois, àqueles que sentem verdadeiro interêsse, que comecem consigo mesmos, em vez de procurarem um meio de libertar-se ou fugir da confusão. No mo-

mento em que compreendemos a confusão, ficamos livres dela.

PERGUNTA: Há grãos de verdade nas religiões, nas teorias, nas idéias e nas crenças. Qual é a maneira correta de separá-los?

KRISHNAMURTI: O falso é o falso, e não é procurando que poderemos separar o falso do verdadeiro. Temos de ver o falso como falso, e só então êle deixa de existir. Não podeis procurar o verdadeiro no falso, mas podeis ver o falso como falso, e então haverá a possibilidade de vos libertardes do falso. Senhor, como pode o que é falso conter a verdade? Como pode a ignorância, a treva, conter a compreensão, a luz? É bem certo que gostaríamos que assim fôsse; gostaríamos de crer que, em alguma parte, dentro em nós, há a eternidade, a luz, a verdade, a piedade, tudo sob o manto da ignorância. Onde há luz, não existe a treva; onde há ignorância, há sempre ignorância, e nunca compreensão. Por conseguinte, só há possibilidade de libertação, quando vós e eu vemos o falso como falso, isto é, quando percebemos a verdade com relação ao falso, o que significa não conservar o falso como falso. A nossa percepção do falso como falso é impedida pelos nossos preconceitos, pelo nosso condicionamento. Assim entendido, continuemos.

Ora, pergunta-se se não há verdade nas religiões, nas teorias, nos ideais, nas crenças. Vamos examinar a questão. Que entendemos por religião? Não se trata, naturalmente, da religião organizada, do hinduismo, do budismo, ou do cristianismo — que representam crenças organizadas, com sua propaganda, catequese, proselitismo, compulsão, etc. Existe alguma verdade na religião organizada? Poderá

ela sorver ou colher a verdade nas suas malhas, mas a religião organizada, em si, não é verdadeira. A religião organizada é falsa, separa os homens. Vós sois muçulmano, eu sou hinduista, outro é cristão ou budista — e vivemos brigando e nos massacrando mùtuamente. Existe verdade nisso? Não estamos tratando da religião considerada como uma busca da verdade, mas sim se existe alguma verdade na religião organizada. Estamos de tal maneira condicionados pela religião organizada, para crermos que ela contém a verdade, que pensamos que pelo fato de se dizer hinduista, uma pessoa se torna importante, ou encontrará Deus. Que absurdo! Senhor, para se achar Deus, para se achar a realidade, há necessidade da virtude. A virtude é liberdade, e só pela mão da liberdade encontraremos a realidade — nunca pela mão das religiões organizadas, com as suas crenças. E existe alguma verdade nas teorias, nos ideais, nas crenças? Porque tendes crença? Evidentemente, porque as crenças vos oferecem segurança, confôrto, proteção, uma orientação. Em vós mesmos, estais cheios de temor, desejais ser protegidos, desejais encostar-vos a alguém, e por essa razão criais o ideal, o qual vos impede de compreender aquilo que *é;* o ideal, por conseguinte, se torna empecilho à ação. Senhor, quando eu sou violento, por que razão cultivo o ideal da não violência? Pela razão muito óbvia de que desejo evitar a violência, fugir da violência. Cultivo o ideal porque não desejo olhar de frente e compreender a violência. Para que preciso do ideal? Êle é um empecilho. Se desejo compreender a violência, devo esforçar-me por compreender o que ela é, diretamente, e não através da cortina de um ideal. O ideal é falso, fictício, e me impede de compreender aquilo que sou. Examinai-o melhor, e vereis. Se sou violento, para com-

preender a violência não necessito de um ideal; para examinar a violência, não necessito de um guia. Mas gosto de ser violento, isso me dá um certo sentimento de poder, e, assim, continuarei violento, embora sob a capa do ideal da não violência. Como dizia, o ideal é fictício, é inexistente. Só tem existência em nossa mente; é uma idéia para realizar e enquanto a não realizamos podemos ser violentos. Um ideal, por conseguinte, tal como uma crença é irreal, é falso.

Agora, porque desejo crer? Sem dúvida, um homem que tem compreensão da vida, não necessita de crenças. Um homem que ama, não tem crenças — êle ama. É o homem dominado pelo intelecto que tem crenças, porque o intelecto está sempre interessado na segurança, na proteção, está sempre fugindo ao perigo, e por essa razão elabora idéias, crenças, ideais, para abrigar-se atrás dos mesmos. Que aconteceria se uma pessoa quisesse eliminar a violência, diretamente, agora mesmo? Ela se tornaria um perigo para a sociedade ; e porque prevê o perigo, a mente diz: "alcançarei o ideal da não violência daqui a dez anos" — o que constitui um processo fictício, um processo falso. Assim, as teorias — não nos referimos às teorias matemáticas e quejandas, mas às teorias criadas para resolver os nossos problemas humanos, nossos problemas psicológicos — as teorias, as crenças, os ideais, são falsos, porque nos impedem de ver as coisas como são realmente. A compreensão do que *é* tem importância maior do que a criação e o culto de ideais; porque os ideais são falsos, e o que *é* é o real. A compreensão do que *é* exige enorme capacidade, mente muito ágil e livre de preconceitos. E porque não desejamos enfrentar e compreender o que *é*, inventamos as muitas vias de fuga e lhes damos nomes bonitos, tais como ideal,

crença, Deus. Positivamente, é só quando percebo o falso como falso, que minha mente é capaz de perceber o que é verdadeiro. Uma mente enleada no falso nunca pode achar a verdade. Por conseguinte, preciso compreender o que há de falso em minhas relações, em minhas idéias, nas coisas que me rodeiam; porque, para perceber a verdade, há de haver a compreensão do falso. Sem afastarmos as causas da ignorância, não podemos ter o esclarecimento; e procurar o esclarecimento quando a mente está em trevas, é totalmente vão e sem significação alguma. Por êsse motivo, preciso começar a perceber o falso nas minhas relações — com as idéias, com as pessoas, com as coisas. Quando a mente percebe o que é falso, desponta em nossa existência o verdadeiro, e há então o êxtase, a felicidade.

1 de agosto de 1948.

VI

NAS várias reuniões precedentes estivemos tratando do problema da transformação, que é a única possibilidade de realizarmos a revolução que se faz tão necessária no mundo. E, como já vimos, o mundo não é diferente de vós nem de mim; o mundo é tal como o fazemos. Somos o resultado do mundo, e *somos* o mundo; a transformação, portanto, deve começar dentro em nós, e não no mundo, no exterior, por meio de leis, de planos, etc. etc. É essencial que cada um compreenda a importância dessa transformação interior que irá causar uma revolução exterior. O mero modificar das circunstâncias externas da vida é de mui pouco valor, sem a transformação interior; e, como dissemos, essa transformação interior não é possível sem o autoconhecimento. Autoconhecimento significa conhecer o processo total de nós mesmos, as tendências do nosso próprio pensar, do nosso sentir, da nossa ação; se não conhecemos a nós mesmos, falta-nos uma base para ação mais ampla. O autoconhecimento, pois, é de importância primacial. Deve cada um começar a compreender a si mesmo, em tôdas as suas ações, pensamentos e sentimentos, porque o "ego", a mente, o "eu" é sobremodo complexo e subtil. Tantas coisas foram impostas à mente, ao "eu", tantas influências — raciais, religiosas, nacionais, sociais, ambientes — o moldaram, que se torna extremamente difícil observar cada passo, examinar cada marca que ficou gravada; e se deixamos escapar um dêles, se não

analisamos devidamente um só passo, e o perdemos, todo o processo da análise redunda infrutífero. Nosso problema, pois, é compreender o "eu" — não apenas uma parte do "eu", mas todo o campo do pensamento, que é reação do "eu". Cumpre-nos compreender todo o campo da memória, tanto o consciente como o inconsciente, de onde surgem todos os pensamentos; e tudo isso constitui o "eu" — o oculto e o patente, o sonhador e seus sonhos.

Ora, para compreendermos o "eu" — e só essa compreensão nos dará a possibilidade de realizarmos uma revolução radical, uma regeneração — é imprescindível a intenção de compreendermos o seu processo integral. O processo do indivíduo não está oposto ao mundo, à massa, qualquer que seja o significado dêsse têrmo; porque não existe massa separada de vós — vós sois a massa. Nessas condições, para se compreender aquêle processo, é necessária a intenção de conhecer o que *é*, de acompanhar cada pensamento, sentimento e ação; e a compreensão do que *é* é extremamente difícil, porque o que *é* nunca está em repouso, nunca é estático: está sempre em movimento. Êsse "o que é" é o que vós sois e não aquilo que gostarieis de ser; não é o ideal, porque o ideal é fictício; é, ao justo, aquilo que estais praticando, pensando e sentindo a cada momento. O que *é* é o real, e a compreensão do real requer uma mente vigilante e ágil. Mas, se começamos a condenar o que *é*, a reprová-lo, a resistir-lhe, não compreenderemos o seu movimento. Se desejo compreender alguém, não devo condená-lo: devo observá-lo, estudá-lo. Devo amar o próprio objeto que estudo. Se desejais compreender uma criança, deveis amá-la, e não condená-la. Deveis brincar com ela, observar os seus movimentos, suas idiossincrasias, seu comportamento; mas se vos limitardes a

condenar, a resistir ou reprovar, não haverá compreensão da criança. Idênticamente, para compreendermos o que *é*, devemos observar o que pensamos, sentimos e praticamos a cada momento. Isso é o fato real; qualquer outra ação, qualquer ação ideal ou ideológica não representa o real; é mero desejo, desejo fictício de sermos diferentes do que *é*.

Assim, a compreensão do que *é* requer um estado mental livre de identificação ou condenação, o que significa que a mente deve estar vigilante mas ao mesmo tempo passiva. Achamo-nos nêsse estado quando temos realmente o desejo de compreender algo; quando há intensidade de interêsse, manifesta-se aquêle estado mental. Quando uma pessoa tem interêsse em compreender o que *é*, o verdadeiro estado da mente, não tem necessidade de forçá-la, de disciplíná-la, ou controlá-la; há então atenção, vigilância.

Se desejo compreender um quadro ou uma pessoa, devo pôr de parte todos os meus prejuizos, meus preconceitos, meu preparo clássico ou de qualquer outra natureza, para estudar diretamente a pessoa ou o quadro. Aquêle estado de lucidez se manifesta quando há interêsse, quando há a intenção de compreender.

Temos, em seguida, a questão de se a transformação depende do tempo. Estamos, os mais de nós, habituados a pensar que o tempo é necessário para a transformação: sou algo, e para passar do que sou para o que deveria ser, requer-se tempo. Sou ávido, e disso resultam confusão, antagonismo, conflito e sofrimentos; e para que se produza a transformação para o estado de não avidez, pensamos ser necessário tempo. Isto é, consideramos o tempo como o meio pelo qual evoluimos para algo superior, pelo qual nos tornamos alguma coisa. Compreendeis o

problema? O problema é êste: Um indivíduo é violento, ávido, invejoso, irascivel, corrupto, ou arrebatado. Ora, para transformar o que *é* requer-se tempo? Em primeiro lugar, por que desejamos modificar o que *é*, ou realizar uma transformação? Por que? Porque o que somos nos desagrada: cria conflito, perturbação; e como não gostamos dêsse estado, almejamos algo melhor, algo mais nobre, algo idealístico. Por isso, desejamos a transformação; o nosso atual estado nos causa dôr, desconforto, conflito. Pois bem, o conflito é vencido pelo tempo? Se dizeis que êle será vencido pelo tempo, continuais em conflito. Isto é, podeis dizer que levará vinte dias ou vinte anos para ficardes livres do conflito, para modificardes o que sois; mas durante êsse tempo continuais em conflito, e o tempo, por conseguinte, não produz transformação alguma. Quando nos servimos do tempo como meio de adquirir uma qualidade, uma virtude ou um "estado de ser", estamos apenas procrastinando, ou evitando o que *é*. Acho importante compreender-se êste ponto. A avidez ou a violência causam sofrimento e perturbação no mundo das nossas relações com os outros, as quais constituem a sociedade, e, cônscios dêsse estado perturbador que denominamos avidez ou violência, dizemos: "Sairéi dêle com o tempo. Vou fazer exercícios de não violência, vou fazer exercícios para não invejar, para ser pacífico". Ora, se desejais exercitar-vos na não violência, é porque a violência é um estado de perturbação, de conflito, e pensais que, no correr do tempo, haveis de alcançar a não violência e dominar o conflito. Mas, que está realmente acontecendo? Achando-vos num estado de conflito, desejais alcançar um estado no qual não haja conflito. Ora, êsse estado de ausência de conflito é resultado do tempo,

de uma duração? Não é, evidentemente. Porque, enquanto estamos aplicados a alcançar um estado de não violência, continuamos violentos, e continuamos, portanto, num estado de conflito.

Nosso problema é, pois: Pode um conflito, uma perturbação, ser superado num período de tempo, seja de dias, seja de anos, seja de vidas? Que acontece quando dizeis: "Vou exercitar-me na não violência durante um certo período do tempo"! O próprio fato de quererdes exercitar-vos indica que estais em conflito, não é verdade? Não o faríeis, se não estivésseis resistindo ao conflito; e dizeis que a resistência ao conflito é necessária, para dominá-lo, e que para essa resistência necessitais de tempo. Mas a resistência ao conflito é também uma forma de conflito. Estais despendendo energias na resistência ao conflito, que chamais avidez, inveja ou violência, mas a vossa mente continua em conflito. Importa, pois, que percebais a falsidade do processo de depender do tempo como um meio de dominar a violência, para ficardes livres dêsse processo. Tereis então a possibilidade de ser aquilo que sois: uma perturbação psicológica, que é a própria violência.

Pois bem: para compreendermos qualquer coisa, qualquer problema humano ou científico, que é importante, que é essencial? Uma mente tranquila, não é verdade? Não uma mente que rejeita, uma mente que procura concentrar-se — pois isso também representa um esfôrço de resistência. Quando desejo realmente compreender alguma coisa, há um estado imediato de tranquilidade mental. Isto é, quando desejais ouvir música ou contemplar um quadro que amais, que vos toca a sensibilidade, qual é o estado da vossa mente? Há no mesmo instante tranquilidade, não é exato? Quando estais ouvindo música, a vossa mente não fica a divagar em tôdas

as direções: estais ouvindo, simplesmente. De modo idêntico, quando desejais compreender o conflito, não dependeis mais do tempo, absolutamente; estais frente a frente com o que *é*, que é o conflito. Vem, então, no mesmo instante, uma tranquilidade, uma serenidade da mente. Assim, quando já não dependemos do tempo como meio de transformação do que *é*, porque percebemos a falsidade de tal processo, estamos então em presença do que *é;* e como temos interêsse em compreender o que *é*, estamos, naturalmente, com a mente tranquila. Nesse estado mental vigilante, e ao mesmo tempo passivo, há compreensão. Enquanto a mente está em conflito, reprovando, resistindo, condenando, não pode haver compreensão. Se desejo compreender-vos, não devo condenar-vos, é óbvio. É, portanto, essa mente tranquila, essa mente serena, que realiza a transformação. Quando a mente já não resiste ao que *é*, quando não evita, nem rejeita, nem reprova o que *é*, mas está simplesmente em estado de passiva lucidez, então, nessa passividade da mente, verificareis, se vos aplicardes deveras ao problema, que se opera uma transformação.

Como vemos, a transformação não é resultado do tempo: é o resultado de uma mente tranquila, de uma mente calma, serena, quieta, passiva. A mente não está passiva, quando busca um resultado; e a mente buscará sempre um resultado, enquanto desejar transformar, mudar ou modificar o que *é*. Mas se a mente tem, simplesmente, a intenção de compreender o que *é* e está, assim, tranquila, vereis que nessa tranquilidade há compreensão do que *é* e, portanto, transformação. É o que realmente acontece, quando nos defrontamos com qualquer coisa em que estamos interessados. Observai a vós mesmos, e vereis o funcionamento dêsse extraordinário pro-

cesso. Quando estais interessados em alguma coisa, a vossa mente está tranquila. Ela não adormeceu, está extremamente vigilante e receptiva, sendo por conseguinte capaz de receber sugestões, mensagens; e é essa tranquilidade, essa vigilante passividade, que produz a transformação. Isso não implica o emprêgo do tempo como meio de transformação, modificação ou mudança.

A revolução só é possível agora, e não no futuro; a regeneração é hoje e não amanhã. Se experimentardes o que acabo de dizer, vereis que é imediata a regeneração, a renovação. Porque a mente está sempre tranquila, quando tem interêsse, quando tem o desejo ou a intenção de compreender. A dificuldade é que a maioria de nós não tem a intenção de compreender, porque tememos que isso ocasione uma revolução em nossa vida; e por essa razão, resistimos. É o mecanismo de defesa que está em ação, quando nos servimos do tempo ou de um ideal, como meio de transformação gradativa.

A regeneração, pois, só é possível no presente, e não no futuro, no amanhã. O homem que se põe na dependência do tempo, como o meio de alcançar a felicidade, ou descobrir a verdade ou Deus, está simplesmente enganando a si mesmo; está vivendo na ignorância e, portanto, em conflito. Mas o homem que percebe que o tempo não é o caminho que nos conduzirá para fora da nossa dificuldade, e que está por conseguinte livre do falso, tal homem tem, por certo, a intenção de compreender; sua mente está tranquila, espontâneamente tranquila, sem compulsão nem disciplina. Quando a mente está tranquila, serena, quando não busca uma resposta ou solução, quando não está resistindo nem evitando — só então é possível a regeneração, porque então a mente é capaz de perceber o que é verdadeiro; e é a

verdade que liberta, e não o nosso esfôrço para sermos livres.

Responderei a algumas das perguntas que me foram feitas.

PERGUNTA: Falais tanto na necessidade de incessante vigilância. Mas o meu trabalho me embota de maneira tão irresistível, que falar de vigilância após um dia de labor, é o mesmo que deitar sal numa ferida.

KRISHNAMURTI: Senhor, esta questão é importante. Se vos apraz, vamos examiná-la com tôda a atenção, para ver o que ela implica. Pois bem, a maioria de nós se embota nisso que se chama trabalho, emprêgo, rotina. Os que amam o trabalho e os que são forçados a trabalhar por necessidade — tanto uns como outros estão embotados. Tanto os que amam o trabalho como os que a êle resistem são homens embotados, não é verdade? Quando um homem ama o seu trabalho, que faz êle? Pensa nêle da manhã à noite, está constantemente ocupado com êle. Tão identificado se acha com o seu trabalho que não pode vê-lo objetivamente: êle próprio é a ação, o trabalho; e a uma pessoa em tais condições que acontece? Vive numa gaiola, vive isolado no seu trabalho. Nesse isolamento pode êle ser muito proficiente, muito inventivo, muito sutil, mas, sem embargo, está isolado; e se torna embotado, porque está resistindo a qualquer outra espécie de trabalho, a qualquer outra espécie de ação. O seu trabalho, por conseguinte, é uma forma de fuga da vida: da sua espôsa, dos seus deveres sociais, de inumeráveis exigências, etc. E há o homem da outra categoria, o homem que, como a maioria de nós, é obrigado a fazer algo que detesta, e o faz com relutância. É

o trabalhador de fabrica, o funcionário do banco, o advogado, etc.

Agora, que é que nos faz embotados? É o trabalho em si? Ou é a nossa resistência ao trabalho, ou o nosso empenho em evitar outros contactos? Compreendeis bem êste ponto? Espero que eu o esteja expondo claramente. Isto é, o homem que ama o seu trabalho, está tão fechado nêle, tão prêso, que êle se torna uma devoção. Por conseguinte, o seu amor ao trabalho é uma fuga da vida. E o homem que resiste ao seu trabalho, que preferiria estar fazendo outra coisa, para êsse há o conflito incessante da resistência àquilo que está fazendo. Nosso problema, pois, é: O trabalho torna a mente embotada? Ou o embotamento é produzido pela resistência ao trabalho, num dos casos, ou pelo uso do trabalho como meio de evitar os choques da vida, no outro caso? Isto é, a ação, o trabalho, torna a mente embotada, ou a mente se torna embotada por causa da fuga, do conflito, da resistência? É bem evidente que não é o trabalho, porém a resistência que torna a mente embotada. Se não opondes resistência e aceitais o trabalho, que acontece? O trabalho não vos embota, porque só uma parte da vossa mente fica ocupada com o trabalho que tendes de executar. O resto do vosso ser, o inconsciente, o oculto, fica ocupado com os pensamentos em que de fato tendes interêsse. Logo não há conflito. Poderá isso parecer um tanto complexo; mas se examinardes com muita atenção, vereis que a mente se embota, não por causa do trabalho, mas por causa da resistência ao trabalho ou da resistência à vida. Digamos, por exemplo, que tenhais de executar um determinado serviço que levará umas cinco ou seis horas. Se dizeis "Que aborrecimento, que coisa horrível, preferiria fazer outra coisa qualquer" — o

vosso espírito está evidentemente resistindo a êsse trabalho. Uma parte da vossa mente está desejando que estivésseis fazendo outra coisa. Esta divisão produzida pela resistência, causa o embotamento, porque estais desperdiçando esfôrço, desejando que estivésseis fazendo outra coisa. Mas se não resistis e fazeis o que é realmente necessário, nêsse caso dizeis: "Preciso ganhar o meu sustento, e hei de ganhá-lo corretamente". Mas a profissão adequada não significa o exército, a polícia, ou a advocacia, — porque êsses prosperam na discórdia, na desordem na astúcia, no subterfúgio, etc. Êste é um problema bastante difícil, e talvez o examinemos mais tarde, se houver tempo.

Assim, se estais ocupado com um serviço que tendes de fazer para ganhar o vosso sustento, e se resistis a êle, a mente se embota, é claro; porque essa resistência é a mesma coisa que fazer funcionar um motor acionando ao mesmo tempo o freio. Que acontece ao pobre motor? O seu funcionamento se torna falho, não é verdade? Se já dirigistes automóvel, sabeis o que acontecerá se se fizer uso constante do freio: não só o freio se gasta, mas também o motor. É exatamente isso o que fazeis, quando resistis ao trabalho. Mas, se aceitais a tarefa que tendes de executar, e a executais o mais inteligente e o mais cabalmente possível, que acontece então? Porque já não estais resistindo, as outras camadas da vossa consciência continuarão ativas, independentemente do que estais fazendo; estais aplicando apenas a mente consciente ao trabalho, e a parte inconsciente, a parte oculta da mente está ocupada com outras coisas muito mais vitais e muito mais profundas. Embora estejais em presença do trabalho, o inconsciente funciona independente dêle.

Agora, se observais, que acontece realmente na vossa vida de cada dia? Digamos, por exemplo, que estejais interessado em achar Deus, em ter paz. Êsse é o vosso interêsse real, com o qual está ocupada tanto a vossa mente consciente como a inconsciente: encontrar a felicidade, encontrar a realidade viver com retidão, com beleza, com lucidez. Mas tendes de ganhar o vosso sustento, porque não existe coisa tal como viver no isolamento: tudo o que existe, que *é*, está em relação. Estais interessado na paz, mas o vosso trabalho diário estorva êsse interêsse, e por isso resistis a êle. Dizeis: "Quizera dispor de mais tempo para pensar, para meditar, para exercitar-me no violino, etc.". Quando assim procedeis, quando apenas resistis ao trabalho que tendes de executar, essa própria resistência é um desperdício de esfôrço, que torna a mente embotada; mas, se, por outro lado compreendeis que todos nós fazemos coisas que têm de ser feitas — escrever cartas, conversar, lavar o estábulo — e por conseguinte não resistis, mas dizeis: "tenho de fazer êsse trabalho", vós o fareis de bom grado e sem enfado. Não havendo resistência, vereis que, no momento em que terminardes o trabalho, a vossa mente estará em paz. Porque o inconsciente, as camadas mais profundas da mente estão interessadas na paz, vereis que a paz começará a surgir. Não há, pois, divisão entre a ação, que poderá ser rotina, que poderá ser desinteressante, e a vossa busca da realidade: as duas coisas são compatíveis quando não há resistência por parte da mente, quando a mente não se torna embotada por causa dessa resistência. É a resistência que cria a divisão entre a paz e a ação. A resistência se baseia numa idéia, e a resistência não pode produzir ação. É só a ação que liberta, e não a resistência ao trabalho.

Importa, pois, compreender que a mente se torna embotada por causa da resistência, da condenação, da reprovação, da fuga. A mente não está embotada, quando não há resistência. Quando não há reprovação, nem condenação, ela está cheia de vitalidade, ativa. A resistência é mero isolamento, e a mente do homem que, consciente ou inconscientemente, está sempre procurando isolar-se, se torna embotada por causa dessa resistência.

PERGUNTA: *Amais as pessoas às quais falais? Amais a turba apática e repulsiva, os rostos sem expressão, a atmosfera mal cheirosa de desejos petrificados, de lembranças pútridas, a decadência de vidas inúteis? Ninguém pode amá-las. Que é que vos impele a essa labuta de escravo, a despeito da vossa repugnância tão evidente quão compreensível?*

KRISHNAMURTI: Não, senhores, não há essa repugnância que dizeis óbvia e compreensivel. Não sinto repulsa alguma. Vejo tudo isso simplesmente como um fato. Um fato nunca é feio. Enquanto falais muito sèriamente, um homem pode estar coçando a orelha ou balançando as pernas, ou olhando em tôrno de si. Vós notais êsse fato, simplesmente, e não ficais revoltado por sua causa. Não desejais evitá-lo, nem o detestais. Um cheiro é um cheiro: nós o percebemos, simplesmente. É de suma importância compreender êsse ponto. Perceber um fato como um fato é uma importante realidade. Mas no momento em que o lamento, em que o evito, em que lhe dou um nome, um conteúdo emocional, há naturalmente repugnância, há o desejo de evitá-lo, e surge a resistência. Ora, tal não é absolutamente a minha atitude e parece-me que o interrogante me

conhece mal. É como ver uma pessoa com um *sari* vermelho ou um casaco branco; mas, se damos um conteúdo emocional ao vermelho e ao branco, dizendo que êste é belo e aquele é feio, somos então repelidos ou atraídos.

A parte essencial desta pergunta é: porque falo? Porque me sacrifico, se não amo as pessoas de "rostos inexpressivos, desejos petrificados, lembranças pútridas etc."? E o interrogante diz que ninguém as pode amar. Ora, nós amamos as pessoas, ou existe o amor? O amor é independente das pessoas e por isso amamos as pessoas, ou estamos em "estado de amor"? Entendeis o que quero dizer? Se digo "amo as pessoas" e trabalho como escravo, e me sacrifico, fazendo conferências, então as pessoas se tornam muito importantes, e não o amor. Isto é, se tenho a intenção de vos converter a uma determinada crença e trabalho nêsse sentido como um escravo, da manhã à noite, porque penso que sereis felizes se crerdes na minha fórmula, é então a fórmula, a crença, que eu amo, e não a vós. Suporto então com paciência tôda a fealdade, "os desejos petrificados e a atmosfera mal cheirosa" e digo que isso faz parte dos meus misteres; tórno-me um mártir do meu credo, que creio benéfico para vós. Nêsse caso, amo a minha crença; e como a minha crença é minha própria projeção, amo a mim mesmo. Afinal de contas, o homem que ama uma crença, uma idéia, um plano, identifíca-se com essa fórmula, que é uma projeção de si próprio. Nunca êsse homem se identifica com uma coisa que não aprova. Se gosta de si, êsse mesmo gostar é sua própria projeção.

Agora, se me é possível dizê-lo sem ser pessoal, o meu caso é de todo diferente. Não estou procurando converter-vos, catequizar-vos, não estou fa-

zendo propaganda contra nenhuma religião. Estou apenas expondo os fatos, porque me parece que basta a compreensão dêsses fatos para ajudar um homem a viver mais feliz. Quando amais uma coisa, quando amais uma pessoa, qual é o vosso verdadeiro estado? Amais a pessoa, ou estais em "estado de amor"? Por certo, a pessoa só vos atrai ou repele, quando não vos achais naquele estado. Quando estais naquele "estado de amor" não existe repugnância. Êle é como uma flor que exala o seu perfume: perto dela uma vaca pode ter deixado a sua marca, mas a flor continua a ser uma flor, a exalar perfume. Mas vem um homem e, vendo o excremento da vaca ao lado da flor, considera-o de modo diferente. Senhor, nesta pergunta está contido todo o problema da atração e da repulsão. Queremos ser atraídos, isto é, identificar-nos com aquilo que é agradável, e evitar aquilo que é feio. Mas se simplesmente consideramos as coisas como elas são, o fato em si nunca é repelente: é simplesmente um fato. Um homem que ama está todo entregue ao seu amor, não lhe importando se as pessoas têm "rostos inexpressivos, desejos petrificados e lembranças pútridas". Não o sabeis, senhores? Quando amais alguém, em verdade o seu aspecto não importa muito, não importa se tem um rosto inexpressivo ou um rosto belo. Quando há amor, isso é de somenos importância. Embora observeis os fatos, os fatos não vos repugnam. Não é o amor, mas, sim, o coração vazio, o espírito árido, o intelecto endurecido, que é repelido ou atraído. E quando uma pessoa ama não há escravização. Há sempre uma renovação, uma fresca vitalidade, uma alegria não no falar, não no emitir uma porção de palavras, mas naquele próprio estado. É quando não amamos que essas coisas assumem importância — se a pessoa

é atraente ou repelente, se seu rosto é disforme ou belo, etc. etc.

Assim, pois, não importa saber por que razão "lãbuto como um escravo". Nosso problema resulta de que não temos amor. Porque os nossos corações estão vazios, as nossas mentes embotadas, cansadas, procuramos encher o coração vazio com as coisas feitas pela mente ou pela mão; ou recitamos palavras, *mantrams*, e praticamos *pujas*. Mas essas coisas não nos encherão o coração; pelo contrário, o esvaziarão de tudo o que porventura contenha. O coração só pode encher-se quando a mente está tranquila. Quando a mente não está criando, fabricando, quando não está cativa das idéias, só então o coração está vivo. Sabemos então o que significa possuir aquêle calor, a plenitude que há em segurar a mão de outra pessoa.

PERGUNTA: Tôda carícia não é sexual? O sexo não é todo uma forma de revitalização, pela interpretação e o intercâmbio? A simples troca de olhares amorosos é também um ato sexual. Porque verberais o sexo, associando-o ao vazio das nossas vidas? As pessoas vazias conhecem o sexo? Só conhecem a descarga.

KRISHNAMURTI: Receio que só as pessoas vazias conhecem o sexo, porque o sexo, para elas, é uma fuga, um mero alívio. Chamo vazia a pessoa que não tem amor; e para ela o sexo se torna um problema, uma questão importante, uma coisa que se deve evitar ou satisfazer. O coração está vazio, quando a mente está repleta de suas próprias idéias, invenções e mecanizações. Porque a mente está cheia o coração está vazio; e é só o coração vazio que conhece o sexo. Senhores, ainda não o notas-

tes? Um homem afetuoso, um homem cheio de ternura, de bondade, consideração, não é sexual. É o homem intelectual, o homem cheio de saber — pois o saber é diferente da sabedoria — o homem que tem planos, que quer salvar o mundo, que está cheio de intelecto, cheio de produtos da mente — é êsse homem que é dominado pelo sexo. Porque sua vida é superficial e seu coração vazio, o sexo cresce de importância: é o que está sucedendo, na civilização atual. Cultivamos em excesso o intelecto, e a mente ficou presa às suas próprias criações, como o rádio, o automóvel, os divertimentos mecanizados, o saber técnico, e os vários gostos a que a mente se entrega. Para a mente assim cativa, só há uma possibilidade de libertação, que é o sexo. Senhores, considerai o que se passa dentro de cada um de vós; não olheis para outra pessoa. Examinai as vossas próprias vidas, e vereis como estais envolvidos neste problema, como é extraordinàriamente vazia a vossa vida. Que é a vossa vida, senhores? Árida, vazia, monótona, enfadonha, não é verdade? Frequentais os vossos escritórios, executais as vossas tarefas, recitais os vossos *mantrams*, praticais os vossos *pujas*. No escritório, sois homens embotados, tendes de obedecer a uma rotina; estais mecanizados pela vossa religião, que é mera aceitação da autoridade. Assim, religiosamente, no mundo dos negócios, em vossa educação, em vossa vida cotidiana, que está acontecendo realmente? Não há "estado de ser" criador. Não sois felizes, não tendes vitalidade, não tendes alegria. Intelectual, religiosa, econômica social e politicamente, sois entes embotados, arregimentados, não é verdade? Essa arregimentação é produto de vossos próprios temores, de vossas próprias esperanças, vossas próprias frustrações. E como para o ser humano assim cativo não há pos-

sibilidade de libertação, êle naturalmente recorre ao sexo, como meio de libertação: nêle pode satisfazer-se, nêle pode buscar a felicidade. Torna-se assim o sexo, automàticamente, um hábito, uma rotina, um processo de embrutecimento. Tal é a vossa vida, na verdade, se a considerardes devidamente, se não procurardes evitá-la, se não procurardes escusá-la. O fato real é que não sois criador. Podeis ter filhos, numerosos filhos, mas isso não é ação criadora, é mera ação acidental da existência.

Assim, como pode ser criadora uma mente que não está vigilante, que não tem vitalidade? Como pode ser criador um coração que não é afetuoso, que não está cheio? E como não sois criadores, buscais estímulo no sexo, nos divertimentos, nos cinemas, nos teatros, vendo os outros representarem e permanecendo espectadores; outros pintam os cenários ou dançam, e vós não passais de meros observadores. Isso não é criação. Anàlogamente, tantos livros se imprimem no mundo, porque vós só ledes, não sois criadores. Quando não há criação, a única libertação é através do sexo, e, consequentemente, aviltais a vossa espôsa ou o vosso marido. Senhores, não tendes idéia do que tudo isso subentende, da maldade, da crueldade, que há nisso. Sei que não vos dá confôrto o que estou dizendo. Não estais pensando a fundo na questão. Estais fechando o vosso espírito e por esta razão o sexo se tornou um problema imenso na moderna civilização — ou a promiscuidade, ou o hábito mecânico da libertação pelo sexo, no matrimônio. O sexo continuará a ser um problema, enquanto não houver "estado de ser" criador. Podeis praticar o contrôle de nascimentos, podeis adotar métodos vários, mas não estais livres do sexo. Sublimação não é liberdade, supressão não é liberdade, contrôle não é liberdade. Só há liberdade quando há afeição,

quando há amor. O amor é puro, e quando êle falta, o esfôrço para vos purificardes pela sublimação do sexo é pura estupidez. O fator que purifica é o amor, não é o desejo de ser puro. Um homem que ama é puro, ainda que seja sexual; e sem o amor, o sexo há de ser sempre o que hoje é nas nossas vidas — uma rotina, uma prática feia, uma coisa que devemos evitar, ignorar, afastar, ou satisfazer.

O problema do sexo continuará, portanto, a existir, enquanto não vier a libertação criadora. Religiosamente, não pode haver libertação criadora, se aceitais a autoridade, seja a da tradição, seja a dos livros sagrados ou dos sacerdotes; porque a autoridade constrange, desfigura, perverte. Onde há autoridade, há compulsão, e vós aceitais a autoridade, porque esperais alcançar a segurança pela religião; e enquanto a mente andar em busca da segurança, intelectual ou religiosamente, não haverá compreensão criadora, não haverá libertação criadora. É a mente, o mecanismo da mente que está sempre em busca de segurança, que sempre deseja a certeza. A mente está em perene movimento do conhecido para o conhecido; e o mero cultivo da mente, do intelecto, não traz a libertação. Pelo contrário, o intelecto só é capaz de apreender o conhecido, e nunca o desconhecido. Por conseguinte, o mero cultivo da mente, pela aquisição de mais e mais conhecimentos, mais e mais técnica, não é criador. A mente que deseja ser criadora, deve pôr de parte o desejo de estar em segurança, que implica o desejo de autoridade. A verdade só pode surgir quando a mente está livre do conhecido, quando a mente está livre da idéia da segurança, do desejo de certeza. Mas considerai nosso sistema de educação: fazer exames para conquistar empregos, para an-

tepor algumas letras ao nosso nome. A educação se tornou sobremodo mecânica, um mero cultivo da mente, que é memória. Por êsse caminho, tão pouco, não alcançaremos a liberdade.

Vemos, pois, que, socialmente, religiosamente, de tôdas as maneiras, estais presos. Por conseguinte, se um homem deseja resolver o problema do sexo, precisa desembaraçar-se dos pensamentos por êle próprio criados; nêsse estado de liberdade, há fôrça criadora, que é a compreensão nascida do coração. Quando um homem ama, há castidade; é a falta de amor que é impura, e sem o amor nenhum problema humano pode ser resolvido. Mas, em vez de procurarmos compreender os obstáculos ao amor, procuramos apenas sublimar, reprimir o apetite sexual, ou para êle buscamos um substituto, e á substituição, à sublimação, ou à repressão chamamos o meio de atingir a realidade. Ao contrário, onde há repressão não existe compreensão; onde há substituição, há ignorância. Nossa dificuldade resulta de que estamos presos a êsse hábito de conter, de reprimir, de sublimar. Positivamente, temos de considerar êsse hábito, tomar pleno conhecimento do seu significado, não por uns poucos momentos, mas pela vida tôda. Precisamos perceber que estamos aprisionados na máquina da rotina; e para nos libertarmos dela é necessária a compreensão, o autoconhecimento. Por conseguinte, importa que compreendamos a nós mesmos. Mas essa compreensão se torna sobremodo difícil se não temos a intenção de estudar e compreender a nós mesmos. O problema do sexo, atualmente tão importante, em nossos dias, tão vasto, em nossas vidas, perde o seu significado, quando existe a ternura, o calor, a bondade, a compaixão do amor.

PERGUNTA: Tendes certeza de que não é o mito da vossa missão de "Instrutor do Mundo" que vos mantém em atividade? Em outras palavras: não sois leal ao vosso passado? Não existe em vós um desejo de preencher as muitas expectativas em vós depositadas? Não constituem elas um obstáculo para vós? Como podereis prosseguir, se não destruirdes o mito?

KRISHNAMURTI: O mito dá vida, uma vida espúria, uma vida de impotência. Torna-se o mito necessário quando não há compreensão da verdade, em cada minuto. A vida da generalidade das pessoas é guiada pelos mitos, o que significa que elas crêem em alguma coisa, sendo a crença um mito. Crêem-se "Instrutores do Mundo", ou seguem um ideal, ou têm uma mensagem para o mundo, ou crêem em Deus, ou se consagram à fórmula esquerdista para o govêrno do mundo, ou à direitista. A generalidade das pessoas está prêsa a um mito, e se se lhes tira o mito, torna-se vazia a sua vida. Senhores, se vos forem tomadas tôdas as vossas crenças, todos os vossos títulos, tôdas as vossa posses, tôdas as vossas lembranças, que sois vós? Sois entes vazios, não é verdade? Por isso, as vossas posses, as vossas idéias, as vossas crenças, são mitos a que tendes de apegar-vos, pois do contrário estareis perdidos.

Ora, o interrogante deseja saber se não é o mito da missão de "instrutor do mundo" que me mantém em atividade. Em verdade, não me interessa se o sou ou se não o sou; não me interessa principalmente porque o que mais me importa é descobrir o que *é* e perceber a verdade do que *é*, momento por momento. A verdade não é uma continuidade. O que continua tem sempre fim, o que continua conhece

a morte. Mas o que *é* existe momento por momento, é eterno, é atemporal, e ter a percepção daquilo que é verdadeiro, momento por momento, significa estar em "estado de eternidade". Para conhecermos o eterno tem de haver a vida momento por momento, e não a vida contínua; porque o que continua tem fim, ao passo que aquilo que vive momento por momento, sem o resíduo de ontem, é atemporal — e isso não é mito algum. Aquele estado só é possível quando não somos leais ao passado, porque é o passado, o ontem, que corrompe, que destroi, que obsta ao presente, que é agora, hoje. O ontem se serve do hoje como de uma passagem para o amanhã. É assim que o passado molda o presente e projeta o futuro; e êsse processo, essa continuidade da mente, conhece a morte, e a mente nessas condições nunca descobrirá realidade.

Assim, não é nem o mito, nem a lealdade ao passado, nem o desejo de preencher as expectativas em mim depositadas, que me mantêm em atividade. Pelo contrário, são até obstáculos. As expectativas, o passado e a lealdade ao passado, o apêgo a um rótulo, constituem uma influência perturbadora, dão uma vida fictícia. É por tal razão que as pessoas que crêem num mito são muito ativas e entusiásticas. Não conheceis pessoas que crêem em mitos? Trabalham, trabalham, trabalham, e quando cessam de trabalhar, está tudo acabado para elas. Considerai o homem que trabalha, juntando dinheiro: êsse é o seu mito. Quando se retira aos cinquenta ou sessenta anos, declina ràpidamente, porque lhe foi retirado o seu mito. O mesmo acontece com o guia político; tomai-lhe o seu mito, e vereis com que rapidez êle declina e se desintegra. E a mesma coisa acontece ao homem que crê numa coisa qualquer. Duvidai da sua crença, impugnai-a, condenai-a, ti-

rai-lh'a, e ei-lo liquidado. Por conseguinte, a crença, a lealdade ou apêgo ao passado, ou o viver para satisfazer uma expectativa, tudo isso é obstáculo.

Desejais saber porque continuo em atividade? É porque sinto que tenho algo para dizer. E há também a natural afeição por alguma coisa, o amor à verdade. Uma pessoa que ama está sempre ativa; e o amor não é um mito. Podeis construir um mito em tôrno do amor, mas para o homem que conhece o amor, o amor não é mito. Pode estar só num quarto, ou sentado numa cátedra, ou cavando num jardim — para êle é tudo a mesma coisa, porque seu coração está cheio. É como têrmos um pôço em nosso jardim, sempre cheio de água fresca, água que mitiga a sêde, água que purifica, água que lava a corrupção; e um tal amor não é mera rotina mecânica, não é ir de reunião para reunião, de discussão para discussão, de entrevista para entrevista. Isso seria fastidioso, e eu não poderia fazê-lo. Fazer uma coisa que se transforma em rotina é autodestruição.

Senhores, quando amardes, quando vosso coração estiver cheio, sabereis o que significa pelejar sem esfôrço, viver sem conflito. A mente que não ama, é sensível à lisonja, deleita-se com a adulação e evita o insulto — essa mente necessita das multidões, de uma tribuna, de confusão; mas a mente, o coração em tais condições nunca conhecerá o amor. Para o homem cujo coração está cheio das coisas da mente, o seu mundo é um mundo de mito, e de mitos êle vive; mas o homem que está livre dos mitos, êsse conhece o amor.

8 de agosto de 1948.

VII

PENSO que, compreendendo a vida de relação, chegaremos a compreender o que significa independência. A vida é um processo de constante movimento de relações, e sem se compreender a vida de relação, produziremos confusão, e luta, e esforços inúteis. Assim sendo, releva compreender o que significa vida de relação; porque são as relações que constituem a sociedade, e não é possível o isolamento. O que se isola, logo perece.

Nosso problema, pois, não é o de sabermos o que é a independência, mas, sim, o que significa a vida de relação. Com a compreensão da vida de relação, que é a conduta entre seres humanos, quer íntimos, quer estranhos, quer próximos, quer distanciados, começaremos a compreender todo o processo da existência e do conflito entre o cativeiro e a independência. Cumpre-nos, pois, examinar com muito cuidado o que significa vida de relação.

A vida de relação não é no presente um processo de isolamento e, portanto, de conflito constante? As relações entre vós e outra pessoa, entre vós e vossa espôsa, entre vós e a sociedade, são produto dêsse isolamento. Por isolamento queremos dizer que vivemos a tôdas as horas em busca de segurança, de satisfação e de poder. Afinal de contas, cada um de nós, em suas relações com alguém, busca a satisfação; e onde existe a busca de confôrto, de segurança, quer se trate de uma nação, ou de um indivíduo, tem de haver isolamento, e o que está no

isolamento provoca sempre conflito. Tudo o que resiste produz necessàriamente conflito entre si e aquilo a que está resistindo; e, visto que, na maioria dos casos, as nossas relações constituem uma forma de resistência, criamos uma sociedade que gera, necessariamente, o isolamento e, portanto, conflito, dentro e fora dêsse isolamento. Precisamos, pois, examinar as relações e sua função em nossas vidas. Afinal de contas, o que eu sou — minhas ações, meus pensamentos, meus sentimentos, meus impulsos, minhas intenções — produz aquela relação entre mim e outra pessoa, o que chamo sociedade. Não existe sociedade sem essa relação entre duas pessoas; e antes de podermos falar de independência, de agitar bandeiras, e tudo o mais, cumpre-nos compreender a vida de relação, o que significa que devemos examinar a nós mesmos em nossas relações com os outros.

Ora, se examinamos a nossa vida, as nossas relações com os outros, veremos que são um processo de isolamento. Na realidade não nos importamos com os outros. Embora falemos muito a tal respeito, o fato é que não nos importamos. Vivemos em relação com alguém só enquanto essa relação nos satisfaz, enquanto nos proporciona um refúgio, enquanto nos apraz. Mas, no momento em que ocorre em nossas relações uma perturbação que gera desconfôrto em nós, abandonamos essas relações. Por outras palavras, só existem relações, enquanto nos dão prazer. Pode parecer severo isso, mas se realmente examinardes, com muita atenção a vossa vida, vereis que é um fato; e evitar um fato é viver na ignorância, e isso nunca produzirá relações adequadas. Assim, se examinamos as nossas vidas e observamos as nossas relações, vemos que elas constituem um processo em que levantamos resistência uns

contra os outros, em que erguemos uma muralha, por cima da qual olhamos e observamos os outros; mas conservamos sempre a muralha e permanecemos atrás dela, quer seja uma muralha psicológica, quer seja uma muralha material, uma muralha econômica, uma muralha nacional. Enquanto vivemos no isolamento, não há relações com outra pessoa; e vivemos fechados, porque isso nos dá muito mais satisfação, porque pensamos que é muito mais seguro. O mundo está tão cheio de divisão, há tanta aflição, tanta dor, tanta guerra, destruição, miséria, que desejamos fugir e viver dentro das seguras muralhas do nosso ser psicológico. Nessas condições, a vida de relação, para a maioria de nós, é deveras um processo de isolamento e é bem claro que tais relações hão de constituir uma sociedade também tendente ao isolamento. É isso mesmo que está acontecendo no mundo inteiro : permaneceis em vosso isolamento e estendeis a mão por cima da muralha, chamando a isso nacionalidade, fraternidade, ou o que quiserdes; mas o fato é que continuam a existir os governos soberanos e os exércitos. Isto é, apegados às vossas próprias limitações, pensais criar a unidade mundial, a paz mundial — o que é impossível. Enquanto tiverdes uma fronteira nacional, econômica, religiosa, ou social, é óbvio que não haverá paz no mundo.

Ora bem: o processo de isolamento é um processo de busca de poder. e, quer desejemos o poder para nós mesmos, quer o desejemos para um grupo nacional ou racial, haverá isolamento, pois o próprio desejo de poder, de posição, significa separatismo. Afinal de contas, é isso o que deseja cada um de nós, não é verdade? Cada um deseja uma posição poderosa, na qual possa exercer domínio, seja no lar, seja no escritório, seja num regime burocrático. Cada

um busca o poder, e consequentemente há de fundar uma sociedade baseada no poder — militar, industrial, econômico, etc. — o que também é óbvio. O desejo de poder não gera, por sua própria natureza, o isolamento? Julgo muito importante compreender isso; porque, se desejamos um mundo pacífico, um mundo sem guerras, sem destruição aterradora, sem aflições catastróficas, numa escala imensurável, temos de compreender essa questão fundamental, não achais? Enquanto o indivíduo busca o poder, seja em grande escala, seja em pequena escala, quer como Primeiro Ministro, como governante, como advogado, quer como simples marido ou espôsa, no lar, isto é, enquanto houver o espírito de domínio, o espírito de compulsão, o espírito de aquisição de poder, influência, não podeis deixar de criar uma sociedade que é o resultado de um processo de isolamento, porquanto o poder, por sua própria natureza, é um fator de separação. O homem afetuoso, bondoso, não tem o espírito do poder, e por conseguinte não está ligado a nenhuma nacionalidade, a nenhuma bandeira. Mas o homem em busca do poder, sob qualquer forma que seja, quer derivado da burocracia, quer da autoprojeção que êle chama Deus, continua preso a um processo de isolamento. Se examinardes muito atentamente esta questão, vereis que o desejo de poder, por sua própria natureza, é um processo de enclausuramento. Cada um está interessado na própria posição, na própria segurança, e enquanto existir êsse impulso a sociedade tem de estar baseada num processo de isolamento. Sempre que existe a busca do poder há o processo de isolamento, e aquilo que vive isolado cria necessàriamente o conflito. É isso mesmo que está acontecendo no mundo inteiro: cada grupo ambiciona o poder e está, com isso, isolando a si mesmo. Tal é o processo do

nacionalismo, do patriotismo, que leva, afinal, à guerra e à destruição.

Ora bem; sem relações não há possibilidade de existência; e enquanto as relações estiverem baseadas no poder, haverá o processo de isolamento, que inevitàvelmente gera conflito. Não há coisa tal como viver no isolamento: nenhum país, nenhum povo, nenhum indivíduo pode viver em isolamento; todavia, porque viveis em busca do poder, por tantas maneiras diferentes, criais o isolamento. O nacionalista é uma maldição, porquanto, em virtude do seu espírito nacionalista, patriótico, está levantando uma muralha de isolamento. Tão identificado está com a sua nação, que ergue uma muralha contra outra nação. E que acontece, senhores, quando levantamos uma muralha contra alguma coisa? Esta coisa fica constantemente a chocar-se contra a muralha. Quando resistis a alguma coisa, a vossa resistência é uma indicação de que estais em conflito com essa coisa. Está visto, pois, que o nacionalismo, que é um processo de isolamento, que é o resultado da busca do poder, não pode implantar a paz no mundo. O homem que é nacionalista e fala de fraternidade está mentindo, está vivendo em estado de contradição.

Ora, a paz é essencial no mundo, pois, do contrário, seremos destruídos. Uns poucos escaparão, mas haverá uma destruição sem paralelo, a menos que resolvamos o problema da paz. A paz não é um ideal. Todo ideal, como já vimos, é fictício. O que é real tem de ser compreendido, e essa compreensão do real é impedida pela ficção a que chamamos ideal. O fato real é que cada um está em busca do poder, de títulos, de posições de mando, etc. — sendo tudo isso disfarçado, de várias maneiras, com palavras bem intencionadas. Êsse problema é vital, não é

um problema teórico, não é um problema susceptível de adiamento: êle exige ação imediata pois é bem evidente que a catástrofe se aproxima. Se ela não vier amanhã, virá no ano próximo, ou um pouco mais tarde, porque o impulso do processo de isolamento já existe. E todo aquêle que medita sôbre isso tem de atacar a raiz do problema, que é a busca individual de poder, que cria o grupo, a raça, a nação, todos ambiciosos de poder.

Ora, pode uma pessoa viver no mundo sem o desejo de poder, de posição, de autoridade? Pode, é claro. Uma pessoa o faz, quando não se identifica com algo maior do que ela. Esta identificação com algo maior — o partido, a nação, a raça, a religião, Deus — é o desejo de poder. Porque, em vós mesmos, sois vazios, inertes, fracos, gostais de identificar-vos com algo que seja maior do que vós. Êsse desejo de vos identificardes com uma coisa maior é o desejo de poder. Eis porque o nacionalismo ou qualquer espírito comunalista representa uma maldição tão grande no mundo; é sempre o desejo de poder. Assim, o que mais importa, para a compreensão da vida, e portanto das relações, é descobrir o motivo que impele cada um de nós; pois o que êsse motivo é, o ambiente também é. Êsse motivo produz paz ou destruição no mundo. É por conseguinte de grande importância que cada um de nós fique cônscio de que o mundo está em estado de aflição e destruição e compreenda que, se consciente ou inconscientemente, estamos em busca do poder, estamos contribuindo para a destruição e, logo, nossas relações com a sociedade serão um constante processo de conflito. Há múltiplas formas de poder: êle não significa apenas a aquisição de posição, e de riquezas. O próprio desejo de sermos alguma coisa é uma forma de poder, que acarreta isolamento e

portanto conflito; e, a não ser que cada um compreenda o motivo, a intenção de suas ações, a mera legislação governamental é de mui pouca valia, porquanto o interior sempre há de superar o exterior. Podeis levantar exteriormente uma estrutura pacífica, mas os homens que a dirigirem a alterarão de acôrdo com sua intenção. Eis porque muito importa àqueles que desejam criar uma nova civilização, uma nova sociedade, um novo estado, eis porque muito importa que compreendam primeiro a si mesmos. Ao tornar-nos conscios de nós mesmos, dos nossos vários movimentos e flutuações interiores, compreenderemos os motivos, as intenções, os perigos que jazem ocultos; e só nêsse percebimento há transformação. A regeneração só poderá vir quando cessar a busca de poder; e só então poderemos criar uma nova civilização, uma sociedade não baseada no conflito, mas na compreensão. A vida de relação é um processo de auto-revelação, e se, sem compreendermos a nós mesmos, as tendências da nossa mente e de nosso coração, tratamos de estabelecer uma ordem externa, um sistema externo, uma fórmula astuciosa, isso tem muito pouco valor. Assim, o que importa é compreendermos a nós mesmos em nossas relações com os outros. As relações, nesse caso, se tornam, não um processo de isolamento, mas um movimento no qual descobrimos os nossos próprios motivos, nossos próprios pensamentos, nossos próprios interêsses; e êsse mesmo descobrimento é o comêço da libertação, da transformação. É só essa transformação imediata que pode produzir, no mundo, a revolução fundamental, radical que se torna tão premente. Uma revolução dentro das muralhas de isolamento, não é revolução. A verdadeira revolução só será possível depois de destruirdes as muralhas de isolamento, e isso só

ocorrerá quando não mais estiverdes em busca de poder.

Deram-me várias perguntas; tentarei responder a quantas for possível.

PERGUNTA: Posso continuar como funcionário do Govêrno, se desejo seguir o vosso ensino? Esta mesma pergunta tem cabimento com relação a várias outras profissões. Qual a verdadeira solução para o problema do meio de vida?

KRISHNAMURTI: Senhores, que significa "meio de vida"? É ganhar o suficiente para as nossas necessidades, que são alimento, roupa e morada, não é verdade? A dificuldade relativa ao meio de vida só surge quando nos servimos das coisas essenciais à vida — alimento roupa e morada — como meios de agressão psicológica. Isto é, quando me sirvo das necessidades, das coisas indispensáveis, como meios de engrandecimento pessoal, surge então o problema relativo ao meio de vida; e a nossa sociedade está essencialmente baseada, não no suprimento das coisas essenciais, mas no engrandecimento psicológico, no uso das coisas essenciais para expansão psicológica de nós mesmos. Senhores, tendes de pensar nisso a fundo, por uns instantes. Sem dúvida o alimento, o vestuário e o teto poderiam ser produzidos em abundância, pois para tanto há suficientes recursos científicos; mas o clamor pela guerra é maior, não apenas por parte dos mercadores de guerra, mas também por parte de cada um de nós, cada um de nós é violento. Há suficientes conhecimentos científicos para suprir tôdas as necessidades do homem; isso já foi calculado, e tudo poderia ser produzido em tal escala, que nenhum homem passaria necessidade. Mas porque não se realiza isso?

Porque ninguém se satisfaz apenas com alimento, roupa e morada; cada um quer mais. E êsse "mais" é o poder. Mas seria irracional ficarmos satisfeitos apenas com as coisas necessárias à vida. Ficaremos satisfeitos com as coisas necessárias, no seu sentido exato — que é estar livre do desejo de poder — quando tivermos encontrado o imperecível tesouro interior a que chamamos Deus, a verdade, ou como quiserdes. Se puderdes encontrar essas riquezas imperecíveis dentro em vós, vos sentireis satisfeito com poucas coisas, e essas poucas coisas podem ser fornecidas.

Mas, somos por desventura levados pelos valores sensoriais. Os valores dos sentidos se tornaram mais importantes do que os valores do real. Afinal de contas, tôda a nossa estrutura social, nossa civilização atual está essencialmente baseada nos valores sensoriais. Os valores sensoriais não são meros valores dos sentidos, mas valores do pensamento, porque o pensamento é também produto dos sentidos; e quando o mecanismo do pensamento, que é intelecto, é cultivado, há então em nós um predomínio do pensamento, que é também um valor sensorial. Assim, enquanto vivermos em busca do valor sensorial — do tato, do paladar, do olfato, da percepção, ou do pensamento — o exterior será sempre muito mais importante do que o interior; e a simples rejeição do exterior não nos dá acesso ao interior. Podeis repudiar o exterior e vos retirar para uma floresta ou uma caverna, e lá pensar em Deus; mas essa própria rejeição do exterior, êsse próprio pensar em Deus, é ainda de natureza sensorial, porque o pensamento está baseado nos sentidos, e todo o valor baseado nos sentidos trás, infalivelmente, a confusão, — como está acontecendo no mundo de hoje. O que é sensorial predomina, e en-

quanto a estrutura social estiver edificada nessa base será sempre muito difícil a escolha do meio de vida.

Qual é, então, o meio de vida correto? Esta pergunta só poderá ser respondida quando houver completa revolução na atual estrutura social, não uma revolução segundo a fórmula da direita ou a da esquerda, mas completa revolução de valores não baseados nos sentidos. Agora, aquêles que têm lazeres, como as pessoas mais idosas, aposentadas, que passaram os anos de mocidade procurando Deus ou várias formas de distração, se essas pessoas aplicassem realmente o seu tempo, as suas energias, em descobrir a solução correta, poderiam agir como intermediários, como instrumentos para a realização da revolução mundial. Mas isso não lhes interessa. Interessa-lhes a segurança. Trabalharam tantos anos para fazer jus às suas pensões que preferem passar confortavelmente o resto da vida. Dispõem de tempo, mas são indiferentes; só lhes interessa uma certa abstração chamada Deus e que nenhuma conexão apresenta com o real; sua abstração, porém, não é Deus, é uma forma de fuga. E os que vivem empenhados em incessantes atividades, êsses estão no meio da torrente e não dispõem de tempo para procurar as soluções dos vários problemas da vida. Assim, aquêles que se interessam por essas coisas, pela realização de uma transformação radical no mundo, resultante da compreensão de si próprios, — só dêles se pode esperar algo.

Senhores, é fácil reconhecer a profissão errada. Ser soldado, policial, ou advogado, é òbviamente uma profissão injusta — porque êsses vivem do conflito, da dissenção. E o grande negociante, o capitalista, vive da exploração. O grande negociante pode ser um indivíduo, ou pode ser o Estado; se o Estado se

incumbe de grandes negócios, não cessa de explorar a vós e a mim. E como a sociedade está baseada no exército, na polícia, na lei, no grande negociante, isto é, no princípio da dissenção, da exploração e da violência, como podemos sobreviver, vós e eu, que desejamos exercer uma profissão decente, justa? Temos crescente desemprêgo, exércitos cada vez maiores, fôrças policiais mais numerosas, com seus serviços secretos, os grandes negócios se hipertrofiam, formando vastas emprêsas que com o tempo passam às mãos do Estado — pois o Estado se tornou uma grande, emprêsa, em certos países. Dada essa situação de exploração, essa sociedade edificada sôbre a dissenção, como ireis encontrar um meio de vida correta? É quase impossível, não é verdade? Ou tendes de retirar-vos a formar com uns poucos uma comunidade autárquica, cooperativa, ou sucumbis a essa máquina formidável. Mas, como sabeis, a maioria de nós não tem verdadeiro empenho em encontrar o meio de vida correto. Cada um está interessado em obter um emprêgo e nele se manter, na esperança de promoções e de salários cada vez mais altos. Porque o que desejamos é segurança, garantia, uma posição permanente, e não a revolução radical. Não são os que estão satisfeitos consigo mesmos, os que estão contentes, mas só os aventureiros, que fazem experiência com a própria vida, com a própria existência, que descobrem as coisas reais, uma nova maneira de viver.

Assim, antes que possa haver um meio de vida correto, é necessário que se reconheçam os meios de vida evidentemente falsos: o exército, a advocacia, a polícia, as grandes emprêsas que aliciam as pessoas e as exploram, em nome do Estado, do capital, ou da religião. Quando percebeis o falso e o desarrai-

gais, há transformação, há revolução, e essa revolução pode criar uma nova sociedade. Procurar, como indivíduo, um meio de vida justo, é bom, é excelente, mas não resolve o vasto problema. O vasto problema só é resolvido quando vós e eu não estamos à procura de segurança. Não há coisa tal como a segurança. Que acontece quando procurais a segurança? Que está acontecendo no mundo, no presente? Tôda a Europa quer segurança, clama por segurança, e que sucede? Todos querem segurança por meio do seu nacionalismo. Afinal de contas, vós sois nacionalistas porque desejais a segurança, e pensais que por meio do nacionalismo a tereis. Já se tem provado repetidas vêzes que não se pode ter segurança por meio do nacionalismo, pois o nacionalismo é um processo de isolamento, provocador de guerras, sofrimentos e destruição. Assim o meio de vida justo, em vasta escala, deve começar com aquêles que compreendem o que é falso. Quando batalhais contra o falso estais criando o meio de vida justo. Quando batalhais contra tôda a estrutura da dissenção, da exploração por parte da esquerda ou da direita, ou contra a autoridade da religião e dos sacerdotes — essa é a profissão correta, no momento atual. Porque os que assim procedem criarão uma nova sociedade, uma nova civilização. Mas, para batalhar, precisais ver como tôda a clareza e precisão o que é falso, a fim de que o falso desapareça. Para descobrirdes o que é falso cumpre percebê-lo lùcidamente, observar tôdas as coisas que estais fazendo, pensando e sentindo; e, como resultado disso, não apenas descobrireis o que é falso, mas virá também uma nova vitalidade, uma nova energia, e essa energia determinará que espécie de trabalho deveis ou não deveis fazer.

PERGUNTA: Podeis expor sumàriamente os princípios básicos sôbre os quais se deve edificar uma nova sociedade?

KRISHNAMURTI: Posso expor os princípios básicos, pois isso é muito simples, mas não tem valor algum. O que tem valor é vós e eu descobrirmos juntos os princípios básicos sôbre os quais se deveria edificar uma sociedade nova; porque no momento em que descobrirmos, conjuntamente, êsses princípios básicos, existirá uma nova base de relações entre nós. Compreendeis? Já não serei o instrutor e vós o discípulo, ou vós o auditório e eu o conferencista — partiremos de uma base inteiramente diferente. Significará isso ausência de autoridade, não é? Seremos parceiros no descobrimento e, por conseguinte, estaremos em cooperação; logo, vós não me dominareis, não me influenciareis, nem eu a vós. Estaremos descobrindo juntos; e quando, tanto da vossa parte como da minha, houver a intenção de descobrir os princípios básicos de uma nova civilização, é óbvio que não haverá espírito autoritário. Por conseguinte, já teremos estabelecido um novo princípio, não achais? Enquanto houver autoridade nas relações entre pessoas, haverá compulsão; e pela compulsão nada se pode criar. Um govêrno que compele, um instrutor que compele, um ambiente que compele, não cria relações, mas apenas um estado de escravidão. Descobrimos agora, juntos, uma coisa, pois sabemos que tanto vós como eu desejamos criar uma nova sociedade em que não haja autoridade alguma; e isso tem enorme significação, já que a estrutura de nossa ordem social presente se baseia na autoridade. O especialista da pedagogia, o especialista da medicina, o especialista militar, o especialista em leis, o burocrata — todos nos domi-

nam. Os *Sastras* dizem *isso*, logo deve ser verdade; meu *guru* diz *isso*, logo deve estar certo e vou praticá-lo. Em outras palavras, numa sociedade em que há a busca do real, a busca da compreensão, a busca no sentido de estabelecer relações corretas entre dois entes humanos, não pode haver autoridade alguma. No momento em que repudiamos a autoridade, estamos em parceria, e há cooperação, há afeição — ao contrário do que acontece na presente estrutura social.

Hoje em dia, entregais vossos filhos ao educador, quando o próprio educador está necessitado de educação. Religiosamente, sois meras máquinas de imitar, de copiar. Em todos os sentidos, sois dominados, influênciados, compelidos, forçados. Como pode haver um estado de relação entre o explorador e o explorado, entre os que têm o poder e os que a êle estão submetidos? — a menos que vós mesmos desejeis a mesma espécie de poder; em tal caso, estais em relação com êsse poder. Mas se perceberdes que qualquer desejo de poder é, essencialmente, destrutivo, não haverá então relação alguma com aquêles que ambicionam o poder. Começamos, pois, a descobrir os princípios básicos sôbre os quais se pode edificar uma nova sociedade. É bem óbvio que um estado de relação baseado no domínio, não é estado de relação. Quando não existe domínio, autoridade, compulsão, que significa isso? Significa, é claro, que há afeição, que há ternura, que há amor, que há compreensão. Para que isso aconteça, o domínio tem de desaparecer. Mas podemos tratar disso mais tarde, se quiserdes ouvir-me. Pareceis irritados; talvez eu vos esteja contrariando um pouco. Mas quando sairdes daqui, ireis fazer exatamente a mesma coisa do costume, porque não estais interessados numa nova ordem básica. Desejais estar em

segurança, desejais galgar posições, ou conservar as posições que tendes, e desejais servir-vos delas para os vossos próprios fins, que julgais nobres. Mas isso é ainda uma forma de auto-expansão, de exploração.

A nossa dificuldade, portanto, nestas palestras e discussões, é que não estamos muito sèriamente interessados em tudo isso. Gostaríamos que as coisas fôssem alteradas, porém aos poucos, gradativamente, e de acôrdo com as nossas conveniências. Não desejamos ser muito perturbados, e por isso não estamos bàsicamente interessados numa nova cultura. O homem que tem êsse interêsse percebe como falsas as coisas que são òbviamente perniciosas, tais como a autoridade, a crença, o nacionalismo, o espírito hierárquico. Quando tudo isso é pôsto de parte, que acontece? Sois, meramente, um cidadão, um ente humano sem autoridade; e quando não tendes autoridade alguma tereis talvez amor e, por conseguinte, compreensão. É isso o que se requer: um grupo de indivíduos que compreendam, que tenham afeição, cujos corações não estejam cheios de palavras e frases ocas, cheios das coisas da mente. Serão eles os criadores de uma nova cultura e não o urdidor de palavras. Por conseguinte, é sumamente importante que cada um de nós veja a si mesmo no espelho da vida de relação, pois só daí pode resultar uma nova civilização.

PERGUNTA: Que devemos fazer para termos um govêrno deveras bom, e não simplesmente o govêrno "do povo pelo povo"?

KRISHNAMURTI: Senhores, para terdes um bom govêrno, deveis em primeiro lugar compreender o que significa "govêrno". Não façamos uso

de palavras sem "referente", palavras sem significação, sem algo em que se apoiem. A palavra relógio tem "referente", mas a expressão "bom govêrno" não o tem. Para acharmos o seu "referente", precisamos examinar o que significa "govêrno" e o que significa "bom". Mas dizer, simplesmente, o que é um "bom govêrno" não tem sentido algum.

Vejamos, pois, em primeiro lugar o que se entende por "bom". Não estou esmiuçando, não estou procedendo como um estudante discutindo numa união; porque é muito importante descobrirmos o que estamos falando, em vez de fazermos, simplesmente, emprêgo de palavras que pouca significação têm. Bem sei que nos nutrimos de palavras. Produz impressão dizermos que temos um govêrno "do povo pelo povo", e agitarmos a nossa bandeira — bem sabeis como é isso, como ficamos fascinados por palavras, quando os nossos corações e nossas mentes estão vazios. Verifiquemos, pois, o que significa "bom govêrno".

Que significa "bom"? "Bom" tem naturalmente um "referente", baseado no prazer ou na dor. "Bom" é o que dá prazer, "mau" o que causa dôr, quer exterior, quer interiormente (física ou psicològicamente). Isso é um fato. Estamos apreciando o fato, e não o que gostaríeis que êle fôsse. Visto que buscais o prazer sob várias formas: segurança, confôrto, poder, dinheiro — o fato é que o prazer é o que chamamos "bom"; e qualquer coisa que perturbe o estado de prazer, dizemos que "não é boa". Não estou discutindo filosòficamente mas com base na realidade. O prazer é o que desejais. Assim, evidentemente, chamais bom aquilo que vos dá segurança, confôrto, posição, poder, garantia. Estais compreendendo? Isto é, um bom govêrno é aquêle órgão que pode dar-vos o que desejais; e se o govêrno

não vos dá o que quereis, tratais de derrubá-lo — se não fôr um govêrno totalitário. Mas até mesmo um govêrno totalitário pode ser destruído, se o povo disser: "Não o queremos". Entretanto, nos dias de hoje é quase impossível a revolução física, porque os aviões e outras máquinas de guerra sem as quais não é possível, modernamente, uma revolução, estão nas mãos do govêrno. Assim, "bom" é aquilo que desejais, não é verdade? Senhores, não nos iludamos com palavras sôbre o "bem" abstrato e o "mal" abstrato. O fato é que, em vossa vida diária, chamais "bons", "nobres", "eficientes", etc., aquêles que vos dão o que desejais. O que desejais é satisfação, sob diferentes formas, e àquilo que vô-la pode dar, chamais benéfico.

O govêrno, portanto, é o órgão que criais com o vosso desejo, não é verdade? Isto é, o govêrno sois vós mesmos. O que sois, o govêrno é, — o que é um fato bem evidente no mundo. Detestais um determinado país e elegeis um govêrno que apóie o vosso ódio. Tendes inclinações comunalistas, e criais um govêrno com o vosso ponto de vista comunalista, — o que, mais uma vez, representa um fato bem óbvio, sôbre o qual não há necessidade de nos estendermos. Visto que o que sois o govêrno é, como podeis ter um "bom govêrno"? Só podeis ter um bom govêrno quando houverdes transformado a vós mesmos. Do contrário, o govêrno não passa de mera máquina administrativa, um grupo de pessoas que elegestes para vos darem aquilo que desejais. Dizeis que não desejais a guerra, mas nutris tôdas as causas geradoras da guerra, como o nacionalismo, o comunalismo, etc. Sendo esta a vossa condição, criais um govêrno, uma sociedade à vossa imagem e semelhança. E tendo criado êsse govêrno, o govêrno por

sua vez vos explora. Temos, pois, um círculo vicioso. Só pode haver um govêrno "bom" — não quero chamá-lo "bom" — só pode haver um govêrno são, quando fordes sãos. Senhores, não estejais a sorrir. Isso é um fato; não somos sãos, não somos criaturas humanas racionais, puras. Estamos desequilibrados, e por isso os nossos govêrnos são desequilibrados. Será que julgais, senhores, que, vendo o mundo inteiro avassalado pela aterradora catástrofe da guerra e a produção de máquinas de guerra, será que julgais que um homem são não deseja pôr têrmo a isso? Um homem são procura averiguar quais são as causas da guerra, em vez de dizer: "esta é minha pátria, e eu tenho de defendê-la" — o que é infantil e estúpido.

Pois bem: uma das causas da guerra é a avidez — a avidez por serdes algo maior do que vós — a qual vos leva a identificar-vos com a nação. Dizeis "sou hinduista", sou "budista", sou "cristão", sou "russo", isto ou aquilo. Esta é uma das causas da guerra. E um homem equilibrado diz: "Quero livrar-me dessa insana limitação, que leva sempre à destruição final". Precisamos primeiro criar sanidade, e não um plano de um govêrno novo, ou disso que chamais "govêrno bom", e para serdes sãos precisais saber o que sois, precisais tomar conhecimento de vós mesmos. Mas isso não vos interessa. O que vos interessa é agitar bandeiras, ouvir discursos ocos, ser estimulados. Tudo isso são sintomas de insanidade, e como podeis esperar um govêrno são, quando os cidadãos não estão inteiramente despertos, quando só estão semi-vigilantes e desequilibrados.

Senhores, se estais confusos, vós criareis o chefe confuso e ouvireis a voz dêsse homem confuso. Se não estais confusos, se estais lúcidos, não esperais

que o govêrno vos diga o que deveis fazer. Porque desejais um govêrno? Porque, não sabendo amar racionalmene, humanamente, precisais de alguém que vos diga o que deveis fazer; por essa razão multiplicam-se as leis — temos leis e mais leis, determinando o que devemos e o que não devemos fazer. A culpa, portanto, é vossa. Vós sois responsáveis pelo govêrno que tendes ou ides ter. Porque, a menos que vos transformeis radicalmente, o que sois o vosso govêrno é. Se tendes uma mentalidade comunalista, criareis um govêrno igual a vós. E que significa isso? Mais desordem, mais destruição.

Nessas condições, só haverá uma sociedade sadia, um mundo sadio, quando vós, como parte da sociedade, do mundo, vos libertardes, isto é, vos tornardes sadios. E só haverá sanidade, se abandonardes a autoridade, se vos livrardes do espírito nacionalista, do espírito patriótico, se tratardes os entes humanos como entes humanos, e não como brâmanes ou como indivíduos pertencentes a qualquer outra casta ou nação. E é impossível tratar os entes humanos como entes humanos se lhes dais rótulos, se os designais por um têrmo, se lhes dais um nome, como "hindú", "russo", isso ou aquilo. É muito mais fácil pôr etiquetas nos outros, porque então podemos passar por êles e dar-lhes pontapés, ou lançar bombas sôbre a Índia ou o Japão. Mas se não tendes rótulos, e ides ao encontro das pessoas simplesmente como seres humanos, que acontece então? Deveis estar muito despertos, ser muito sensatos, nas vossas relações com outro. Mas como não desejamos fazer isso, criamos um govêrno acomodado às nossas conveniências.

PERGUNTA: *Que é o amor eterno ou a morte? Que acontece ao amor, quando a morte lhe*

quebra a continuidade? Que acontece à morte, quando o amor reclama os seus direitos?

KRISHNAMURTI: Vamos, também aqui, verificar o que significa "morte" e o que significa "amor". Sinto muito enfastiar a alguns de vós, com essas coisas. Estais enfastiados?

Comentário do Auditório: Não, senhor.

KRISHNAMURTI: Isso me surpreende, porque discutimos coisas muito sérias. A vida é séria, a vida é muito séria. Apenas os que têm as cabeças vazias e os corações insensibilizados são superficiais; se vos enfadam as coisas sérias da vida, isso denota a vossa falta de madureza. Esta é uma questão que interessa a todo o mundo — ao ditador, ao político, a vós mesmos. Porque a morte está à espera de cada um de nós, quer nos agrade, quer não. Podeis ser um alto funcionário do govêrno, com títulos, riqueza, posição e prestígio, mas há sempre essa coisa inevitável, no fim. Que significa, pois, a morte? A morte, evidentemente, significa a terminação da continuidade, não é assim? Há uma morte física, que nos causa alguma ansiedade; mas não tem ela importância se podemos vencê-la, continuando a existir sob uma outra forma. Assim, quando fazemos perguntas concernentes à morte, o que nos interessa é saber se há ou não há continuidade. Mas qual é a coisa que continua? Evidentemente não é o vosso corpo, porque estamos vendo todos os dias que as pessoas que morrem são incineradas ou sepultadas. Temos em mente, por conseguinte, uma continuidade super-sensorial, uma continuidade psicológica, uma continuidade de pensamento, uma continuidade de

carater, denominada a alma, ou como quiserdes. Desejamos saber se o pensamento subsiste. Isto é, meditei, exercitei-me em tantas coisas, não acabei de escrever o meu livro, não completei minha carreira, sou fraco, e preciso de tempo para tornar-me forte, quero continuar o meu prazer, etc. e temo que a morte ponha fim a tudo isso. A morte, pois, é uma forma de frustração, não é verdade? Estou fazendo alguma coisa, e não desejo que isso acabe; desejo a continuidade a fim de preencher a mim mesmo. Ora, existe preenchimento através da continuidade? Sem dúvida há preenchimento de uma certa espécie na continuidade. Se estou escrevendo um livro, não desejo morrer antes de o concluir; preciso de tempo para criar uma certa personagem, etc. Por conseguinte, só há temor à morte quando há o desejo de preenchimento pessoal; porque para o preenchimento pessoal há de haver tempo, longevidade, continuidade. Mas, se sois capazes de preencher-vos momento por momento, não temeis a morte.

Ora, o nosso problema é como ter continuidade, a despeito da morte, não é certo? E vós desejais uma garantia da minha parte, e se não vos dou essa garantia, apelareis para outro qualquer, para um *guru,* para os vossos livros, ou para várias formas de distração e fuga. Vamos pois — vós me ouvindo e eu vos falando — vamos pois descobrir juntos o que de fato significa a continuidade, o que é que continua, e o que é que desejamos que continue. O que continua é òbviamente um desejo, um anelo, não é verdade? Não sou poderoso, mas gostaria de o ser; não construi minha casa própria, mas gostaria de a construir; não tenho aquêle título, mas gostaria de o adquirir; não juntei bastante dinheiro, mas o farei com o tempo; gostaria de achar a Deus, nesta

vida, etc. etc. A continuidade, pois, é um processo do desejo. Se se extingue êsse processo, chamais isso a morte. Desejais continuar o desejo, como um meio de realizar alguma coisa, como um processo pelo qual ireis preencher-vos. É bastante simples, isso, não achais? Ora, é bem óbvio que o pensamento subsiste, apesar da morte física. Isso já está provado. O pensamento é uma continuidade. Porque, afinal de contas, que sois vós? Sois, apenas um pensamento, não é verdade? Sois o pensamento de um nome, o pensamento de uma posição, o pensamento de dinheiro; sois mera idéia. Tirai a idéia, tirai o pensamento, e onde ficais? Vós sois, por conseguinte, uma incarnação do pensamento, como "eu". Ora, dizeis que o pensamento deve continuar, porque o pensamento vos dará a possibilidade de preencher-vos, que o pensamento irá por fim descobrir o real. Não é assim? Eis a razão por que desejais que o pensamento tenha continuidade. Desejais que o pensamento subsista, porque julgais que o pensamento irá descobrir o real, que chamais felicidade, Deus, ou como quiserdes.

Ora, pela continuidade do pensamento pode-se achar o real? Em outras palavras: Pode o processo do pensamento descobrir o real? Compreendeis o que quero dizer? Desejo a felicidade, e a busco sob várias formas — propriedade, posição, riquezas, mulheres, homens, ou o que quer que seja. Tudo isso representa o reclamo de um pensamento de felicidade. Ora, pode o pensamento encontrar a felicidade? Se pode, então o pensamento deve ter uma continuidade. Mas que é pensamento? O pensamento é, apenas, reação da memória, não é? Se não houvesse memória, não haveria pensamento, ficaríamos num estado de amnésia, de completa vacuida-

de — como a grande maioria das pessoas deseja estar. O pensamento hipnotiza a si mesmo e permanece num certo estado, que é um estado de vacuidade. Mas não estamos tratando do estado de amnésia: queremos descobrir o que é pensamento. O pensamento, se o considerardes com um pouco de atenção, é obviamente reação da memória; e a memória é o resultado de uma experiência não completada. Assim, através de uma experiência incompleta, pensais que ireis achar o que é completo, o todo, o real. Como é possível isso? Entendeis o que quero dizer? Senhores, não estais pensando a fundo nisso. Desejais saber se há ou se não há continuidade, e só isso; desejais uma garantia. Quando buscais uma garantia, buscais uma autoridade, uma satisfação — não desejais conhecer o real. É só o real que dará a libertação, e não uma garantia, ou uma afirmação de minha parte. Estamos procurando averiguar o que há de verdadeiro em tudo isso.

Uma vez que o pensamento é produto de uma experiência incompleta — porque, no sentido psicológico, vós não vos lembrais de uma experiência completa — como pode o pensamento, no seu estado condicionado, incompleto, descobrir aquilo que é completo? Estais entendendo? Nossa questão, pois, é se pode haver uma renovação, uma regeneração, uma nova vitalidade na continuidade do processo do pensamento. Afinal de contas, quando há renovação, não tememos a morte. Se para vós há renovação, momento por momento, não há morte. Mas há morte e o temor da morte, quando desejais uma continuidade do processo do pensamento. Sem dúvida só o pensamento pode continuar uma idéia de vós mesmo. Essa idéia é produto do pensamento, produto de uma mente condicionada; sendo produto do passado, o

pensamento está fundado no passado. E através do tempo, através da continuidade no tempo, encontrareis o atemporal? Consideramos, então, a continuidade como um meio de renovação, como um meio de realizar um novo estado. Se assim não fôsse, não desejaríamos a continuidade, não é exato? Isto é, só desejo a continuidade, se ela promete o novo estado; do contrário não a desejo, porque o meu estado atual é de sofrimento. Se na continuidade posso encontrar a felicidade, desejo a continuidade. Mas posso encontrar a felicidade através da continuidade? Só há a continuidade do pensamento, e o pensamento é reação da memória; e a memória é sempre condicionada, está sempre no passado. A memória é sempre morta, e só volta à vida por intermédio do presente. Por conseguinte, o pensamento, como continuidade, não pode ser um meio de renovação. Nessas condições, continuar o pensamento significa apenas continuar o passado sob forma modificada, e isso não é renovação. Logo, por êsse caminho não há esperanças. Só há esperanças, quando percebo a verdade de que pela continuidade não há renovação. E quando a percebo, que acontece? Em tal caso só me interessa pôr fim ao processo do pensamento, momento por momento — o que significa ser são! O processo do pensamento só cessa quando eu compreendo a falsidade do processo do pensamento como meio de alcançar um fim desejável, ou de evitar um resultado doloroso. Quando percebo o falso como falso, o falso desaparece. Quando o falso desaparece, qual é o estado da mente? A mente está então em estado de exaltada sensibilidade, de tranquilidade, porque não há temor. Que acontece, quando não existe temor? Existe amor, não é? É só no estado negativo que o amor pode existir, e não

no estado positivo. O estado positivo é a continuidade do pensamento na direção de um fim, e enquanto houver êsse estado, não haverá amor.

Deseja também saber o interrogante o que acontece ao amor quando a morte lhe quebra a continuidade. O amor não é uma continuidade. Se observardes a vós mesmos, se observardes o vosso próprio amor, vereis que o amor existe momento por momento. Não há a idéia de que êle deve continuar. O que continua é um obstáculo ao amor. Só o pensamento pode continuar, e não o amor. Podeis pensar no amor, e êsse pensamento pode perdurar; mas o pensamento sôbre o amor não é o amor — e aí é que está a vossa dificuldade. Pensais no amor e desejais que êsse pensamento continue; por isso perguntais: "Que acontece ao amor quando vem a morte?". Mas não estais interessados no amor; estais interessados no pensamento do amor, que não é amor. Quando amais, não há continuidade. É só o pensamento que deseja que o amor continui, mas o pensamento não é amor. Senhor, isso é importantissimo. Quando amais, quando realmente amais alguém, não estais pensando, não estais calculando; todo o vosso coração, todo o vosso ser está aberto. Mas quando apenas pensais no amor, ou na pessoa que amais, o vosso coração está árido — e por isso já estais morto. Quando há amor, não há temor da morte. O temor da morte é mero temor de não continuar, e quando há amor não há senso de continuidade. Há um "estado de ser".

Pergunta ainda o interrogante "Que acontece à morte, quando o amor reclama os seus direitos?". Senhores, o amor não tem direitos para reclamar, e essa é a beleza do amor. Aquilo que constitui o mais alto estado de negação não tem direitos para

reclamar, não tem exigências: é um "estado de ser". E quando há amor, não há morte. Só há morte quando intervém o processo do pensamento. Quando há amor não há morte, porque não há temor. E o amor não é um estado contínuo — o que, repetimos, é processo do pensamento. O amor *é*, simplesmente, momento por momento. Logo, o amor é sua própria eternidade.

15 de agosto de 1948.